# REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

# REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

Volume 3
2017
Anual

Goiânia - GO
Kelps, 2017

Copyright © 2017 by Academia Morrinhense de Letras

**Editora Kelps**
Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon
CEP 74.560 - 460 — Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
**BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS**

ACA Academia Morrinhense de Letras.
rev Revista da Academia Morrinhense de Letras / Academia Morrinhense de Letras (Org.) Ano 3, Volume 3 – Goiânia : Kelps, 2017.

178 p.: il.

ISSN: 2447-1437

1. Academia Morrinhense de Letras – Revista. 2. Literatura - Prosa e Poesia. Morrinhos (GO). I. Titulo

CDU: 050(817.3)

**DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
*Printed in Brazil*
2017

**ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS**

Fundada em 11 de dezembro de 2004
CNPJ: 07.740.371/0001-59
Praça Professor José Cândido nº 679, Centro – 1º Andar
CEP: 75650 – 000 Morrinhos – GO

**DIRETORIA DA AML**

Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
Vice Presidente: Wander Oliveira Melo
1ª Secretária: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
2ª Secretária: Leni de Andrade Oliveira Meireles
Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas
Bibliotecária: Francimar Bezerra de Almeida
Editor da Revista e ou Jornal: Wander Oliveira Melo
Secretário Adjunto de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira
Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

**REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS**
Publicação Anual

Diretor: Wander Oliveira Melo
Conselho Editorial: Presidente – Cleusa Marina Silva Freitas

Revisão: Cleusa Marina Silva Freitas
José Henrique Rodrigues Machado

Digitação: Wander Oliveira Melo
Capa: Wander Oliveira Melo
Diagramação: Victor Marques
Impressão: Editora Kelps Ltda.
Assessoria de Divulgação: Francimar Bezerra de Almeida
João Orlando Luiz de Oliveira
Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

# APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2017, a Academia Morrinhense de Letras publica a III edição de sua Revista Anual.

A Academia Morrinhense de Letras completa treze anos de existência, fundada em 11 de dezembro de 2004, com 25 cadeiras; cada cadeira estava sob o patrono de um vulto eminente da cultura morrinhense; 24 cadeiras foram ocupadas, tendo como primeiro presidente José Afonso Barbosa, que exerceu este cargo por dois mandatos.

Em 2007, o acadêmico Helenízio Antônio Marciano, tomou posse, e ocupou a cadeira nº 25.

Em 2016, por sugestão do acadêmico Eurico Barbosa, foram criadas mais 15 cadeiras, totalizando o número de 40.

Hoje, a AML é composta de 32 cadeiras ocupadas, de acordo com o quadro abaixo.

| Cadeiras | Acadêmicos | Patronos |
|---|---|---|
| 01 | Alaor Barbosa dos Santos | Guilherme Xavier de Almeida |
| 02 | Carmen Lúcia Freitas de Mendonça | Elodia Ribeiro Costa |
| 03 | Cleusa Marina Silva Freitas | Bruno José Vieira |
| 04 | Darcy Chaves Júnior | Senador Hermenegildo Lopes de Morais |
| 05 | Francimar Bezerra de Almeida | Vitória Troncoso |
| 06 | Ellen Carneiro do Vale | Maria Amabini de Morais |
| 07 | Wander Oliveira Melo | Raul Nunes da Silva |
| 08 | Antônio de Oliveira Ávila Júnior | José Modesto Oriente |
| 09 | Eurico Barbosa dos Santos | Taylor Oriente |
| 10 | José Henrique Rodrigues Machado | Cel. Fernando Barbosa |
| 11 | Graziela de Souza Reis | Maria Barbosa Reis |
| 12 | Hamilton Afonso de Oliveira | Humberto Jacinto Pereira |
| 13 | Helenês Cândido | José Cândido Ribeiro |
| 14 | José Afonso Barbosa | José Xavier de Almeida Júnior |
| 15 | Vanderlan Domingos Souza | Pedro Celestino da Silva Filho |

| | | |
|---|---|---|
| 16 | Lézia Amorim Canêdo | José Gumercindo Márquez Otero |
| 17 | Maria Madalena de Souza | José do Nascimento |
| 18 | Maria Purificação Freitas | Pedro Nunes da Silva Filho |
| 19 | Helenízio Antônio Marciano | Maria de Oliveira Lisboa Costa |
| 20 | Nilo Sérgio Troncoso Chaves | Zilda Diniz Fontes |
| 21 | Nilza Diniz Silva | José Mendes Diniz |
| 22 | Paulo Tárcio Martins | Florêncio Lopes Zedes |
| 23 | João Orlando Luiz de Oliveira | Violeta Metran |
| 24 | Sebastião Bento da Silva | Saturnino Sebastião de Azeredo |
| 25 | Selma Maria de Freitas | Alice Ferreira do Carmo |
| 26 | Edmo Nunes | Jair Luiz Ferreira (Chico Flor) |
| 27 | Enio Antônio da Silva | Agenor Braga |
| 28 | Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva | Adormevil Rocha |
| 29 | Fabiana Aparecida Nunes Tolêdo | Jair Martins do Carmo |
| 30 | Tênio do Prado | Maria Amélia Costa |
| 31 | Ivanor Florêncio Mendonça | José Elias Pereira |
| 32 | Leni de Andrade Oliveira Meireles | Flávio Cascão |

Ainda, estão vagas 08 cadeiras, que poderão ser preenchidas gradativamente.

Durante os primeiros anos, a AML não dispunha de sede própria e, provisoriamente, as reuniões aconteciam na residência da acadêmica Nilza Diniz Silva. Em 2011, na presidência de Helenízio Antônio Marciano, segundo presidente da AML, período 2010 e 2011, a instituição passou a ter seu abrigo em salas do antigo Fórum, praça Prof. José Cândido, cedidas pelo Prof. Cleumar Gomes de Freitas, então prefeito na época.

Atualmente, a AML é presidida pela acadêmica Carmen Lúcia Freitas de Mendonça, que foi empossada em 18 de março 2017, biênio 2017–2018.

AML tem apoiado lançamentos de livros, produzidos pelos seus membros e já está na VIII Edição da Noite Cultural, na ExpoMorrinhos.

Este ano, 2017, em vinte de outubro, foi realizada a I Edição do Circuito Cultural Arte e Literatura na Praça, bem como, o primeiro Concurso de Poesias, Troféu "Arara Canindé" em parceria com a Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos.

A presente revista contém trabalhos literários de vários acadêmicos e de pessoas da comunidade que, em parceria com a AML, divulgam suas experiências nas Letras.

São trabalhos que permitem confabular e estabelecer relações fraternas com os leitores.

Contêm prosa, poesias, crônicas poemas, etc.

Podemos considerar que este é um espaço que abraça um mundo recriado por obras literárias, cujo significado está na intimidade de cada um que se apropria da leitura e faz dela motivos para reflexões.

A AML se orgulha por proporcionar ao público morrinhense, leituras diversas e prazerosas e, aguarda sugestões de acertos para novas publicações.

**Carmen Lúcia Freitas de Mendonça**
Presidente

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE: ACADÊMICOS

Templos de Deus ..... 20
Arara Canindé ..... 21
Poetizar ..... 22

Tiririca ..... 23
Saudade ..... 24
Vermelho ..... 25

O Chinês da Feira ..... 28
A Árvore que Queria ser Menino ..... 29
À Cleusinha ..... 31

A Todos os Pais ..... 34

Eleição da Nova Diretoria da Academia Morrinhense de Letras – AML ..... 35
Rezando para as Almas ..... 36
Caminhos ..... 39
A Luz da Vela ..... 40

Os Correios, a Carta e o Selo ..... 41

Morrinhos: Presente, Passado e Futuro ..... 45

Atravessando o Mundo ..... 51
Brother I ..... 51
Brother II ..... 52
É... Ser ..... 52
Mundo Animal ..... 53
Novo Grito de Gol ..... 54
O Dia Está Chegando ..... 55
Poema Iluminado ..... 55

Poema Superação.....56
Poema do Céu.....57

Flores.....58
Olhar Triste.....58
Saudade.....59
Felicidade.....59
Coração Abafado.....60
De Repente.....61
O Seu Silêncio.....62
As Mudanças.....62
Dentro de Mim.....63

Pedro Jaboti.....64

O Céu de Chapecó Chorou.....68
O Cancioneiro e o Tempo.....69
Torquato, o Último Romântico de Pomares.....70
Olhos, A Janela da Alma.....70
O Poeta e o Folclore.....71
Simplesmente Cansei!.....72

Quero Sonhar.....75
O Dia e a Noite.....75
A Cruz é Leve.....76
Cubra-nos com o Teu Manto.....77
Sorria!.....78

A Cascavel e o Frango Caipira.....79
Construa uma "Igreja" Dentro de si Mesmo.....81
O Cabaré da Nega e o Senado Federal.....83
Reminiscências da Piscina do Jóquei Clube de Morrinhos.....85
Pescaria no Desconhecido.....88

Idas e Vindas.....90
Faço e Desfaço.....90
Constelação.....91
Causo.....92
Desincapetamento.....92

Mulher ..... 93
A Vida é Bela ..... 95

E Se Tudo Terminar na Sepultura? ..... 97
Gramática do Amor ..... 98
Para Onde é Que Eu Vou? ..... 99
Ser Velho... Dói? ..... 101
Toda Mulher Tem... ..... 102
Suas Carências ..... 103
Você não Pode ..... 105
Felicidade... ..... 105

Nada Como o Tempo ..... 106
Tianinha ..... 111

Meu Patrono Chico Flor ..... 113
Biografia ..... 114
A Desventura de João Cheiroso ..... 116

Biografia do Patrono Agenor Braga ..... 119
Biografia do Acadêmico: Enio Antônio da Silva – Cadeira nº 27 ..... 121
Cenário ..... 122
Jardim da Luz ..... 123

Ao Patrono Adormevil Rocha ..... 124
Biografia da Acadêmica: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva – Cadeira nº 28 ..... 125
Anjo Luz ..... 126
Pedaços de Mim ..... 126
O Primogênito da 3ª Geração ..... 127
Vozes ..... 128

Biografia do Patrono Jair Martins do Carmo ..... 129
Biografia da Acadêmica: Fabiana Aparecida Nunes de Tolêdo – Cadeira nº 29 ..... 130
Afetos Literários ..... 131

José Elias Pereira: Mineiro de Formação – Morrinhense de Coração ..... 135
Biografia do Acadêmico Ivanor Florêncio Mendonça – Cadeira nº 31 ..... 139
Carta aos Leitores ..... 144

Flávio Cascão – Patrono da Cadeira nº 32 ..... 146
Leni de Andrade Oliveira Meireles ..... 148
Autorretrato: Eu por mim ..... 149
Linha de Preguiçosa ..... 150

**SEGUNDA PARTE: ESCRITORES MORRINHENSES**

1º Concurso de Poesia "Arara Canindé" Promoção da AML – Academia Morrinhense de Letras ..... 155
1º lugar: Arara Canindé ..... 155
2º lugar: Arara Canindé, Troféu da Natureza ..... 156
3º lugar: Um amor para lembrar ..... 157

Clodoaldo ..... 158
Nossa Mãe ..... 159

O Golpe ..... 160
Louco ..... 161
Carcaça Vazia ..... 161
Marcas do Tempo ..... 162
Martírio ..... 163

Autonomia ..... 164
Bioética e Espiritualidade ..... 165
Contempla este meu Coração ..... 166
Festa do Divino ..... 167
Textos e Poesias ..... 168
Caráter, Virtude e Ética na Orientação Espiritual ..... 172

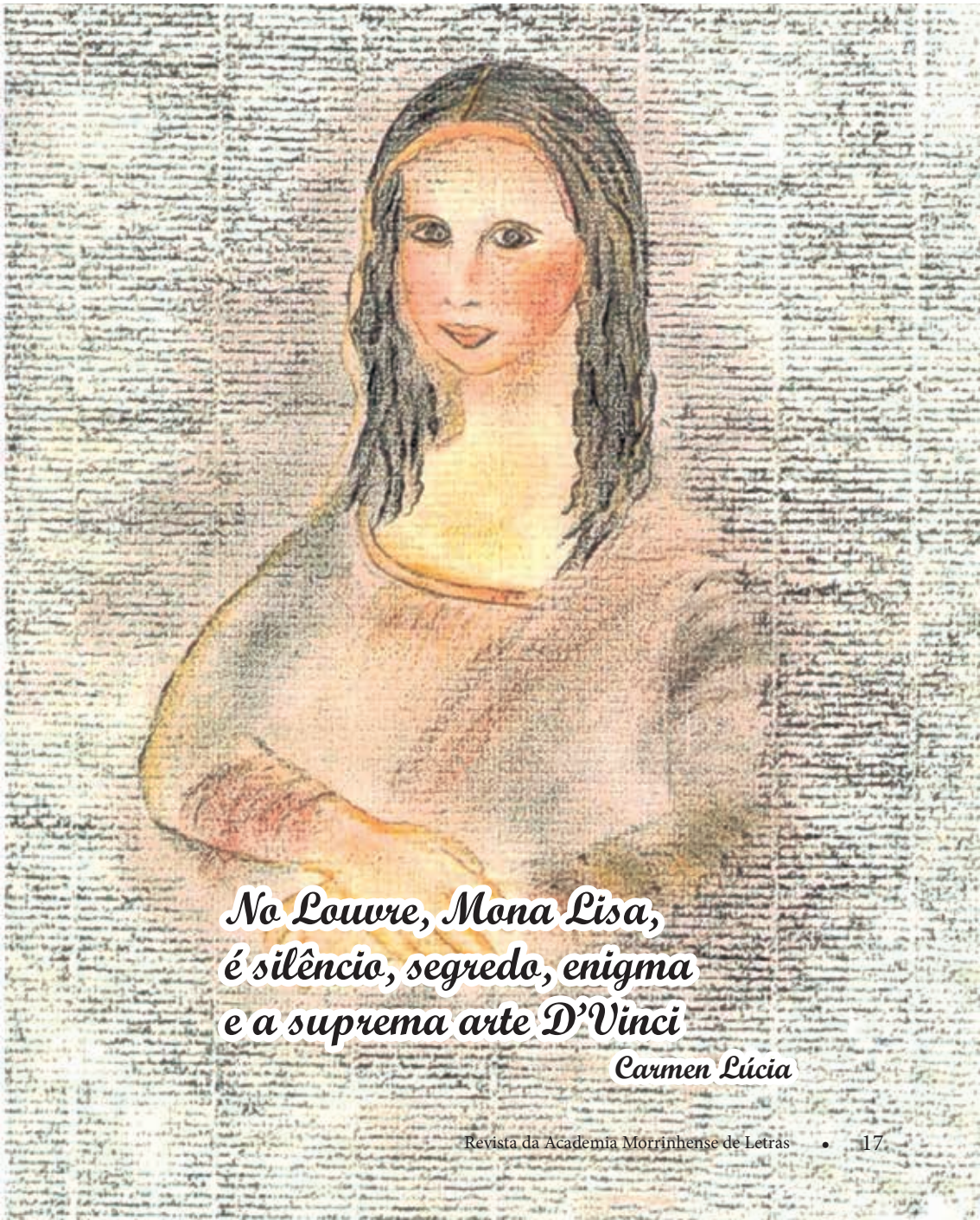
O Mistério de Itabua ..... 175
Delirios de Amor ..... 176

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 3 – 2017 – Anual

# PRIMEIRA PARTE

# ACADÊMICOS

# Releitura em Haicais



*No Louvre, Mona Lisa,*
*é silêncio, segredo, enigma*
*e a suprema arte D'Vinci*

*Carmen Lúcia*

Frida Kahlo pintava
A realidade, a paixão,
A dor e o amor.
Carmen Lúcia

Girassóis de Van Gogh
Repensados, desenhados,
E, no papel, fixados.

Carmen Lúcia

# Poemas

## TEMPLOS DE DEUS

**No velho mundo estão ornados com arte,**
**Ouro, prata e vitrais em profusão.**
**Inspiram elevado encantamento**
**Pureza, religiosidade e devoção.**
**O começo de tudo se encontra**
**Em tempo longínquo e remoto**
**Na era dos reis e das rainhas,**
**Suplicando amparo e sorte.**
**Catedrais foram edificadas**
**Agradecendo batalhas vitoriosas**
**O senhor ouvia as preces,**
**E os homens colhiam glórias**
**Suntuosidade e fé se fundem**
**Ressaltando maravilhas de artesãos.**
**Há estilos de variados períodos**
**E o mundo se curva, em admiração!**
**Ah! Este Velho Mundo!...**

**Carmen Lúcia**

# ARARA CANINDÉ

Na colorida aurora
As araras se despertam
Estufam o peito amarelo
Como se fossem para festa.

Planam bem alto
O espaço é o céu
Rastreiam alimentos
Voam de déu-em-déu.

Regougam e batem asas
Em ritmo acelerado
Um casal de Canindé
Só voam lado a lado.

Amemos estas araras
Azuis e amarelas
São parte da natureza
E estão entre as mais belas.

*Carmen Lúcia*

# POETIZAR

**Dizem ser o poeta**
**Um perfeito fingidor,**
**Da profícua imaginação**
**Transmite profunda dor.**
**É impossível escrever**
**Sem vagar no pensamento,**
**Numa alma sensível,**
**Minúsculo transtorno vira tormento.**
**Sonolentas lembranças,**
**Rabiscam sempre no papel,**
**Alma livre está vagando,**
**De porta em porta, bate no céu.**
**De alegria ou de tristeza**
**Há razões para ele sonhar,**
**O poeta é um incógnito**
**Faz do universo, o sonambúlico lar.**

Carmen Lúcia.

# TIRIRICA

Há mais de uma década, convivo com uma vira-lata denominada Tiririca. Aliás, não convivo, apenas a aceito, porque era do agrado dos meus três filhos – que adoram cachorros – e, para completar, hoje, as minhas netas a têm na ordem de membro familiar.

E essa amiga fiel passa por vários desafios: cultiva um câncer na região das mamas (ela é branquinha/branquinha) e já foi submetida a seis cirurgias que fecham as feridas por determinado tempo. Mas, ela resiste sempre, contrariando o prognóstico da veterinária que lhe aprazou incertos seis meses de vida... já se passaram mais de seis anos!

Eu aceito a Tiririca, apesar dela me contrariar na ordem natural da rotina de uma casa. Às vezes, esconde-se no meu quarto, literalmente se prega no piso de taco e, por mais que eu peça, ordene ou grite, ela não obedece à ordem de "dar licença" do espaço. Descobri que umas gotas de água sobre ela, faz com que "recubra" os sentidos de obediência: sai correndo!

Também tem o hábito de querer dormir sobre os tapetes limpos que depois serão usados na casa. Solta pelos e deixa aquele "cheiro de cachorro", os quais me incomodam demais. Outra característica excepcional: quando recebo uma visita ou alunos para aulas particulares, ela rosna, uiva e morde no calcanhar daqueles "estranhos" a ela.

Em contrapartida, quando se trata de ladrão que arromba a casa, destruindo até a porta de entrada, acredito que ela faz "festa" e abana o rabo, satisfeita, fazendo-se coparticipante do roubo. Acho que é vingança. Mesmo assim, tenho com ela uma obrigação de postura animalmente correta: ofereço comida, água, dormitório e a levo ao veterinário.

Não é que, dias atrás, Tiririca resolveu partir para o mundo dos animais! Fez a travessia de forma tranquila, dormindo, e seus olhos lindamente acinzentados não mais se abriram diante daquelas orelhas em pé.

Qual a minha surpresa: que sentimento cinzento ao sentir a falta de um (quase) membro familiar...

Cleusa Marina Silva Freitas.

# SAUDADE

Lembro-me, nitidamente, da minha primeira visita à Biblioteca "Prof. José Cândido". Quem me orientou a me dirigir até o local, foi a minha Tia Terezinha e o Sr. Chico Horácio, os quais muito me incentivavam a ler. Lá, fui atendida pela jovem Maria Augusta de Souza – mais tarde, designada Delegada de Ensino. Não me esquecerei jamais de sua polidez e determinação, em meio a uma beleza morena ornada por longos cabelos.

Recebeu-me, indagou-me sobre o motivo de minha visita e solicitou que me assentasse à sua frente, para preenchimento de uma Ficha de Empréstimo de Livros. Em seguida, levou-me até às prateleiras onde estavam guardados e organizados em ordem alfabética por autores, os ainda parcos livros daquela fonte de conhecimento. Havia uma separação de livros, identificados por natureza: romances, pedagógicos e de conhecimento gerais.

Meu olhar pesquisou a quantidade de números e, para mim, naquela época, era grandiosa demais. Nunca antes havia visto tantos exemplares! Disse à responsável que gostaria de ler Iaiá Garcia, do Machado de Assis. Rapidamente ela localizou a obra e dirigiu-se à mesa para a complementação da ficha. Deu-me 20 dias para a devolução do livro. Fez-me assinar dando recibo do empréstimo. O espaço era tão estrito que coloquei somente o nome e fui até somente a quinta letra do meu prenome.

Foi recomendado por ela cuidar bem do livro, não atrasar na devolução, pois isso afetaria negativamente nos próximos empréstimos, além da cobrança de multa. Disse ainda que gostaria de me emprestar vários exemplares, pela frente.

Levantou-se, estendeu-me o livro e despediu-se dizendo; "Obrigada pela visita e pelo interesse em ler. Até breve!"

Saí dali com um meio sorriso comigo mesma, uma visão de vários livros, um cheiro de papel antigo, um gentil e eficaz atendimento. Tinha 11 anos de idade.

Cleusa Marina Silva Freitas.

# VERMELHO

Campininha. Década de 40. Zona da zona. Uma bela mulher. Uma herança francesa. Uma solidão brasileira. Uma família. Entre perdição e salvação. A vida.

Charlotte Burnier é fruto da união étnica e, igualmente intensa, do médico francês Pietro Burnier com a baiana Maria Madalena Souto, esta morando em terras goianas desde os três anos de idade. Pietro veio para o Brasil no auge da Segunda Guerra Mundial, em busca de uma segunda Pátria. Encontrou-se com um novo povo que o acolhera, uma segunda nacionalidade, uma segunda família ao lado de Maria Madalena, "Madeleine", como gostava de dirigir-se a ela. Sua esposa era exuberante: olhos grandes, mediana, cabelos castanhos, tez rosada e iluminava um rosto que irradiava em sorriso encantador, realçado com sempre batom vermelho. Amável, acolhedora, atraente, sensível, abnegada, companheira, amante.

Dessa união, veio ao mundo Charlotte Burnier: sua vinda cristalizou a boniteza daquele casal simplesmente feliz. Surpresas. Preocupações. Acertos. Erros. Crescimento. Projetos. Frustrações. A vida do Dr. Burnier mal cabia entre 24 horas de trabalho, visitas domiciliares, epidemias incontroláveis, contato direto com bactérias, vírus, bacilos; a peste bubônica venceu a sua estrutura curativa: seu corpo quedou-se diante do inimigo. Imobilizou-se, esfriou-se – partiu para o (in)finito. Restou a dor, o inesperado, o desamparo, a carência física, material e afetiva, o gosto da fome, da miséria e o estabelecimento da desesperança. Mais do que dantes se esperava, Charlotte passou a depender de ajuda, piedade, esmolas, misericórdia. A dureza da miséria transpassa o ideal de uma vida minimamente essencial. Seu destino levou-a a um orfanato. Tudo se reduzindo a um estado geral de se perder a própria individualidade. Tudo em nome dos direitos essenciais. Foi-se o carinho, a confiança, o aconchego do amor de pai e de mãe. Foi-se crescendo, juntamente com o estirão do crescimento, a resiliência do sobreviver. Charlotte venceria.

Herdou beleza física da genitora e a sabedoria reflexiva do seu pai. Fez-se mulher; forte, determinada, muito amou, todavia novamente pouco

apoio lhe foi oportunizado. O amargo da infidelidade a fez decidir-se por uma situação de vulnerabilidade de valores para a sua época. Que lhe importavam os dizeres e os malfalares, se lhe negaram o próprio existir...

Com o apoio da rabugice financeira de velho amigo de seu pai... quanta humilhação... quanto uso e abuso... Também não faltou a teimosia em vencer as adversidades. Aflorou novamente a resiliência herdada da tenacidade da mãe nordestina.

Construção. Funcionamento. Diversão. Censura sem fim. Lucro. Família de mãe e filhas. Luzes vermelhas que sinalizam perdição e salvação. Salvação de Bettine, a primogênita de Charlotte e de sua solidão. Mais um pouco, e chega Haydée. Um ano de bom rendimento e de estabelecimento: chega Angelie, de olhos extremamente azuis. Não menos de um ano e mais uma surpresa: Adeline, a única morena com esplendorosos cabelos cacheados, pretos. Mãe lutadora, um quarteto de filhas admiráveis e muito bem preservadas. O cuidado da mãe, ainda que excessivamente severa, era em protegê-las de todo o perigo: notadamente o relacionado à integridade moral, ao preconceito marcante da sociedade ( que ela tanto experimentou na carne, ao ser ao mesmo tempo respeitada e, na mesma medida, excluída). Para educar com dignidade os seus quatro tesouros, por vezes, usava de grande rigor e até castigos extremantes. Só existia uma palavra, a qual se traduzia em ORDEM. Entre a responsabilidade do administrar, contratar a receita/despesa do seu comércio noturno, havia a preocupação em acompanhar as filhas da sua única salvação. Colocou-as em boas escolas, deu-lhes o essencial para a época e, quando às finanças permitiam, contratava pessoas de formação para ensinar prendas do lar: cozinhar, bordar, pintar e aulas de canto... isso, raramente. Trazia-as bem vestidas, porém não tinha como levá-las a passear em local público – o preconceito limitava-as.

Quando Bettine completou 15 anos e suas irmãs entre 10 e 14 anos, conheceu Charlotte um amigo em Morro Alto e, por diversas vezes, ia passear com as suas filhas naquela pequena cidade. O quarteto encantava a todos, era uníssona a admiração. Diferentes, mas, individualmente, simplesmente belas. O porte elegante, a docilidade, a timidez e a sombra de tristeza no fundo de seus olhos, fazia realçar o enigmático de cada uma. Não faltaram pretendentes. Rapazes se encantavam com o diferente e, so-

bretudo, tão especial. Foram idas e voltas. O acompanhamento dos olhos da mãe Charlotte era condição para idas e vindas. Severidade era ditada nos novos relacionamentos. Mas, o resultado fora surpreendente e inusitado. Numa tarde de maio de 1971, postaram-se diante do pároco da Igreja de Santa Maria Madalena, quatro noivas ricamente ornadas de véu e grinalda. Adentraram ao lugar sagrado consolidando a união de Bettine, Haydée, Angelie e Adeline com rapazes da alta sociedade morro-altense. Somente Angelie enamorou-se de um certo Ernesto Silva, pessoa simples, contudo muito trabalhador e de reconhecido caráter. Assim, constituíram famílias com sobrenomes respeitados daquela sociedade.

Expectativa. Satisfação. Incertezas. Realização. Missão cumprida. Charlotte Burnier se fez coluna solitária de uma família da salvação de seus vários sonhos.

Cleusa Marina Silva Freitas.

# O CHINÊS DA FEIRA

Esta história aconteceu aqui em Morrinhos, em anos que não voltam mais. No início do século XX, lá pela década de 30, quando a cidade eram algumas casas, veio morar por aqui um chinês. Era um velhinho corcunda, cheio de reumatismos e meio surdo. E, sendo surdo não escutava os insultos e provocações das crianças. Usava barba e bigode enormes. E um chapéu muito chinês. Tinha uma turminha de moleques que jogava pelada num terreno baldio ali perto da igreja e toda vez que o senhor Chang Li passava em direção à feira para comercializar seus peixes, aqueles meninos paravam e lhe cercavam dizendo um monte de coisas tentando irritar o chinês.

Mas, o vendedor de peixe continuava seu caminho sorrindo e carregando os peixes frescos numa rede pendurada nas costas. Quando viam que ele não respondia às provocações, os garotos voltavam para o futebol. O mesmo acontecia todo domingo. Chang Li gostava da alegria daquelas crianças, gostava de vender peixe na feira e gostava das pessoas que conversavam com ele sobre seu país. Ele tinha fugido em um navio, da China, por causa de uma rebelião que estava acontecendo lá. Queriam prendê-lo.

Mas, chegou o dia em que sua velhice e suas dores o venceram e ele morreu. Nesse dia, foi uma tristeza só no futebol, na feira, na vizinhança. E foi assim os outros domingos que se seguiram até que os meninos cresceram e pararam de jogar bola e foram viver como adultos e suas responsabilidades. Esqueceram-se da pelada, mas não esqueceram do chinês da feira. Sempre que se reuniam, recordavam e sentiam saudades do velhinho.

Francimar Bezerra de Almeida.

# A ÁRVORE QUE QUERIA SER MENINO

Era uma vez um grande Jatobá. Ele tinha quase 200 anos e estava cansado. Mais ainda era muito forte. A velha árvore vivia no meio de um parque, próximo à cidade. Já não dava tantas flores e frutos. Mas seus galhos e folhas ainda faziam uma sombra grande e seu tronco grosso só era abraçado por aproximadamente 10 crianças.

Por falar em crianças, o velho Jatobá adorava quando as crianças vinham sentar em seu tronco, comer doces, sanduíches e outras coisas. E quando saíam, vinham os pássaros comer as migalhas. O velho Jatobá também era apaixonado naquelas aves todas que sentavam em seus galhos para descansar, para fazer ninhos, para comer seus frutos.

Havia um menino que o Jatobá amava. Um menino que conseguia subir em seu tronco e alcançar seus galhos. Mesmo o tronco sendo muito alto, o danadinho tinha encontrado uns buraquinhos bem pequenos onde ele colocava os pés e ia subindo, subindo, subindo. Só aquele garotinho tinha coragem e esperteza para escalar o velho Jatobá. Por isso mesmo, a árvore o amava.

O pequeno menino tinha uma cabeleira cacheada que balançava com o vento, que caía nos olhos, que cobria seus ombros. Na verdade, o menino queria ser aquele Jatobá poderoso para ver tudo do alto, para sentir o frescor da terra com suas raízes, para sustentar pássaros e pássaros em seus galhos. E a árvore desejava ser o menino para correr pelos campos, para pular o riacho, para gritar para o vento e comer aqueles doces.

Um dia, com dó dos dois, o Criador de todas as coisas permitiu que o desejo deles se realizasse por um dia: permitiu que o Jatobá acordasse no corpo do menino e o menino acordasse no corpo da árvore.

A criança curtiu a vista de toda a paisagem, o vento em suas folhas, os pássaros em seus galhos e seu canto; e a árvore aproveitou cada minuto para correr por todos os lugares. Gritou com o vento e comeu tanto doce que teve uma baita dor de barriga.

De noitinha, quando adormeceu, o Jatobá voltou a ser árvore e a criança voltou para seu corpo de menino. Eles, que já eram amigos, ficaram mais unidos ainda. Estavam sempre juntos, sempre que era possível, pois

vida de menino é difícil. Tem que estudar, tem que obedecer um bocado de regras. Mas, sempre que era possível, ele corria para o tronco do seu velho amigo Jatobá.

Depois daquele dia, as pessoas que iam sempre ao parque, perceberam que o velho Jatobá estava cheio de flores. Parecia mais novo, mais jovem. E o menino parecia mais obediente, mais responsável, mais organizado. A árvore ainda viveu meio século. E o menino cresceu, casou, envelheceu. E continuou comendo doces à sombra do Jatobá.

Francimar Bezerra de Almeida.

# À CLEUSINHA

Eu agora vou contar
Uma história pra vocês
E isso que vou dizer
Nunca ninguém jamais fez.
E cercada de poesia
Apresento a Cleusinha
Filha de João Afonso
Filha também de Maria.

Mas Cleusinha não nasceu
Com esse diminutivo no nome
Lhe chamaram Cleusa Marina
E vieram os sobrenomes
Criança corria solta
Lá na Fazenda Vinagre
Dizem que fica perto
Do Currião, por certo.

Primeiro a gente apresenta
O restante da família
Tem o Cleumar, o marido.
Tem o trio da herança
Essa que ninguém tira
Porque sendo professora
E casada com professor
Desde cedo já dizia
Menino estuda! Se vira!
Mas voltando à sua prole
Veio Tiago, Maria Cecília linda.
E veio por fim o João.
E pra ficar mais bonito
Bota Gabriel no nome
O mensageiro de Deus
Anjo aqui do coração.

A essa altura já temos
Uma Cleusinha apaixonada
Mas não é pelo Cleumar de novo
São as duas netas gêmeas
Que fazem ela suspirar.
E já que nossa Cleusa

Gosta de poetizar
Já tem poesia pronta
Pra Mariana e Maria Luiza
Ei, não precisa se zangar.
É só uma avó dizendo:
– Quanto amor tem aqui dentro!

Mas vamos voltar no tempo.
E não é que a Cleusinha
Quis mesmo ser professora
E por esse seu gostar
Por tudo quis respeitar
Todas elas, oradoras.

Da educação, do talento.
Do trabalho, do alento.
E foi querendo ensinar
Que acabou encontrando
O tal do Professor Cleumar
Com quem acabou se casando.

Mas quem disse que a Cleusinha
Só queria lecionar?
Tinha mesmo na cabeça,
Ideias pra calcular.
E no Banco do Brasil
Fez questão de trabalhar.

O que Cleusa não sabia
É que quando a Educação
Pega direto na veia
Aquela do coração
Não tem jeito de fugir
E lá estava ela de novo
Metida na fundação.
Deu cursos de formação
Pra não deixar gente grande
Assinar com o dedão.

Isso não foi só aqui.
Correu Bahia e Pará
Ceará e Piauí.
E o povo do meu norte/nordeste
Recebeu mais instrução
Essa notícia Cleusinha
Alegra meu coração.

Agora se estais pensando
Que Cleusa parou aí.
Se engana meu camarada
Não há motivo pra rir.
O pessoal da igreja
Tem é que agradecer
Do jeito que essa mulher
Faz a coisa acontecer.
Não tem segredo nenhum
Se dedica a falar
E sua voz pelo ar
Por meio dos seus artigos
Seja lá com seus parentes
Ou com os amigos da gente

E quando ela se senta à mesa
Dos seus dedos encantados
Vai dominando as palavras
E criando poesia
Já vem vindo também,
Conto atrás de conto.
E é claro vou dizer
As crônicas não ficam atrás.

Se a plateia me permite
Antes do fim dessa história
Cleusa Marina tem
Muito ainda que contar
De quando foi professora
Aqui na Universidade
E de quando foi do Lions
Ah, Saudade!
Pode falar ainda
De suas experiências
No Rotary, na Associação Feminina.
Na Academia de Letras
Nosso orgulho nesse dia!

Da Cleusa ainda posso dizer
Dos dias de primeira dama
Ao lado de seu companheiro
O nosso prefeito Cleumar
Nossa querida Morrinhos
Pode todos lhes falar.

Muito ainda fica
Para poder lhes contar
Pois tão grande é esta dama
Cleusa Marina poetisa
Silva e Freitas lhe acompanham
Nossos agradecimentos
E nossas simples reverências
Com profundos sentimentos.

**Obrigada Cleusinha.**

Francimar Bezerra de Almeida.

# A TODOS OS PAIS

Homenagem de Ellen

**Querido pai!**

A tua vontade me chamou para junto de ti.

E aqui estou, atraído pelos fluxos desse desejo, tão agradável e aconchegante.

Também eu tive uma forte aspiração, antes mesmo de tudo tomar forma. Queria encontrar um amigo especial, que me guiasse, com segurança e determinação. E amasse.

Juntos, pudéssemos trilhar os mesmos caminhos, vivendo alegremente a vida, no exercício do companheirismo e da amizade.

E, no espelho das tuas experiências eu mirasse a minha própria imagem; e nossos passos se confundissem pelo mundo.

Imaginei-te perfeito, frente às minhas fragilidades e, se caísse, tu estarias do meu lado para me reerguer, com palavras sensatas e seguras, sem violentar-me a consciência.

Pensei-te forte, ao mesmo tempo sábio ao apontar-me a direção certa, por acreditar na centelha divina que guia os nossos destinos.

Jamais priorizando minhas imperfeições.

Bondoso e firme ao falar comigo, sem cobrar o mestrado de pai, com rígidas acusações, enchendo-me a cabeça de insegurança.

Pelo contrário, tua haverias de lembrar-me das obrigações a cumprir, com energia da confiança e da fé, abrindo-me os canais da vontade criativa, sabendo de antemão, que dentro de mim existiria uma força ativa, pronta a expandir-se, por teu zelo e afeto.

Jamais um prepotente que prevê a derrota do filho antecipadamente, ao descobrir-lhe mil defeitos.

Tu me darias crédito e me envolverias com a suave espiritualidade, exaurindo possíveis vacilações e fracassos.

Pai querido, tu és todo o ideal do meu sonho concretizado. Te amo muito.

Sou vitorioso porque dentro de ti sempre existiu a semente da minha VITÓRIA.

Ellen Carneiro Vale.

# ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS – AML

No dia 22 de fevereiro, cumprindo o que reza o artigo 27º do seu estatuto, a Academia Morrinhense de Letras realizou eleição para escolha da sua nova diretoria para o biênio 2017/2018. A eleição foi realizada no Salão Nobre Helena Romano Cândido, no qual, após apresentação da chapa, os acadêmicos presentes votaram e elegeram por unanimidade para a nova diretoria os seguintes membros:

- Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça
- Vice-Presidente: Wander Oliveira Melo
- 1ª Secretária: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
- 2ª Secretária: Leni de Andrade Oliveira Meireles
- Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas
- Bibliotecária: Francimar Bezerra de Almeida
- Editor da Revista Anual: Wander Oliveira Melo
- Secretário Ajunto de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira
- Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

E, no dia 05 de abril de 2017, ocorreu no Salão Nobre Helena Romano Cândido, a sessão solene de posse da nova diretoria; ocasião em que a nova Presidente ressaltou o valor cultural dos projetos da gestão anterior que terão continuidade e apresentou novos projetos a serem implantados na sua administração, os quais visam criar vínculos, com outras instituições culturais e educacionais tendo como intuito divulgar e despertar novos talentos culturais dentro da literatura.

Wander Oliveira Melo
Publicado no Jornal O Liberal, na 2ª Quinzena de Abril de 2017.

## REZANDO PARA AS ALMAS

Na fazenda do seu Joaquim do Quinca, havia vários agregados, todos da família e um desses era seu sobrinho, um homem de muita fé, que depois de fazer uma promessa para um santo e ser atendido, buscou logo cumprir o prometido.

Todo ano, na quaresma, ele reunia seus amigos, familiares e rezava durante nove noites para as almas. Cada noite, iam a casas de diferentes moradores da região, não repetindo nenhuma casa.

Esse costume é conhecido como "encomendação das almas". Era uma prática propiciatória no período da Quaresma, que tinha como objetivo fazer orações para as almas sofredoras, para os que morreram de mortes violentas ou almas sem luz.

Como era de costume, toda quaresma eles repetiam essa peregrinação.

Sempre ao chegar próximo a casa onde iriam rezar, de longe giravam o berra-boi (um cordão com peso na ponta, e que é girado rápido, provocando forte zumbido) e batiam a matraca (uma espécie de instrumento que servia para dar sinal que estavam chegando à residência onde iriam rezar). Quando os moradores escutavam esses dois barulhos, apagavam as lamparinas, fechavam as portas e janelas e ficavam em silêncio, enquanto do lado de fora, Joaquim da Fia e seus penitentes cantavam a ladainha de encomendação às almas, rezavam o terço, faziam orações.

Desse rito o canto era algo que ficava na mente e no coração do devoto e tinha a seguinte letra:

**Alerta, alerta pecadores**
**Acordai, quem está dormindo**
**Veja que o sono é irmão da morte**
**E a cama é a sepultura**
**Peço que vós reze um Padre Nosso**
**Padre Nosso e Ave Maria**
**Pras almas da obrigação**
**Peço pelo amor de Deus**

**(Pausa para rezar, cerca de 20 segundos)**

**Peço que vós reze mais um Padre Nosso**
**Padre Nosso e Ave Maria**
**Pras almas do purgatório**
**Peço pelo amor de Deus**

**(Pausa, cerca de 20 segundos)**

**Peço que vós reze mais um Padre Nosso**
**Padre Nosso e Ave Maria**
**Pras almas todas gerais**
**Peço pelo amor de Deus**

**(Pausa, cerca de 20 segundos)**

**Estava Maria**
**Fazendo oração**
**Chegou Madalena**
**Também São João**

**O meu filho está preso**
**Numa corrente sem fim**
**Soltai o meu filho**
**Pertence a mim**

**Nosso Pai lá do céu**
**Olhai pela terra**
**Livrai-nos da fome**
**Da peste e da guerra**

**Cadê o garfo que furou**
**Os olhos de Santa Luzia?**
**Lá pro céu ela foi cega,**
**Senhora Santa Luzia**
**(Mas) Quando ela perdeu a vista**
**Que tristeza, ai, não seria**
**Quando ela perdeu a vista**
**Não enxergô a luz do dia**

**Cadê a toalha que enxugou**
**Os olhos de Santa Luzia?**
**Lá pro céu ela foi cega**
**Senhora Santa Luzia**

**Ave Maria**
**Cheia sois de graça**
**Salvais as nossas almas**
**Bendita sejai.**

(PELLEGRINI FILHO, Américo. Folclore Paulista).

Após a reza, os moradores da casa acendiam as lamparinas, abriam as portas e convidavam todos para tomar um café.

Esse ritual era feito durante nove dias, terminando na sexta-feira santa, sendo que no nono dia a romaria era feita e entregue à meia-noite,

no cemitério da Lagoa. Era costume que, logo após terminar a reza no cemitério, ninguém podia olhar para trás, pois corria o risco de ver as almas no portão do cemitério.

Como eram todas pessoas tementes a Deus, nunca se atreveram a desrespeitar a crença. Então, não se sabe se veriam ou não as almas no portão do cemitério.

Sendo uma promessa feita por Joaquim da Fia, após rezar para as almas durante sete anos seguidos, que deu por cumprida sua tarefa. E, desde então, nunca mais, ninguém daquela região seguiu o ritual de "encomendação das almas".

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Vinte Contos da Cachoeira.

## CAMINHOS

No jardim da emoção
Um toque, uma mão.
O despertar de uma paixão,
O caminho do coração.

Um sonho a realizar,
Um caminho a trilhar.
As feridas,
O tempo vai cicatrizar.

Uma história a viver,
Um destino a escrever,
Obstáculos a superar,
A vitória alcançar.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

## A LUZ DA VELA

Um brilho intenso emana da capela,
Raios de luz advindos das velas.
Abre-se Caminho na escuridão,
Estendem-se as mãos à salvação.
A fé guia através das trevas
O conforto e a consolação,
Amparando cada irmão.
O bálsamo das brisas celestiais
Apazigua o vento do desespero,
Não há mais medo, não há mais dor.
A luz trouxe o amor.

Wander Oliveira Melo.
Do Livro: Poemas e Reflexões Contemporâneos.

# OS CORREIOS, A CARTA E O SELO

Olá caros leitores, sou Antônio Ávila, escritor e acadêmico ocupante da cadeira de número 08 desta nobre Academia Morrinhense de Letras.

Venho nas próximas páginas apresentar um pouco dos conhecimentos e curiosidades de meu ofício, pois também sou funcionário dos Correios e gostaria de compartilhar de forma breve, como foi o surgimento, a importância e a evolução deste serviço presente em todo o mundo.

## OS CORREIOS

Correio é uma forma de comunicação à distância desenvolvida pelo homem e aprimorada ao longo dos anos.

No Brasil, 'Correios' é uma instituição pública com grande importância social, que se caracteriza basicamente pela recepção, transporte e distribuição de correspondências, encomendas e valores através do pagamento de uma taxa.

Desde a forma mais antiga, quando o transporte era feito por viajantes, passando pelo telégrafo, até chegar à encomenda urgente e o telegrama. Ao longo dos tempos, os Correios em todo o mundo tornou-se **uma solução para atender à primária necessidade humana de se comunicar à distância.**

Este processo de comunicação sempre existiu, desde a pré-história através da comunicação oral e inscrições rupestres, passando pelos chineses a cerca de 4 mil anos a. C., os persas, gregos e romanos, até os dias atuais.

Mas, foi no final da Idade Média, século XV, com a disseminação da escrita e a criação de seus suportes, como o papel, é que se intensificou a troca de mensagens. Processo que passou por constante evolução e aprimoramento.

O que seria de nós nos dias atuais se não tivéssemos esse meio efetivo de comunicação, capaz de levar informação a toda população nacional e mundial? Sem exceção, todas as pessoas economicamente ativas ou

não, recebem com mais ou menos frequência, correspondências em suas casas, sejam documentos de empresas ou bancos, mensagens ou presentes de amigos e parentes distantes, os quais sempre alegram e emocionam seus destinatários (aqueles que recebem).

Como seria limitada nossa comunicação se não tivéssemos o Correio. Apesar da invenção da internet e do telefone, estes não substituem o envio de um **documento físico autêntico**, não satisfazem mais do que o recebimento de um aerograma ou cartão postal assinado.

As mensagens de aplicativos digitais e E-mails são enviados com muita frequência, inclusive por mim, mas também são facilmente apagados "deletados", enquanto que uma correspondência física é guardada por muitos anos, e sempre que revista ativa as lembranças e mexe com nossas emoções.

Imaginem as dificuldades de levar um presente para uma pessoa querida distante a milhares de quilômetros? Quem sabe até do outro lado do mundo, e as encomendas entregues de produtos comprados pela Internet?

O serviço de Correio foi, e ainda é de fundamental importância para o desenvolvimento de nosso país. Ele é normatizado por um órgão chamado UPU (União Postal Universal), o qual determina as regras e diretrizes a serem seguidas para haver uma padronização nos serviços postais em todo o mundo.

## A CARTA

O envio de cartas evoluiu muito ao longo dos tempos, desde as mensagens da época da babilônia no séc. XVIII a. C., até as mensagens escritas por Júlio César enviadas ao fórum de Roma na Idade Média.

No Brasil, com a chegada de Pedro Álvares Cabral, no ano de 1.500, surgiu a primeira correspondência oficial ligada ao país. Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, redigiu uma carta ao então Rei de Portugal D. Manuel, narrando com entusiasmo as características da terra descoberta.

A carta de Caminha é considerada a certidão de nascimento do Brasil, é considerada também como a primeira página da história dos Correios no Brasil. Sabe-se que atualmente encontra-se guardada na Torre de Tombo, em Lisboa / Portugal.

Os serviços postais evoluíram com o passar dos anos, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, a qual viajou meses em um navio para chegar às mãos do Imperador de Portugal, até as cartas levadas por semanas pelos mensageiros que cruzavam nosso território para entregá-las em seu destino, até um telegrama (urgente) que hoje é entregue em pouquíssimas horas em qualquer lugar do Brasil, fazendo um comunicado, felicitando um aniversário ou casamento, às vezes até em minutos, por mais distante que esteja.

A carta no mundo surgiu com as mensagens esculpidas em pedras, depois em argila e em rolos de papiro, com a escrita surgiu à troca de documentos e a necessidade de seu transporte.

Nas mudanças do serviço postal, os mensageiros responsáveis por levar as correspondências receberam nomes diferentes, como: estafeta, mensageiro, escravos ... e hoje, Carteiro.

No ano de 1801, para custear as despesas operacionais de recepção, manipulação, transporte e entrega, as correspondências passaram a ser franqueadas, ou seja, passaram a ter seu valor de postagem definidos por dois critérios, peso e distância. Atualmente, com o aumento do fluxo, a estes dois foram incrementados os critérios de tempo e prioridade de entrega, que consiste na quantidade de dias que uma correspondência pode levar para ser entregue e até mesmo na modalidade de transporte, o qual pode ser: aéreo, terrestre ou digital (no caso dos telegramas).

# O SELO

Selo é um produto utilizado pelos Correios de todo o mundo para fazer o franqueamento postal.

Selo Postal consiste em um pedaço de papel ou estampa adesiva, geralmente produzido em homenagem a alguma pessoa, entidade, empresa ou evento, utilizado para comprovar o pagamento da prestação de um serviço postal, ou seja, o selo colado a um envelope e obliterado pelo carimbo dos Correios significa que o remetente, pessoa que enviou a correspondência, já pagou pela entrega da mesma, permitindo ao destinatário recebê-la sem custos.

## O Primeiro Selo da História

O primeiro selo criado foi o Penny Black, surgiu na Inglaterra no ano de 1840, e tinha em sua face o perfil da Rainha Vitória, não apenas por ser um motivo satisfatório para todos, mas também para intimidar a falsificação, pois o público descobriria qualquer variação imediatamente.

No Brasil, o primeiro selo foi criado em 1º de agosto de 1943, com a emissão Olho de Boi. O selo Olho de Boi tinha os valores de 30 reis, 60 reis e 90 reis. Os selos de 90 reis, produzido em menor quantidade, por seu maior valor eram destinados às correspondências internacionais, o que os tornariam mais raros, valiosos e disputados por colecionadores no futuro.

## Evolução dos Selos

Como na evolução da humanidade e do Brasil, houve também a evolução dos selos, que passaram a ser criados em um número cada vez mais variado, e recebem novos temas e novas tecnologias.

Por seu conteúdo histórico, os selos passaram a ser fonte de conhecimento servindo inclusive para pesquisas, criou-se então o Selo Comemorativo, que é uma emissão alusiva à comemoração de fatos, datas e eventos, com tiragem limitada. Estes abordam uma diversidade de temas, como atividades culturais, filosóficas e políticas.

Texto produzido pelo Acadêmico Antônio Ávila.
(Prévia do livro Morrinhos – Nossa História em Selos).

# MORRINHOS: PRESENTE, PASSADO E FUTURO
## (12/10/2013)

Eurico Barbosa dos Santos

De 7 a 16 de julho de 1945 Morrinhos comemorou os cem anos de sua existência, considerada a partir da escritura pública com que o capitão Gaspar Martins da Veiga fez a doação de mais ou menos 600 alqueires de terras a Nossa Senhora do Carmo, datada de 26 de março de 1845. Foi à famosa Festa do Centenário, que se repetiria por vários anos, até que um fato trágico ocorrido no palco de sua realização interrompeu os festejos que se haviam tornado tradicionais e que atraiam pessoas de muitas cidades do Estado e até gen0te de Minas Gerais. Naquele ano, o Brasil daria início ao que na época se chamou processo de "redemocratização". O Brasil sairia de um regime ditatorial iniciado em 1937 para uma democracia cujo começo de concretização veio a ser a eleição de presidente da República a 2 de dezembro, da qual emergiu eleito o general Eurico Gaspar Dutra. Para prefeito de Morrinhos aconteceu primeiro a nomeação de Teodoro Antônio do Vale, fazendeiro e servidor público municipal, que ficou no cargo por 3 meses. Naquele mesmo ano o sucessor, também por 3 meses foi o médico Luiz Nunes de Azeredo. Nos anos anteriores, com a denominação de intendente até 1930, pelos registros conhecidos desde 1890, Morrinhos foi administrada por José Luiz de Medeiros Júnior, Limírio Ribeiro Quinta, Cel. Pedro Nunes da Silva, Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes, José Simões da Fonseca, Cirilo Cardoso de Almeida, Dr. Alfredo Lopes de Moraes, João Lopes Zedes Filho, Modesto de Carvalho, Dr. Sylvio Gomes de Mello, Dr. Pedro Nunes da Silva Filho, Raul Nunes da Silva. Este foi também o primeiro a exercer o cargo já com a denominação de prefeito em 1930, vindo a seguir João Reis (1931), Eudóxio Rosa de Viterbo Fraga (1932), Joaquim Marcos de Arruda (1933), Cel. Fernando Barbosa (idem), Dr. Eusébio Gomes de Mello (1934), Dr. Guilherme Xavier de Almeida (1936 – 1945), em cuja gestão se construiu o edifício do fórum inaugurado em 1940. Em 1946 foi novamente nomeado Teodoro Antônio do Vale. Em 1947, antes da primeira eleição no regime democrático o cargo foi exercido, por nomeação, por Joaquim José do Carmo de junho a dezembro. No dia 9 desse mês foi eleito Manoel de Freitas, cujo mandato durou até 1951. Neste ano, após se eleger em 1950, empossou-se o Dr. Jurandir Vasconcelos

que governou até 1952 quando foi substituído pelo professor José Cândido Ribeiro, por motivo de saúde. Falecendo o professor José Cândido em 1° de março de 1953, assumiu o vice-presidente da Câmara Municipal Dante Costa e em seguida Manoel Lemos de Mendonça até maio de 1954 quando o titular Jurandir Vasconcelos reassumiu completando o mandato. Eleito em 3 de outubro de 1954 Felício Chaves governou de 1955 a 1959, ano em que assumiu o cargo Antônio de Castro Rosa, cujo mandato foi de 2 anos. A sequência de prefeitos é a seguinte: Manoel de Freitas (1961 – 1966), Joviano Antônio Fernandes (1966 – 1970), Domingos Vilefort Orzil (1970 – 1973), Helenês Cândido (1973 – 1977), Naphtali Alves de Souza (1977 – 1982), José Novato dos Santos (1983 – 1987), Areno Luís de Oliveira (1987 – 1991). Os sucessores foram Rogério Troncoso, Joaquim Guilherme, Cleumar Gomes de Freitas e novamente Rogério Troncoso (atual).

Morrinhos sempre teve grande importância política no contexto estadual. No período da chamada Primeira República pode-se dizer que se constituía em centro das decisões que resultavam nas escolhas dos nomes para a Presidência do Estado e para as senatorias. O Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes, dono de terras imensas – iam de áreas rurais morrinhenses até divisas de Santa Rita do Paranaíba (hoje Itumbiara) – sua fortuna dava-lhe condições de empréstimos a comerciantes do Triângulo Mineiro. Seu prestígio político era atestado pelo fato de que sua opinião e seu apoio eram procurados pelos dirigentes da política estadual instalados no poder na antiga capital, a velha Vila Boa ou Cidade de Goiás. O presidente do Estado no período 1901-1905, José Xavier de Almeida, casou-se com uma filha do Cel. Hermenegildo, dona Amélia. Por isso, veio residir em Morrinhos após ser derrotado pela chamada Revolução de l909, ocorrida na antiga capital. Após essa queda, José Xavier de Almeida, que foi considerado o melhor governantes do Estado daqueles tempos, deixou de uma vez por todas a atividade política. Mas seu filho Guilherme Xavier de Almeida veio a ser, da década de 1930 até meados da de 50 brilhante parlamentar. Deputado estadual constituinte em 1935 e federal nas décadas de 40 e 50, Dr. Guilherme era respeitadíssimo intelectual, em literatura um bom poeta.

O filho homônimo do Cel. Hermenegildo foi dos mais notáveis senadores por Goiás. Senador Hermenegildo foi casado com Maria Amabini de Moraes, D. Fiica, a maior benemérita de Morrinhos, como se verá em páginas seguintes.

Como o Dr. Alfredo Lopes de Moraes, filho do Cel. Hermenegildo foi Presidente do Estado nos anos finais da década de 1920, Morrinhos, dados os vínculos de José Xavier de Almeida, era referida naqueles tempos como "a cidade dos governadores".

Em 1938 foi construído, graças à benemerência de Dona Fiíca (Maria Amabini de Moraes, viúva do senador Hermenegildo, como já dito) o Ginásio que tem o nome deste. Era o maior estabelecimento de ensino do interior goiano, dirigido por padres Estigmatinos. Ao lado do ginásio de Bonfim (Silvânia) veio ser educandário pioneiro no Estado para formação do chamado curso ginasial, recebendo, além dos jovens morrinhenses, estudantes de todo o sul de Goiás.

Em 1948, a mesma dona Fiíca estipendiou a construção do primeiro grande cinema do interior goiano – o Cine Teatro Hollywood. Outra grande casa exibidora de filmes, o Cine Teatro Morrinhos, foi ganha pela cidade alguns anos depois, também fruto do espírito progressista de Maria Amabini de Moraes, responsável também pela dotação à comunidade de uma grande Escola Normal destinada à formação de professoras e que mereceu o nome da benemérita. Hoje, o prédio onde por muitos anos funcionou a Escola é a sede da Prefeitura Municipal.

Na década de 1950 o governo do Estado dotou Morrinhos de mais um estabelecimento de ensino – o Colégio Estadual Xavier de Almeida, proporcionador até hoje do curso secundário a milhares de jovens morrinhenses.

Na década de 1980, nos governos de Iris Rezende Machado e Henrique Santillo, Morrinhos ganhou a Faculdade de Ciências e Letras – FECLEM – em que se ministram cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Matemática e Administração. Uma conquista bastante significativa.

Em Morrinhos sempre houve quem se interessasse por ter a cidade órgãos de imprensa. O professor José Nascimento fundou e um periódico chamado *A Justiça*, de curta duração. Na década de 1940, precisamente em 1948, Pedro Celestino da Silva Filho e José Antônio da Costa fundaram o semanário O Liberal, que circulou regularmente durante vários anos, até meados da década de 1950. Anos depois o semanário foi relançado por Fernandino Barbosa, circulando até o falecimento desse professor, ou seja, até 2009. Após o fim de *O Liberal*, outros jornais hebdomadários surgiram, destacando-se o *Jornal do Peninha*.

Nos anos 60, os irmãos Abidulmassih, de Ituiutaba, fundaram a Rádio Morrinhos, que após alguns anos foi adquirida por Valterli José Alves e José de Freitas. Uma emissora de grande potência – cem quilowatts – com audiência em todo o sul do Estado e até em outras regiões. Valterli e José de Freitas empreenderam também a fundação da Rádio Integração, emissora FM. A Rádio Morrinhos inicialmente foi AM; hoje é FM. São veículos de comunicação de grande importância.

Na área de saúde Morrinhos é pioneira em hospital de bom porte. O médico alagoano Sílvio de Melo, que veio para a Cidade dos Pomares em 1910, construiu alguns anos após sua chegada a Casa de Saúde que tem o seu nome. Trata-se de um nosocômio de relevantes serviços à comunidade. Dr. Silvio de Melo teve ao seu lado por longo tempo outro médico nordestino, o Dr. Jurandir Vasconcelos, de enorme competência profissional, que anos mais tarde se mudou para Goiânia, onde integrou a equipe do Hospital Santa Helena. A Casa de Saúde Silvio de Melo, que contou também com um filho do seu fundador, Antônio Júlio, falecido ainda moço, funciona regularmente nos dias atuais.

No final da década de 1940, o médico Zulmiro Sinício construiu em Morrinhos o Hospital Nossa Senhora do Carmo. Alguns anos após, três médicos vindos da Bahia – Ênio Rosendo Pinto, Philemon Xavier de Oliveira e José Maria Garcez Rocha – adquiriram-no e o fizeram grandemente útil à população morrinhense e a pacientes de outras localidades. O médico Gildo Rosa Campos, filho de Morrinhos, também veio a se integrar a equipe do Nossa Senhora do Carmo.

Desde a década de 1940 Morrinhos conta também com eficiente Posto de Saúde, que por longo tempo foi dirigido pelo Dr. Luiz Nunes de Azeredo.

Mais importante ainda, a conquista do Hospital Regional, inaugurado em 1990 pelo governador Henrique Santillo. A obra foi implementada em Morrinhos graças ao empenho do seu representante na Assembleia Legislativa, Eurico Barbosa; ao comportamento administrativo do prefeito Areno Luís de Oliveira e ao papel desempenhado por Helenês Cândido como diretor da Organização de Saúde de Goiás (Osego). O Hospital passou a Municipal e tem hoje o nome de Philemon Xavier.

No plano cultural, Morrinhos contou sempre com iniciativas que resultaram em entidades promotoras de eventos e movimentos expressivos.

No final da década de 1920 iniciaram-se os trabalhos da Sociedade Dramática e Literária. Seu principal fundador foi José Mendes Diniz (Juquinha Diniz), cujo nome, muito justamente, foi dado ao atual Teatro que é uma das afirmações da cultura morrinhense.

Morrinhos tem coral, dirigido por Nilza Diniz (filha de Juquinha), professora e escritora renomada; tem uma grande Orquestra de Violeiros (mais de trinta integrantes) organizada e dirigida por Sebastião Bento, um estudioso do folclore; tem a Academia Morrinhense de Letras, cuja sede é o andar superior do edifício do Fórum, e que teve a frente de sua fundação o talentoso escritor José Afonso Barbosa; tem dois filhos da cidade na Academia Goiana de Legras e na Associação Nacional de Escritores – os irmãos Alaor e Eurico Barbosa (este por duas vezes presidente da primeira dessas duas entidades); tem Nilza Diniz na Academia Feminina de Letras e Artes (Aflag); tem Léo Godoy Otero, um morrinhense com grande destaque na Literatura. E outras expressões nas Letras e nas Artes.

Desde a chamada "redemocratização brasileira" – iniciada, como já aqui registrado, em 1945 – Morrinhos sempre contou no mínimo com dois representantes no parlamento estadual. Em alguns períodos simultaneamente com um no parlamento federal. Em 1947 foram para a Assembleia Legislativa Gumercindo Otero e Vital Pereira Cabral. E Guilherme Xavier de Almeida para a Câmara Federal. Em 1954, Pedro Celestino da Silva Filho e Waldyr Castro Quinta representaram o município no Legislativo estadual, o que se repetiu em 1958. Em 1962, José Theodoro Rodrigues Filho e Eurico Barbosa se tornaram os representantes morrinhenses na Assembleia Legislativa, indo Celestino Filho para a Câmara Federal. Em 1966, Eurico Barbosa e Genésio de Barros foram os deputados estaduais morrinhenses, reelegendo-se Celestino Filho como deputado federal. Em 1970, 1974 e 1978, Genésio de Barros se elegeu deputado federal. Em 1982 teve uma terceira eleição para a Assembleia Legislativa, o que ocorreu também em 1986, vindo ele a exercer, portanto, quatro mandados no Legislativo goiano. Naquele ano de 1982 o ex-prefeito Naphtali Alves se tornou deputado federal. Aconteceram nas legislaturas seguintes às representações no Legislativo estadual de Helenês Cândido, Aluzair Rosa e Rogério Troncoso, Afreni Gonçalves e Evandro Magal.

Tudo isto e mais os fatos históricos aqui lembrados em linhas anteriores explicam o sucesso político e administrativo de Morrinhos.

Com excelente posição geográfica, Morrinhos é hoje uma cidade e um município cuja população está em torno de 50.000 habitantes. Como sinteticamente se pôde ver, tem uma infraestrutura privilegiada nos setores educacional, de saúde pública e cultural Seu comércio urbano é dos mais expressivos.

No plano econômico, Morrinhos está na vanguarda na pecuária e na agricultura. Com a migração notadamente de paulistas e gaúchos, a zona rural do município ganhou muito forte desenvolvimento com os investimentos na produção agrícola, com boa participação da cultura da soja. A produção e o comércio agrícolas, assim como o crescimento e a comercialização do rebanho bovino, asseguram ótimo índice – digamos um PIB municipal – projetor de muito positiva atividade econômica. Tendo alcançado tão bom nível nesse plano e contando com os fatores culturais aqui elencados e contando com uma classe política harmônica e atuante, Morrinhos se assegura um futuro aureolado pelo otimismo, de desenvolvimento assegurado pelo empreendedorismo de sua gente e por sua estabilidade social.

## ATRAVESSANDO O MUNDO

Para quem está no Brasil, o melhor caminho para se chegar à Índia é...

Inclinadamente usando o 3º olho indiano, seu webcam, formará um ângulo de 90 graus, quando navegar na internet pelo Oceano Atlântico, atravessar o Continente Africano e o Oceano Índico.

Só um pulo com o mouse... Que lindo o Continente Asiático!

Mas, no nosso interior, o melhor caminho é o conhecimento, que valoriza o velho, o experiente e, sobretudo primeiro Deus.

Onde o lado humano é muito importante para o desenvolvimento cultural.

Graziela de Souza Reis.

## BROTHER I

Um tempo de fazer amigos
O que é desconhecido, aos poucos se torna unido.
Um jogo, ou um teste de relacionamento social?
Experiência pessoal, legal, um show!

O show acabou, mas o amor ficou!
Amor de amigo, de inimigo ou, quem sabe, de mais um Brother para
Integrar nosso convívio!

Graziela de Souza Reis.

## BROTHER II

Um abraço, um grito, um beijo no escuro...
Divergências, choros, sonhos, descontração, emoção...
Momentos e lamentos...
Muita festa, som, sorrisos...
Regada a muita comida e, principalmente, bebidas...

Enfeites, estrelas por um dia, por um minuto.
Como num azul anil, estou falando do Big Brother Brasil!

Um prêmio justo, para uns Brothers amigos, que se entregam a todo custo.

Graziela de Souza Reis.

## É... SER

Ser importante é multiplicar amigos
É responder nas redes sociais,
É não chegar atrasado de propósito...
É ser invisível para os olhos.

É poder transmitir perdão, oração...
É poder sentir um amor incondicional, ágape divisível.
É transmitir e tocar o  coração...

Graziela de Souza Reis.

# MUNDO ANIMAL

Desde o começo do mundo, os animais mais fortes, alimentavam-se dos mais fracos...

Porém, este espírito concorrente para sobreviver, com a evolução para o mundo racional, prejudicou o lado humano. Com a descoberta do glamour, o homem tenta ser mais e mais diferente do seu semelhante, onde para conseguir o poder, tudo pode...

Onde, enquanto a comunidade deveria unir para melhorar a espécie, o habitat e o convívio... "Eles competem entre si, ente famílias e no social!..." Aumentando os comportamentos violentos e desumanos! Desunindo as famílias e as classes sociais...

O mundo animal, dos animais irracionais se torna o exemplo de um mundo mais dócil, sereno e verdadeiro. Sem comportamentos invejosos, sem stress, sem maldade, enfim... um comportamento mais humano.

A luta do dia a dia tem objetivo único de satisfazer os anseios básicos do corpo físico e manter o espírito mais calmo, sem excessos e ganâncias, um mundo mais próximo da essência do verdadeiro. Um mundo mais compensativo para todos.

O ponto de equilíbrio entre o mundo humano animal e o mundo animal humano, aproximará os homens e os animais de um poder mais livre e humano... enfim um mundo animal...

"Homenagem para você: ..." Talvez aproximassem mais.

Quando tentamos fugir... do que parece impossível...

*Prólogo do Livro "O Poder Livre e Humano"
Publicado por Graziela Reis em 2007– modificado em 2016.

# NOVO GRITO DE GOL

Jovens marcam a história do Brasil, quando saem às ruas...

Unidos em protesto para um país melhor...

Em pleno período de Copa das Confederações, onde, neste dia, o Brasil jogava.

Estudantes universitários, o povo que acompanhou foram para as ruas das principais cidades e capitais brasileiras, num protesto inédito, digno, democrático, popular, por mais educação, mais saúde, mais médicos, mais hospitais... contra abusos de poderes, corrupções de administradores políticos, contra a PEC 37, contra o aumento abusivo no preço de transporte escolar...

O Brasil acordou, com apoio internacional, grupos foram formando e aumentando, cruzando as principais cidades, rodovias do país.

Um grito de " não aguentamos mais"... Um grito de Gol...

Brasileiros chegaram ao limite de engolir políticos e situações que beneficiam apenas grupos privilegiados.

Os caras pintadas voltaram, agora com narizes vermelhos de palhaços. Emocionou o povo, fizeram o povo pensar, criticar, analisar. E, "sobretudo gritar". E infelizmente a destruir sem limites, sem fronteiras.

Mas criando o limite, as fronteiras do pedido de desenvolvimento coletivo, de projetos que beneficiam a todos os cidadãos, pois afinal é um princípio Constitucional ! E fizeram conhecer mais os reais direitos constitucionais...fez várias pessoas ler e interpretar o Artigo 5º da Constituição Federal de 1988, que completou 25 anos.

Não só o executivo, mas também os poderes legislativo e judiciário precisam de melhor atendimento ao público, pois os impostos vencem e são pagos pelo povo.

Aquele 20 de julho de 2013, dia histórico que criou mais uma página para a história do Brasil, num grito de Gol, num só eco, ficará também em Versos de Papel ...

O Brasil dormiu de novo?

Agora precisamos de um centro avante, que não seja político, que tal um cidadão que seja administrador?

Graziela de Souza Reis.

## O DIA ESTÁ CHEGANDO...

Amar é incluir...
Lutar no dia a dia... para
Doar sem cobrar
Obreiro, irmão,... o dia está chegando...

Aldo, amigo ...tudo isso lembra seu nome ...
E onde nós plantamos oração, vamos regar,
Para mais um amigo no coração !

Graziela de Souza Reis.

## POEMA ILUMINADO

No terceiro momento, quando recebi uma mensagem e rapidinho me veio um quadro de uma Arara Vermelha chamada Lourita...
Tão cheia de energia, que parecia ter um motorzinho nos pés...
Alegre, dinâmica, bonita. Arara Vermelha em extinção.
Que habita em nossos corações. Trazendo de novo, emoção...
Dona Lolita, escritora, acadêmica, professora de moral, enérgica, mas gentil...
Dolores mãe, Dolores artista...
Duas Dolores...
Tornando-se imortal, quando partiu...
Desapareceu! Num céu de azul anil...

Graziela de Souza Reis.

## POEMA SUPERAÇÃO...

Até o  Cristo sorriu, quando a tocha viu!
Morrinhos sai do anonimato e entra no mapa para ser  mostrado
Iluminado é um dos 15 municípios goianos, onde passará a tocha olímpica... iluminando...
Morrinhos ao mundo em 06.05 e nos jogos olímpicos no Rio

Caros olímpicos e  paraolímpicos, brasileiros e  patriotas.
Nossos corações Verde e Amarelo, no fundo esperança.
De Medalhas, (1º lugar), ouro  prata ou bronze.
E participações de coração...
Com oração do hino nacional...
Chega de política individual, queremos moral.
Chega de notícias de corrupção, queremos esporte, ação...
Queremos troféus de dignidade, cidadania, colaboração, superação.
Vocês atletas, vão ao céu...
Para nossa alegria, pelo menos isso com sabor de  emoção.
Está na mão do cidadão...

Graziela de Souza Reis.

## POEMA DO CÉU...

Lucas ou Gabriel
Gabriel e Lucas
Lucas Gabriel, anjo ou menino?
Que numa nuvem do Céu, como véu de algodão.
E com cabelo de mel
Numa emoção, ação...
Quase nos deixa sem chão!

Caiu do Céu...
E para nos prestigiar
Na Arte de brincar, usou sua mente.
E num segundo de adolescente
Tornou-se autor e escreveu
"Arte do Céu"!

Graziela de Souza Reis.

## FLORES

Que bom você ter mandado flores,
Da cor amarela e vermelha minhas preferidas,
Que despertou em mim amores,
No meu olhar despertou as amarelas e vermelhas queridas.

Você mandou botão de rosa vermelha,
Que me encantou pela sua beleza,
Em tudo se mostra e assemelha,
Rainha das flores na sua realeza.

**Helenês Cândido - Junho de 2015**

## OLHAR TRISTE

*OLHAR TRISTE COM A MARCA DO SOFRIMENTO,*
*CABISBAIXO, DEMONSTRANDO SUA INSATISFAÇÃO,*
*TUDO DEVIA PASSAR RÁPIDO, CAINDO NO ESQUECIMENTO,*
*SAINDO, ASSIM, DO SUFOCO E ALIVIANDO O CORAÇÃO.*

*Helenês Cândido*

## SAUDADE

SAUDADE FORTE, SUFOCANTE, SAUDADE QUE APERTA O CORAÇÃO,
VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS AQUI, ESTÁ AUSENTE,
PARA O CÉU DEUS A LEVOU CAUSANDO COMOÇÃO,
A TODOS NÓS DEIXOU SAUDADE IMENSA E PERMANENTE.

Helenês Cândido

## FELICIDADE

FELICIDADE, ACHEI QUE A TIVESSE ENCONTRADO,
QUE ENGANO, VOCÊ FOI DEPRESSA EMBORA,
DEIXANDO TRISTE QUEM HAVIA PENSADO,
TER ELA DO SEU LADO, MAS ONDE ESTÁ AGORA?

TALVEZ NO VAZIO DO PEITO DE ALGUÉM,
BUSCANDO SOZINHO, UM MOTIVO PRA PENSAR,
QUE A FELICIDADE VAI E VEM, SEM A NINGUÉM
RESPEITAR, MESMO SABENDO QUE COM ELA QUERO FICAR.

A FELICIDADE É COMO O VENTO QUE SOPRA FORTE,
VEM COM INTENSIDADE EM ALGUNS MOMENTOS
E, VAI EMBORA, NOS DEIXANDO À MERCÊ DA SORTE,
CAUSANDO QUASE SEMPRE MUITOS SOFRIMENTOS.

SAUDADE, SEI O QUE ISTO SIGNIFICA AGORA,
É A FALTA DE SUA PRESENÇA, NESTE INSTANTE,
PARA FICAR DO MEU LADO, TODA A HORA,
E, MESMO ASSIM, NÃO SERIA O BASTANTE.

Helenês Cândido

# CORAÇÃO ABAFADO

NO PEITO, UM CORAÇÃO ABAFADO,
COM POUCA ALEGRIA E MUITO AMOR,
PARA DAR A QUEM ME TEM TORNADO
UM HOMEM TRISTE, MAS SEU SEGUIDOR.

NÃO VALE A PENA BUSCAR RAZÃO,
NEM MESMO MOTIVO PARA DISCUTIR,
SE DENTRO DE MIM, NO CORAÇÃO,
NÃO HÁ LUGAR PARA FINGIR.

NO MUNDO FANTASIOSO DA VIDA COMUM,
VOCÊ ESPERAR ANSIOSO QUE CHEGUE ALGUÉM,
COM O CORAÇÃO NA MÃO, E, DE REPENTE, NENHUM
SINAL E NEM MESMO EXPLICA A RAZÃO, TAMBÉM.

A SUA FACE CORA COM CALOR,
SEU OLHAR BRILHA, FICANDO CINTILANTE,
O ROSTO TOMA UM ROSADO DA FLOR
O SORRISO É ALEGRE E CONTAGIANTE.

Helenês Cândido

# DE REPENTE

DE REPENTE CHEGOU FORTE, ERA O AMOR,
QUE VINHA PARA FICAR, ROMPENDO
TODAS AS FORÇAS DO CORAÇAO, COM VIGOR
TORNANDO VOCÊ PRESENTE, NUNCA ESQUECIDO.

QUERIA FICAR TODO O TEMPO, BEM JUNTINHO,
PARA SENTIR TODA A ALEGRIA DE VIVER,
RECEBENDO DO MEU AMOR, O CARINHO,
SENTINDO, ASSIM, A DOÇURA DO SEU CONVIVER.

SEU JEITO MEIGO E SEU OLHAR MANSO,
QUE TRANSMITE ÀS PESSOAS MUITA PAZ,
GOSTO DE VER VOÇÊ E NÃO ME CANSO,
A SUA PRESENÇA ME ALEGRA E SATISFAZ.

NO PEITO UM SENTIMENTO GOSTOSO,
TRANSMITIDO PELO SEU AR DE PAZ,
DEIXANDO NA GENTE UM SINAL AMISTOSO
DA SUA AMIZADE E DO BEM QUE ME FAZ.

O SEU ENRUBRECER VEM COM FACILIDADE,
TRANSFORMANDO A SUA FACE EM VERMELHO ROSA,
QUE BOM VER O BRILHO DOS OLHOS COM FELICIDADE,
TE DEIXANDO, ASSIM, AINDA MAIS FORMOSA.

QUE BOM TER MANDADO FLORES,
DA COR AMARELA MINHAS PREFERIDAS,
QUE DESPERTOU EM MIM AMORES,
NO MEU OLHAR DESPERTOU AS AMARELAS QUERIDAS.

**HELENÊS CÂNDIDO**

## SILÊNCIO

*O SEU SILÊNCIO DÓI DEMAIS, ME MACHUCA.*
*ESTÁ MUITO DIFÍCIL DE SUPORTAR.*
*MEU CORAÇÃO A CHAMA , O SEU NÃO ESCUTA.*
*MESMO SABENDO QUE COM VOCÊ QUERO CONVERSAR.*

*Helenês Cândido*

## MUDANÇAS

*AS MUDANÇAS E REAÇÕES QUE ACONTECEM,*
*DENTRO DO NOSSO SER SÃO PALPÁVEIS,*
*ÀS VEZES SINTO SENSAÇÕES QUE PERMANECEM,*
*E, TRANSFORMAM O SENTIMENTO EM LEMBRANÇAS MEMORÁVEIS.*

*Helenês Cândido*

# DENTRO DE MIM

*DENTRO DE MIM UMA DIFERENTE SENSAÇÃO,*
*O CORAÇÃO BATE FORTE E APRESSADO,*
*TRAZENDO JUNTO UMA GRANDE EMOÇÃO,*
*TUDO NATURAL E ESPONTÂNEO, NADA FORÇADO.*

*NA AREIA BRANCA, NA BRISA QUE SOPRAVA,*
*NAS ONDAS QUE QUEBRAVAM, SEM PARAR,*
*PUDE SENTIR COM SAUDADE, QUANTO TE AMAVA.*
*EM TUDO SUA PRESENÇA, SEM CESSAR.*

*É CHEGADA A DURA HORA DA PARTIDA,*
*A SAUDADE CHEGA ANTES DA SEPARAÇÃO,*
*VOU ME EMBORA SEM DESPEDIDA,*
*LEVANDO UM GRANDE APERTO NO CORAÇÃO.*

*CADA DIA MAIS E MAIS CRESCE MINHA ADMIRAÇÃO*
*SUA PRESENÇA É MOTIVO DE MUITA ALEGRIA,*
*VENDO-A, SINTO UMA DIFERENTE SENSAÇÃO,*
*POR ISSO QUERO TÊ-LA, BEM PERTO, TODO DIA.*

*Helenês Candido*

# PEDRO JABOTI

SENTADO NA SOLEIRA da porta de sua casa, escorado no portal, Pedro Jaboti olhava desolado o campo seco... Sua vista doía na claridade do sol. Pois o astro rei fustigava com tanto calor, com tanta intensidade a terra, que esta tremia com o seu açoite. Nenhuma rês já andava pelo pasto. A última havia morrido há pouco. Pois acabara toda a reserva de cana e mandioca para tratar dos animais. Nem ave havia mais. Arribaram todas. As que escaparam, claro. Pedro Jaboti estava desconsolado. Já não existia nem leite para as crianças tomarem. Agora estava realmente em apuros.

A seca de dezesseis, segundo seu pai, superava e muito a grande estiagem de 1890, que deixou o Estado à míngua de alimentos, ficando a região quase desabitada, tal foi a mortandade de animais e gente.

Pensava na severidade da natureza que, muitas vezes age como mãe, em outras, age como madrasta implacável. O homem do campo, o roceiro, é um eterno sofredor. Sofre na mão do patrão e com as intempéries do clima. Cada um dá sua esfolada, arranca um pedaço do couro do roceiro. Castiga, oprime.

Cada um, a seu modo, dá seu safanão, provoca-lhe a queda, quebra o espinhaço. Veja bem o seu caso: tinha um quinhãozinho de terra e umas vaquinhas, que a seca devorou. A roça que tocava à meia com o fazendeiro vizinho, arroz e milho, não lhe deu um grão sequer. Mas, tudo que o patrão forneceu: grãos para o plantio; ajuda para o custeio, cobrava com juro e correção. E ele, simplesmente, não tinha como pagar a dívida. Sendo assim, ficaria para a próxima safra, incidindo sobre ela, juro sobre juro. Tornando quase impossível a quitação daquele débito.

Pedro Jaboti matutava, procurava uma saída e não achava. Fazia conta, esquentava os miolos, saía fumaça pelos ouvidos, fundia as turbinas e as ideias não se concatenavam. Desesperou-se. Pôs o chapéu na cabeça e saiu pela estrada chutando até a sombra. Cuspia fogo.

Quando Pedro Jaboti ficava assim, aluado, os presságios não eram nada bons. Os resultados eram quase sempre desastrosos.

Pedro Jaboti chegou à venda do Joaquim Caneca, sentou-se num canto e pediu uma garrafa de pinga "Rainha do Sertão". Pediu também meio quilo de salame e um pão. Por ali ficou.

O quiosque foi enchendo de fregueses. Pedro Jaboti foi embebedando. Nisso, a garrafa de pinga esvaziou.

Pedro Jaboti se levantou cambaleando e foi até o balcão e pediu uma dose de pinga, três dedinhos. Nesse meio tempo, entrou um morador do povoado e pediu uma caixa de fósforos. Pedro Jaboti então mandou que o vendeiro colocasse uma dose de pinga também para aquele sujeito. O obsequiado respondeu que agradecia muito, mas que não bebia pinga. Pedro Jaboti retrucou dizendo:

– Mas, o que é isso? Assim o senhor me ofende!

– Senhor, – disse o sujeito. Como eu disse, eu não bebo. E agora eu vou praticar um ato que não é de meu costume, só para lhe agradar, sendo o senhor uma pessoa que eu nem conheço? Ora, me poupe né? Pedro Jaboti lhe disse: – Ah, então você não vai beber não né, seu nanico duma figa? E já foi logo pegando o sujeito pelo colarinho da camisa e despejando a pinga pela sua goela abaixo.

Ato contínuo soltou o homem com um empurrão, que o jogou lá no canto da parede, a uns cinco metros de distância. Aí já se viu espritado e começou a gritar dentro da venda, insultando os presentes:

– Aqui tem algum caboclo macho? Não? Só tem frouxo? E batia no peito:

– Quem aí se habilita? Estou doidinho para quebrar os dentes dum homem no tapa. Tem algum aqui dentro? Estou desgraçadamente doido. Muito doido. Quero me esbagaçar. Quero acabar com tudo. Tem alguém aqui ao menos para dizer que sou feio? Não? Quer dizer então que macho aqui já é mercadoria em extinção? É? Eu sou mesmo um desgraçado! Não achar nenhum homem para me encarar, para que eu possa quebrar sua cara no tapa, arrebentá-lo todo! É mesmo o fim da picada! Ó vida desgraçada!

– A seca levou tudo que eu tinha. Estou acabado. Mas mesmo assim pretendo acabar com um punhado de cabra safado. No tapa, na rasteira. Quebrar pelo menos uma meia dúzia de costelas. Umas duas dúzias de dentes. Fazer paçoca de pelo menos umas duas dezenas de orelhas e co-

mer. Quero me esbaldar. Desgraceira danada! Nem leite para as crianças eu não tenho mais. Essa seca desgraçada me deixou sem nada. De calça na mão. Levou tudo que podia. Deixou-me arruinado! Por isso eu quero quebrar um filho da puta no braço, nem que eu morra depois. Quero arrebentar um macho. E que ele me arrebente também. Já não me importo com nada. Minha vida acabou. Vamos. Vê se tem um filho da puta aí para me encarar. Vamos. Apareça! Todos os presentes ficaram de olhos arregalados.

Todos, ou quase todos, sabiam da fama de Pedro Jaboti. Quando ele bebia e ficava fora de si, virava o demônio. Era mestre no tapa e na rasteira. Seis brucutus para ele era o mesmo que nada. Em instantes ficavam todos deitados no chão, desmoralizados.

Quatro chegantes ali há pouco se levantaram e o encararam. Eram somente pescoção e rasteira que se via. Não demorou muito e os quatro voluntários estavam estirados no piso da venda, vendo cada um, uma miríade de estrelas.

Nisso, entrou um sujeitão no local, dois metros e quinze centímetros de altura, cento e trinta quilos de peso, era o Mão de Tigre. Entrou e perguntou ao Pedro Jaboti:

– Então, você que é o valentão do pedaço? Vai me encarar? Pedro Jaboti lhe disse:

– Olha meu rapaz, não pense que você me mete medo, com esse seu tamanhão desproporcional, que não mete não. Para seu governo, fique sabendo que quanto maior o pau, melhor a queda.

O chegante lhe respondeu:

– Então venha, seu filho duma égua, que eu vou lhe ensinar. Já que seus pais não lhe educaram, eu o farei. Pedro Jaboti vociferou alto:

– Não, aí já demais! Chamar minha santa mãezinha de égua, isso é intolerável. Voou como uma fera rumo àquela montanha de homem. O grandão deu uma negaceada e pegou Pedro Jaboti pelas costas, deu-lhe uma gravata e com um terço de sua força, quase o matou sufocado.

A seguir, deu um pisão no seu pé e agarrou-o pelo peito da camisa, ergueu-o no ar, e o deixou espernear à vontade por algum tempo. Depois lhe disse:

– Você está preso. Eu sou o novo delegado de polícia do povoado. Dizendo isso, chamou três praças que estavam fora do estabelecimento comercial e ordenou que o algemassem e o levassem para a cadeia pública. Dentro da cela, Pedro Jaboti esmurrava a parede dizendo:

– Eita vida desgraçada! Desgraceira! Desgraceira! Mil vezes desgraceira! Seu companheiro de cela lhe ameaçou dizendo: – Se não me deixar dormir, vou chamar o delegado de polícia.

Pedro Jaboti disse baixinho consigo mesmo: – É. Realmente. O que já está ruim pode piorar. E muito.

José Afonso Barbosa.

# O CÉU DE CHAPECÓ CHOROU

Do céu vem chuva, mas nem todos os meses ocorrem esse fenômeno. Ah, existe a primavera, o outono, o inverno, escassos de chuva. Mas porque em Chapecó choveu? Existia um funeral público, cotejo de heróis, então não podia chover.

Então porque o céu de Chapecó chorou? Chorou pela perda de seus heróis**.** Chuva forte, esbranquiçada, que molhava o verde da Chapecoense, e ela sabe o porquê e o motivo de vir em abundância. Tão abundante que molhava o negro asfalto e escorria rumo ao Estádio. Tão grande era sua vontade de homenagear os meninos da bola que nem importava em ser pisada no verde gramado. Às vezes, o céu chora sobre qualquer pessoa, qualquer coisa e até sobre a janela que deixamos aberta molhando nosso livro preferido.

Às vezes, o céu chora por alguém, mas naquele dia chorou por um povo, junto com o povo, deixando em seus rastros de água a saudade eterna de ídolos que se foram. A chuva derramava sem dó sobre todos, pois todos ali no estádio formavam uma só família, família dos bons e dos justos.

Há de se compreender o céu quando ao invés de chover, chora. Naquele dia, em Chapecó, o céu estava nublado, apenas seus olhos se abriram para jorrar sobre os homens as águas lacrimejadas de pureza que iam caindo iluminadas pelas sirenes e luzes da cidade, mesmo assim, continuava solitário, lá em cima. Era como se sentir só na imensidão do universo, compreende? E você, se emocionou, chorou por alguém especial? Se for por alguém espero que lhe este lhe dê a mínima atenção e o observe, como o céu observou e chorou pelos heróis de Chapecó. Depois das lágrimas celestes, espero encher minha alma da cor de um céu estupidamente azul e dizer: VAMOS CHAPE!

Vanderlan Domingos.

# O CANCIONEIRO E O TEMPO

Ando devagar sem me tornar um cancioneiro à toa
Ando devagar, sabendo que o tempo passa, voa
Trilho caminhos e vivo intensamente cada tarde, noite ou manhã,
Não me importo quantos passos terei de dar
E nem o que acontecerá comigo amanhã.
Importo é com a minha sobrevivência e até onde posso chegar.

Ao passar por ruas poentas ou não,
Deixo meus passos no chão,
Para alguém que amo saiba para onde vou,
E que não desvio e nem seguirei em vão,
Marco cada passo para que ela saiba onde estou.

A região recôndita de meu cérebro continua escura,
Meus pés descalços tornam os meus passos lentos,
Mas abrem caminhos no chão cheio de fissura
Contabilizando cada metro com meus olhos atentos
Que dobrem os galhos que deixaram de ser eretos,
Que deixe livre a minha estrada e os caminhos certos.

Se quando caminhar, erros eu cometer,
Talvez você não seja capaz de me perdoar,
Mas se for por amor que eu me perder,
Sei que me dará um tempo e voltará a me amar.

Assim eu canto ponteio a viola e vou levando a vida,
Sem medo de ser feliz mesmo se não soubesse cantar,
Pois se assim eu não procedesse, contrairia a maior dívida,
Se por qualquer motivo ou deslize, deixasse de tentar.

Vanderlan Domingos.

## TORQUATO, O ÚLTIMO ROMÂNTICO DE POMARES

Sabemos que viver muito é somar perdas, é ficar inchado de coisas que nos deixam pelo caminho. Raramente, os que morrem assim, são os preferidos de Deus. Morrer assim é como a um ícone romântico que deixa hígida e festiva a imagem do morto, de toda sua vida e do que poderia ter ocorrido durante sua existência, assim como, todos os sonhos e realizações dele. No álbum de fotos do amigo tagarela, de escrita fácil e que teve sua vida voltada ao romantismo, era fácil observar o permanente sorriso celebrando a vida e a juventude. Era fácil ver no seu jeito alegre e a forma de como escrevia seus textos e enfrentava o dia a dia, de como encarava as tardes sem pôr do sol, ou de crepúsculos opacos, avermelhados ou cinzentos. Mas, naquele dia, além do seu álbum sobre a escrivaninha, observava mais que tudo, as defecções, as fugas e a crescente solidão de ver fotos de pessoas que se diziam amigas, que o deixaram ao relento e nem o viu partir para outra dimensão, poucos dias antes, num leito de hospital onde se curvou diante da morte. Lá, coberto por um lençol branco, poucos ouviram o último suspiro, calar uma voz, o romantismo perder um ser humano inteligente e Torquato deixar este mundo para sempre.

Vanderlan Domingos.

## OLHOS, A JANELA DA ALMA...

Com os olhos da alma desconectados, deixo de dedilhar o teclado do meu computador e vou embora para ficar fora do campo de visões que me angustiam. Assim, opto apenas por voar nas asas da imaginação para resguardar o que restou daquelas lembranças, como aqueles sorrisos angelicais, como aquelas palavras de carinho, como aquelas fotos postadas, como aqueles compartilhamentos, como aquelas mensagens amigas, como aqueles comentários sábios de razões, como aqueles textos poéticos, onde eu podia registrar coisas importantes e regozijar-me das belas palavras e imagens lá postadas e escritas. Mas, o olhar que sabe captar essas imagens e palavras, mesmo escritas de forma hieroglíficas, acredita que nelas exista uma beleza pronta ou esperando

para ser lapidada... Enfim, o que mais me encantou e encanta no olhar é que, ao contrário da boca, eles nunca conseguem desmentir o coração e é através daquelas imagens e textos inesquecíveis captadas através da janela de minha alma é que, doravante, hei de cristalizá-la para sempre na minha retina.

Vanderlan Domingos.

## O POETA E O FOLCLORE

Ao ficar diante do computador
Sinto-me em outro plano
E em um grande planador
Visitar mares e oceano
Mas dentro do possível
Participar ou assistir ao folclore goiano.
Têm muitas manifestações
Que atraem multidões
Como também tem certa magia
Que se traduz em alegria

Quem quiser participar, não faça beicinho,
Não se acanhe e façam fileiras,
Vejam bem de pertinho
Coisas nossas bem brejeiras.

É um encontro cultural
Que ocorre todo ano,
Onde o povo da cidade ou do meio rural
Fazem do tablado ou do chão um picadeiro,
Para que o folclorista, o poeta e escritor goiano
Jamais se esqueçam do roteiro.

Vanderlan Domingos.

# SIMPLESMENTE CANSEI!

Hoje levantei sem otimismo e não conseguia ver as coisas do modo que elas são. Senti-me cansado e ”p” da vida. Cansado de tudo, do mundo real, do palpável, do prático, do imaginário, do surreal. Cansei da visão fantasiosa sempre contrária ao mundo real. Cansei do trabalho maçante e de tudo aquilo que estressa; cansei de reclamar do errado e das coisas erradas, cansei daqueles que fazem denúncias vazias, caluniosas, difamatórias e não enxergam o seu próprio umbigo ou o umbigo do Órgão, Entidade ou Ministério em que trabalham. Cansei da escada tortuosa construída até aquele andar onde esperava alguém descer, apenas descer. Cansei de passar pelo mesmo trajeto onde passam os imprudentes que, irresponsavelmente, fazem ziguezague com seus veículos na avenida. Cansei do bonito que a natureza mostra, mas sempre é desrespeitada; cansei da ilusão de beleza que se vê em cada rosto. Cansei, cansei mesmo! Cansei das mesmas notícias que são veiculadas diariamente nas telas de TV e das novelas que levam mau exemplo aos lares brasileiros. Cansei da leitura de páginas de jornal, das vozes de alguns radialistas e apresentadores que judiam de nossa língua portuguesa, as quais surfam nas ondas do rádio maltratando nossos ouvidos. Cansei das desgraças que são repetidas nessas parafernálias eletrônicas, em que copiam cenas de outros e outros, querendo ser mais engenhosos, encenam o mesmo ato criminoso só que usam apenas outras posições, fazem montagens inversas, destacam o choro em outros tons e destoa a comoção no verso e anverso da fita gravada. Destacam um surpreendente julgamento que, ao final, sabem que ele poderá tornar-se uma pizza, recheada de votos “pensados”, extraídos de códigos defasados que são descritos na plácida sentença que, se o povo tiver juízo não aceitará. Cansei da forma em que retratam a comoção de um povo, do falso novo, do falso velho e, principalmente, do anverso dos dois porque quando colocados inversamente são definidos pelo Aurélio como falsos. Cansei do que os olhos são capazes de enxergar perto ou à longa distância. De perto, tenho que usar óculos de grau, e isso me cansa; de longe, enxergo coisas que não deveria enxergar; coisas que não prestam e aí me constranjo, canso.

Hoje eu quero é algo diferente que vai além daquilo que penso. Quero o poder da premonição, de ver o futuro, sem desfazer do presente. No teatro da vida, quero a inversão de papéis entre atores e atrizes, sem que haja a inversão de valores e o texto na tela interpretado não vire realidade e a realidade mostrada, não vire sonhos amorais ou imorais, e se virarem, que sejam distante de minha realidade. Entendo que devemos respirar novos ares, ter novos hábitos, ideias, emoções, desejos, pensamentos, isso é tudo que quero. Quem sabe, se isso vir a acontecer tudo possa ser diferente em relação ao que temos hoje; se não pudermos ter, então serei obrigado a desejar que o hoje renasça novamente.

Mas, quão difícil ser diferente e não cansar de tudo. Quando chegamos a casa a primeira coisa que ouvimos é o zunido do elevador, o tic-tac do relógio, a torneira que mesmo fechada insiste em soltar gotas fazendo barulho sobre um vasilhame, um som rouco: tum... tum..., nem paro para contabilizar os ruídos. É justo. Estou cansado. Nunca importei muito com o que acontecia ao meu redor, mas, hoje, dou atenção aos mínimos detalhes. É o cansaço. Quando sento à mesa e sirvo-me com um pouco de café adoçado com algumas gotas dietéticas e pão francês, então aí me acalmo. Ainda bem que a gota dietética é silenciosa. Tomo o café e com um sorriso inacabado ligo a TV. Novamente, aparecem as desgraças de ontem reprisadas hoje. Mudo de canal e lá vêm outras notícias e digo: espera aí! Eram as mesmas cenas do outro canal, e então percebo que a minha mente poderia estar atabalhoada. Aquela reprise não era real. Desligo a maldita TV. Vou ao quarto e olho no espelho para ver se estava apresentável, pois o trabalho me esperava. Mirei fundo nos meus próprios olhos que se arregalavam diante do espelho e vi-me vítima da rotina que eu mesmo criei. Eles também estavam cansados. Coloquei a gravata e saí. Pode ter sido só mais um dia ou poderá ser o último se pudesse prever o meu futuro, mas o que importa é que eu nada planejei.

Quando disse, no preâmbulo, que cansei do imaginário, não posso afirmar isso em relação aos amigos e amigas imaginários, pois eles são como os sonhos: estão com a gente aonde quer que estejamos; aonde a gente quer estar, e ninguém pode podá-los ou impedi-los de existir, pois só nós o vemos e acreditamos neles. Os amigos que me acompanham pelas ruas

solitárias da vida nunca me deixam no meio do caminho e me impedem de ficar sozinho, porque somos pessoas que correm atrás de um propósito, de um desiderato para continuar andando em busca de um caminho cheio de luz; não só os iluminados pelos raios do sol ou pelo os da lua, mas também, em busca daquela luz que brota dos lindos olhos de alguém, alguém que nos espera diariamente e nunca nos cansará. À bem da verdade, acreditar no improvável, no impossível e no imaginário sempre foi meu norte. É bom viver no mundo dos sonhos, mas hoje eu cansei.

Realmente cansei. Parece que estou com uma grade em meus olhos. Uma grade embaçada que me impede de enxergar e de ver o óbvio. E, assim, sou obrigado a me manter parado, sem dar um passo à frente ou para trás, talvez por medo de cair num precipício que a própria vida constrói. Essa grade está repleta de memórias insolúveis, indecifráveis, uma grade que me isola do mundo, que impede meu coração de bater como antes batia. Tudo isso me fere. Neste lapso de tempo posso ter caminhado por estradas tortas e deitado sobre relvas sombreadas por galhos secos de árvores milenares, sem esperança de obter certezas e ouvir melodias tocadas e cantadas por alguém que não existia e que eu mesmo inventava. E, olha, que me preocupo com o vozerio de vozes e sons que vem das ruas, do zunido do elevador, de cada gota que cai da torneira, do chuveiro, do tic-tac do relógio ou dos noticiários dos jornais, rádios e TV. Mas, tudo isso, não faz de mim um ser insensível, incapaz de enxergar o sorriso angelical de alguém ou as lágrimas que saem dos olhos da minha amada que dada a sua firmeza de espírito jamais as deixa cair ao chão. Leitor, não se deixe sangrar por essas palavras. Não se deixe sangrar mesmo, pois, no fim, a verdade sempre aparecerá, e as que tento expressar, pode ser apenas uma situação momentânea a mim postergada por alguma coisa surreal ou um ente estranho, que me cansou e fez com que eu criasse situações fantasiosas extraídas de um mundo que não se sabe se é ou não real.

Vanderlan Domingos.

## QUERO SONHAR

Quero sonhar com um mundo diferente,
Em que toda a nossa gente, possa viver melhor.
Sonhar com um mundo de justiça, sem maldade,
Sem ódio e sem cobiça, cheio de paz e de amor.
Quero sonhar com um mundo de igualdade,
Em que toda a sociedade tenha direito à saúde.
Quero sonhar com muita esperança de ver adultos,
Jovens, idosos e crianças vivendo em plenitude.

Quero sonhar com um mundo mais bonito,
Sem violência e sem conflito, como sempre sonhei;
Que o sonhar o mesmo sonho que é de Deus,
O que ver os filhos seus, vivendo em sua lei.
Quero sonhar com um mundo onde reina a verdade,
E que, a fraternidade, seja maior que o rancor.
Quero sonhar com um mundo cheio de beleza,
E que a nossa maior riqueza sejam as bênçãos do Senhor...

Maria Madalena de Souza.

## O DIA E A NOITE

Certo dia, às 18horas, o dia disse para a noite: "Que bom que você chegou, porque te entrego a minha missão!". A noite respondeu: "Obrigada! Espero cumprir tão bem a minha missão, assim como você cumpriu a sua!". O dia ficou muito feliz com o elogio da noite e disse: "Tenho certeza que você também vai dar o melhor de si e cumprir como sempre sua missão." E, assim, noite e dia sempre vivem em perfeita harmonia e nos convida a seguir esse exemplo.

Não critique um irmão,
Ao contrário, estende-lhe a mão.
Com um sorriso nos lábios,
E um aperto de mão,
Alegramos um coração.

A nossa vida é perfeita, mas
Podemos sempre aperfeiçoá-la
Com uma palavra amiga e
Dizendo sempre a verdade.

Maria Madalena de Souza.

## A CRUZ É LEVE

Senhor é muito bom estar contigo e a tua presença sentir,
Caminhando a teu lado, tua paz posso sentir;
Tu és a fonte de água viva, caminho que ao Pai conduz,
Teu amor e teu perdão, deixa mais leve a minha cruz,
Seguirei sempre teus passos, guiado por tua luz.

Tu és o rochedo que salva, lâmpada que ilumina meu ser.
Seguindo teus mandamentos, fica mais lindo o meu viver.
Dirige os meus passos, Senhor, sempre no teu caminho.
Sei que estou seguro, nunca estarei sozinho.
O teu nome bendirei, meu Deus, meu Salvador.
Jesus Cristo, meu Rei, que com teu sangue derramado,
Do pecado nos resgatou.

Maria Madalena de Souza.

# CUBRA-NOS COM O TEU MANTO

Senhora Aparecida,
Padroeira do Brasil,
Cubra os teus filhos
Com o teu manto cor de anil.
Protegei as criancinhas,
Rogai por toda a juventude,
Por nossas famílias,
E por todos os doentes,
Pede a Deus, muita paz, muita saúde.

Deste imenso país,
Sois mãe e padroeira,
Intercedei junto a Jesus,
Pelas famílias brasileiras.
Com teu manto sagrado,
Cubra nossa nação,
Para que acabem as injustiças,
A violência e a opressão.
Sois nossa mãe querida,
Que Deus Pai nos enviou,
Para nos conduzir a teu
Jesus – nosso amado Salvador!

Maria Madalena de Souza.

## SORRIA!

Neste mundo em que vivemos,
Parece que não existem mais
Amor, paz e alegria.
Mas não devemos caminhar
Nesta aurora sombria.
Nem tudo está perdido,
Porque Jesus é nosso pastor e guia.
Ele sempre vai à nossa frente,
Iluminando os nossos dias.
E é Ele que nos convida
A viver em harmonia.

Vamos deixar a tristeza de lado,
Amemos mesmo sem sermos amados.
E afastemos de nós a covardia.
Caminhemos na esperança
E com perseverança sorria.
Não tenhamos medo do futuro,
Deus é nosso porto seguro,
Na sua presença a paz irradia.
Para nós, ele é tudo, amparo e escudo.
Ele é Jesus, o Filho de Deus e de Maria.
Não devemos viver como derrotados,
Porque somos filhos de Deus,
E por Ele abençoados,
Mesmo neste mundo atribulado.
Sorria!...

Maria Madalena de Souza.

# A CASCAVEL E O FRANGO CAIPIRA

O sol já começava a se esconder no horizonte. Os pássaros– pretos, em algazarra feérica, se despediam do dia ingressando velozmente no âmago do bambuzal, chilreavam como se nunca fosse acontecer uma nova alvorada. Naquela tarde, até as seriemas gargalhavam com mais vigor. O sabiá gorjeava tristemente sua melodia nas frondes do cajueiro. Que maravilha de fim de dia. E o Zé Borréia já bebido, resolveu tomar mais uma HP. A cachaça, também naquele dia, estava por "demais saborosa", não queimava, e quanto mais bebia, mais sentia vontade de beber. Tomou mais duas, das grandes... O Rio Piracanjuba descia morno, sinuoso, esverdeado por cima das pedras. Uma canoa esperava algum pescador e jazia balançando na margem esquerda do rio. Por um impulso, teve vontade de pescar uns piaus. Abandonou a ideia. Outro dia eu pesco...

– Zé, falou o proprietário da fazenda, leva um frango caipira para sua mulher e aproveite quando passar pela Marcelânia e jogue a cascavel na lixeira. Entregou duas sacolas. Uma com o frango e outra com a peçonhenta. Equiparavam-se no peso. Teve ímpetos de jogar a cascavel no leito do rio, porém, pensou, o Paulinho do Helenês é sistemático e vai achar ruim. Deixou as sacolas no local avisado...

Tomando a derradeira o Zé, já noitinha começada, resolveu ir para sua morada, em Morrinhos. Pegou as duas sacolas. Colocou-as na amada "Belina Ford" e, com sorrisos na face, ficou imaginando o quanto sua mulher ficaria feliz com o frango caipira, índio melhorado, ofertado pelo Paulinho do Helenês. Na saída foi avisado: não se esqueça de deixar a venenosa no lixo. Resmungou: "cê tá pensando que sou besta sô...".

Chegou a passar pela lixeira, uns cem metros, lembrou-se do recado, deu meia-volta e próximo ao local de "desova" de lixos pegou uma das sacolas e lançou-a no meio da caçamba, já repleta e mal cheirosa... um nojo pensou!

Chegando em casa. Maria? Maria?, onde você está. Tô aqui na sala, Zé!

– Olhe, amanhã não precisa comprar frango para o almoço domingueiro. O Paulinho do Helenês mandou um para você, pra todo mundo, vou colocá-lo no freezer, cedinho, vou à feira e compro quiabo e pequi. Quero frango com quiabo e pequi, sorriu internamente. Adoro.

Cedinho, como prometido. Levantou e foi para a Feira Coberta, na Rua Cel. Pedro Nunes. Escolheu e adquiriu os ingredientes já previamente selecionados. Uma feirante, que vende frangos, aos domingos, e que o Zé era freguês habitual , chegou perto e disse:

– Guardei um frango novo e grande para você, passa na minha barraca, porque têm outras pessoas querendo comprá-lo. Olhe, já tenho frango, pode vender para outra pessoa, mas, antes vou passar lá só para vê-lo.

Passou. O frango, de fato, era uma beleza. Índio gigante, de carne amarela, puro. Zé quase levou o depenado...

– Pode entregá-lo para outro freguês.

Assim fez a feirante.

No caminho de volta para casa ficou a matutar a razão de não ter comprado o frango. A mulher tinha guardado para ele. Bem, agora é tarde...

– Maria comprei pequi, quiabo, e outras coisas, estão na cozinha.

– Zé , a Sebastiana, feirante, ligou dizendo que guardou um frangão especial, do jeito que você gosta, passou por lá?

– Passei, Maria. Sovinei e não comprei o frango. Era enorme. Um belo exemplar.

– Você não tem jeito. Quando ela não reserva, você apela com ela. Quando ela separa o melhor para você, não compra. O homem difícil está se tornando...

– Maria, hoje, em nossa casa o almoço será somente para nos dois. E se já temos um frango, o outro seria um exagero, e você sabe que gosto de frango é do dia. É mais saboroso.

– Maria vou chamar o Paulinho do Helenês e a Renata para virem almoçar com a gente, o que acha?

– Ótimo. Ligue mais cedo e os chame.

Assim o Zé fez.

– Maria, aceitaram o convite. Vou voltar à feira e comprar uns tomatões, eles gostam de salada com tomates grandes.

– Se a Sebastiana não vendeu o frango. Compre-o.

Pegou, então, mais dinheiro para também o frango.

Não havia mais frangos para serem vendidos. Comprou outras verduras e voltou para casa, passando em um boteco comprou uma caixa de cervejas e, lógico, tomou uma HP.

De longe, avistou a Maria, de avental, o aguardando em frente de sua casa. Êta mulher legal, pensou. Esperando-me à porta de casa. Gosto da Maria, falou baixinho para si mesmo...

– Zé, você não tem vergonha na cara?

– O que aconteceu, Maria?

– Vá à cozinha e olhe que belo frango o Paulinho do Helenês lhe deu.

Foi quase correndo ver o galináceo. Chegando lá, seus olhos não acreditavam no que viam, ao invés do frango era a cascavel que se encontrava dentro da sacola...

Helenízio Antônio Marciano.
Advogado. Cronista.
Membro da Academia Morrinhense de Letras.

## CONSTRUA UMA "IGREJA" DENTRO DE SI MESMO...

Tem-se notado, diuturnamente, pessoas enchendo os templos, católicos, evangélicos, de outras facções religiosas, em busca, pensa-se de DEUS. Verifica-se, também, que os "donos" dos templos estão, cada vez, mais endinheirados, milionários mesmo. E as pessoas, salvo raríssimas exceções, cada vez mais necessitadas. Há que se salientar que, intimamente, não tenho nada contra esses "gorjeios" dos padres, bispos, pastores, não, não tenho".

Mas analisemos:

Deus é onipotente ou ubíquo – está ao mesmo tempo em toda parte;
Onipotente – que pode tudo;
Onisciente – que sabe tudo.

Então para que o ser humano necessita de um intérprete para "conversar" com seu Deus? Sua fé seria tão fraca que a sua "voz" não encontra ressonância nos ouvidos de Deus? Sua presença, fora de um templo, não seria "enxergada" pelo nosso Criador? Tenho minhas dúvidas...

Os momentos vividos em nosso BRASIL tanto politicamente, como nos demais setores desenvolvimentistas, estão debruçados na mais caótica e causticante parafernália; nosso PAÍS está atolado, chafurdando mais do que na lama do Rio Doce. Somos um barco sem timoneiro, estamos à mercê de "mercenários" políticos, de corruptos e corruptores. Não é o Brasil que sonhávamos, não!

E, agora, se se construir, para si mesmo, uma "igreja" dentro de si mesmo? Uma "igrejinha" administrada pelo mais sapiente dos homens? Sem que precisasse sair de seu próprio eu, sem buscar ajuda desses "enganadores" (para mim), que se enriquecem, assustadoramente, com o dinheiro das pessoas oprimidas. Esse "templo" a ser erguido em seu íntimo, que você pode ingressar e sair dele em um átimo de segundo, mas que more, sempre, no conteúdo mais abissal de sua alma, não seria a salvação de seus pecados? O ressurgimento dos prazeres de se viver? O complemento de todas as suas aspirações?

Construí, há muitos anos, a "minha igrejinha", ela é linda, confortável, indispensável à minha vida cotidiana. "Ergui-a", nos longos dos anos, "tijolo" a "tijolo", com "argamassa" bem temperada na convivência com todos os meus familiares e amigos. Ninguém a destrói! Foi muito bem construída. O arquiteto é um exemplo mundial de sabedoria, de inteligência, de bondade, de amor; em suas "mãos" consegue-se equilibrar toda a humanidade, oferece paz aos homens de boa vontade, saúde aos enfermos, paz, muita paz "dentro" da sua "igreja".

Quando se nota uma pessoa desesperada, angustiada, sem rumos certos, pensa-se: não construiu sua "igreja" interior.

Quando se vê uma família com filhos tresmalhados, imagina-se: falta-lhe começar a construção de seu "templo" íntimo.

Quando seus olhos se depararem com uma família alegre, feliz, cheia de vida, de atividades, de bondades com os próximos, chega-se à conclusão: construiu sua "igreja" na alma.

Sabe qual é o "arquiteto" de minha "igreja" íntima? – JESUS.

Construa a sua... será feliz.

Helenízio Antônio Marciano.
Advogado. Cronista.
Membro da Academia Morrinhense de Letras.

# O CABARÉ DA NEGA E O SENADO FEDERAL.

O dia, hoje, nasceu muito frio. Uma névoa fina, aos moldes da antiga garoa paulistana, fez permanecer, na cama, aqueles que podem extrapolar os horários, os que não são obrigados a madrugar para se encaminharem ao batente. Não se enxergava quase nada. Uma novidade, nesta época, na amada Morrinhos.

Nove horas, o sol aparece alegre. Todos os munícipes imagina-se já se deliciaram com a novidade e o friozinho começou a transpor os umbrais das residências e a vida, atribulada, renasceu, com o sol por testemunha.

Há muitos anos fluídos, quando Morrinhos contava com bem menos habitantes, não existindo, ainda, TV, e o Cine Hollywood, o Jóquei Clube e as brincadeiras dançantes eram as diversões mais procuradas, em nossa urbe; também, existia o Cabaré da Nega. Um lupanar nascido no alto da Rua Dr. Pedro Nunes, 1.186, antiga zona boêmia da cidade. A proprietária apelidada de Nega comandava a casa com mãos hábeis e seguras, uma Maria Machadão com propensão – nata – para gerir a mais antiga das profissões. A frequência era muito versátil; lá se misturavam ricos, pobres, analfabetos, letrados, poetas, escritores, notívagos inveterados e curiosos de toda espécie, evidentemente, para assistirem às atrações do Cabaré mais falado e mais procurado da região. Funcionava em uma enorme casa construída, especialmente, para o desiderato: um cabaré! A proprietária, uma mulher franzina e esperta, não aceitava, na casa, nenhuma anomalia. As prostitutas que atendiam no prostíbulo eram escolhidas "a dedo". E a primeira exigência era a apresentação de exame médico, na época a sífilis e outras doenças venéreas grassavam no País, mas em seu Cabaré não se tinha notícias da transmissão aos fregueses da casa. Tudo era de uma limpeza exemplar. Roupas de cama cheirando a sândalos. As roupas das mulheres limpas e as mesmas cheirosas; havia uma, a "Maria Macaca" uma pretinha esbelta e dançarina de mão-cheia que gostava de usar Chanel, talvez o número 5. Não se aceitava, no Cabaré, brigas e discussões. Ninguém podia exorbitar na bebida. Possuía Alvará de Funcionamento expedido pela Municipalidade. Todos os músicos eram remunerados após as horas dançantes. Os empregados, todos, eram devidamente registrados, com carteiras assinadas. Luz e água pagas nos dias dos vencimentos. Cervejas "véus de noivas". Copos alvos, limpos. Banheiros cheirosos. Músicas, mesmo com bandas, dentro dos decibéis permitidos pela lei. Não se permitia

a entrada de menores e não se vendia bebidas àqueles que não cumpriam com as normas da casa: lá o excesso não era permitido. Foram longos anos de funcionamento ininterrupto e, praticamente, foram poucos os momentos desgostosos em que os frequentadores entraram nas vias de fato. Falecendo a proprietária, infelizmente, o Cabaré fechou suas portas. Saudades galopeiam nas mentes dos morrinhenses mais sazonados...

O Senado Federal é dirigido, pela terceira vez, pelo Senador José Sarney, maranhense, mas que se elegeu pelo Acre. No Senado, Sarney foi beneficiado pelo desaparecimento de Tancredo Neves, quando a oposição conseguiu elegê-lo, por via indireta, e, por ironia da história, foi substituído por José Sarney, ex-prócer do partido do regime militar. Agora, com mais uma crise que combale mais as entranhas do Senado, o seu Presidente disse: "A crise é do Senado, não é minha", mas utilizou dos "atos secretos" para nomear, pelo menos, seis parentes e aliados políticos. É evidente que não há a menor possibilidade de eximir Sarney dos atos que desmoralizam o Senado, pois é seu atual Presidente. Sabe-se que o Ministério Público Federal apura o escândalo dos atos secretos, a caixa preta do Senado, faz-se força, será aberta e ofertada ao Povo Brasileiro, já cansado de tantas falcatruas na Casa das Leis brasileira. Essa ideia, do Sarney, de que "muita gente está interessada em enfraquecer o Senado", é de uma falsidade a toda prova. Uma incongruência. Uma maneira de tentar, de suas mãos, os atos praticados nas veias do Senado. Que, já há muitos anos, vem denegrindo, para o Brasil e o Mundo, um Senado que não representa o Povo, mas aproveita das benesses das próprias leis legisladas, a maioria das vezes, a toque de caixa, sem o devido amadurecimento. Minha memória política é bastante falha, todavia, lembro-me de fatos constrangedores já navegados no Senado: a) anões do orçamento; b) compra abusiva de passagens para todas as partes do orbe, com o povo pagando; c) nepotismo; d) atos secretos; e) pagamento de horas extras sem trabalho; f) eleição de suplentes, sem receberem nenhum voto; g) "mensalão"; e mais infinidades de atos espúrios e, mesmo aqueles que nunca haveremos de saber, que devem ser feitos às escondidas. O conjunto de casuísmo impregnado no Senado é imenso. Temos escolha, nos brasileiros, que vivenciados tanta porcaria em uma Casa de Leis? De que adianta uma TV Senado se o povo não acredita nas vozes dos Senadores?

Helenízio Antônio Marciano.
Advogado. Cronista.
Membro da Academia Morrinhense de Letras.

# REMINISCÊNCIAS DA PISCINA DO JÓQUEI CLUBE DE MORRINHOS

Chegou o momento de deixar de lado a política. A politicagem. As corrupções. O desencanto com a pusilanimidade de nossos Governantes. Os gastos abusivos "COMPRANDO" votos dos Senadores e Deputados. Os aumentos nos combustíveis para facear a "FARRA" do Presidente para garantir sua presença, efêmera e infértil diante do Governo Maior, e de seus apaniguados, quase todos sob a mira da justiça. Até o presente momento já foram "GASTOS" mais de 18 bilhões de reais em emendas parlamentares e já chegam a 100.000 os comissionados nomeados pelo temido Temer... Uma vergonha mundial!

Poucos, agora, recordam-se da piscina pertencente ao Jóquei Clube de Morrinhos, construída no alto de uma elevação, quase defronte ao Matadouro Municipal. Na época em que pretendo retratar tal logradouro, que gostávamos muito, havia dois turnos para se utilizar daquela piscina: a) dos homens e b) das mulheres. No tempo antigo era assim. Não se misturava homens e mulheres no mesmo espaço de entretenimento em trajes menores. Nós, homens, ficávamos desnorteados para vermos as moças em trajes de banho. Era muito difícil vê-las em seus horários. Sofríamos com tal procedimento da Diretoria do Jóquei. Mas, fazer o quê? Se ultrapassávamos tais normas, infelizmente, seríamos suspensos daquele clube.

A piscina , para mim, muito jovem, ainda, era imensa. Tinha 25 metros de comprimento por 12,5 metros de largura. Possuindo três pontos importantes: "o fundo (que – realmente – era muito fundo; o meio – mais ou menos fundo – e o raso, para mim era um pouco fundo." Passaram-se alguns anos e a piscina se tornou mista. Foi um grande alívio e prazer, tanto para as moças como para nós os moços da época. A amizade e companheirismo entre os frequentadores do local era preponderante... parece que naqueles anos fluídos, como Morrinhos, contava com poucos habitantes (isso há 55 anos passados, mais ou menos), todos éramos mais fraternos, companheiros. Hoje tudo mudou...para pior.

Bem, um certo domingo: Sol maravilhoso. Calor de dezembro. Fomos, Getúlio Alves Toledo, Luiz Alberto de Oliveira, Ademar Isidoro dos Santos, Luiz Antônio de Aquino, e este escriba para a piscina, queríamos ver as moçoilas, de biquíni (muito poucas) e em trajes compatíveis com o lugar. Quando chegamos, ficamos extasiados com tanta gente. Penso que havia, lá, mais de cem pessoas. A água estava deliciosamente "apetitosa"... mudamos de roupa e mergulhamos nas águas "ENCANTADAS" daquele recanto aprazível, menos um, o Getúlio, de calção ou bermudão, não me lembro, não queria pular na água: hoje não dizia... Estou um pouco resfriado. E foi ficando sem utilizar das delícias daquela água...

– Pula Getúlio. Pula "Abelha" ou "abêia" que era e é o apelido do Getúlio, aos mais chegados. A todo momento gritávamos: pula Getúlio.

– Hoje não...semana que vem.

– Você sabe nadar?

– Lógico. Sou um exímio nadador. Aprendi quando criança no Poção dos Padres.

– E o "Abêia" suava na borda da piscina. De quando em vez, molhava as mãos e passava no rosto preguento de tanto calor.

– Vem "Negro"...também um apelido carinhoso que criamos para o Getúlio.

– E a "peça" continuava no mesmo lugar. Hoje não dizia...

– Então, por que veio para a piscina?

– Companheiragem...

Aí, o Fordinho, apelido do Ademar, o Faustino, Apelido do Luiz Antônio e o Bambu apelido de Luiz Alberto de Oliveira, deram a ideia de chamar o Abelha para perto da piscina, e quando chegasse na borda, nós o empurraríamos para a água.

– Getúlio, gritei, me ajude a sair da piscina, por favor. E veio o Negro com aquele sorriso gostoso, com a cara alegre, para me dar uma mãozinha para que pudesse sair da piscina. Quando abaixou para pegar em minha mão, eis que os demais o empurraram para as águas. O Negão foi lá no fundo do raso, que não era raso, mas era um pouco fundo. E batia as mãos em desespero...tal como uma abelha em busca das flores...muito rapidamente! Mas não saía do lugar. Afundava. Batia os braços desordenadamente...e no-

vamente desaparecia. Depois de algum tempo. Depois de beber muita água, conseguiu gritar:

– Me tira daqui, não sei nadar.

Pulamos na água e tiramos o Abêia. Foi um susto danado para todos...

Na volta. Já passados os receios de que o Getúlio adoecesse, voltamos rindo. E, em conjunto, criamos mais um apelido para o Abêia: FRANGO D'ÁGUA.

Até hoje o Frango D'água não sabe nadar. Sabe fumar. Beber uma cervejinha. Escrever muito bem. Cantar com uma voz muito boa. Dar frouxos e sonoros risos. Ser amigo. Ser bom companheiro. Ser um ótimo compadre. Mas não sabe nadar. Talvez, em Morrinhos, somente ele não saiba nadar.

Quero, nesta oportunidade, confirmar algumas coisas que o Frango D'água escreveu, sobre mim e ele, quando me convidou para ir ao Chapéu de Palha. Foi ele o incentivador de tal "ODISSÉIA". Fui em razão de nossa profunda amizade, parentesco e compadrio. Lá ele cantou. Dançou em cima de mesas, de pijama. Arrematou dezesseis frangos e uma leitoa, no leilão. Ofertava os lanços e, ele mesmo, oferecia outro maior. Paguei tudo – vontade própria! A culpa, evidentemente, daquela escapada deverá ser direcionada ao Getúlio, pois, companheiro é companheiro. E eu sou...

Refletir sobre a própria vida é tomar posse dela. Só os atos humanos o podem fazer crescer, desenvolver-se e tornar-se mais humano...

Não aceito réplica, viu, Frango D'água!

Uma sugestão leiam: "SAPIENS. Uma breve história da humanidade" – De Yuval Noah Harari. O livro questiona nossas ideias preconcebidas a respeito do universo. Fabuloso!

Helenízio Antônio Marciano.
Advogado. Cronista.
Membro da Academia Morrinhense de Letras.

# PESCARIA NO DESCONHECIDO...

Foram meses de planejamentos. Reuniões. Conversas telefônicas as mais diversas e em horários inusitados. Discussões acaloradas. Risos os mais diferentes e sonoros. A pescaria, no Estado de Mato Grosso, era o mais importante assunto, dormiam sonhando com o dia da saída. A cada dia, ao grupo, juntava mais um amigo. No início, os integrantes seriam no máximo dez; no final, chegaram-se a dezesseis pessoas. Uma turma bastante eclética: magistrado, promotor de justiça, comerciantes, biomédico e estudante de medicina, aposentado, advogado, engenheiro da computação, fazendeiro, cozinheiro. Todos amigos e morando em Morrinhos, o que é de suma importância.

Resolveram antecipar a viagem em um dia; ao invés de partirem na madrugada do dia 29, começaram a odisseia no dia 28, quase findando o dia. As traias já se encontravam nos veículos. Duas F-250, três S-10, uma Mitsubishi. Carretas. Canoas. Bebidas. Comidas. Utensílios de cozinha. Barracas. Enfim, uma parafernália de mobiliário para o conforto da pescaria.

Na partida, uma azáfama incontida. Os corações apertados e ansiosos para colocar os veículos na estrada. Seis carros, lotados. Andaram bastante e, à noite, já cansados, resolveram, em uma cidadezinha, pernoitarem. Um dos participantes, com alguma cervejinha na cachola, encontrou pouso, chegou primeiro, bebeu água limpa. Dormiu logo. Para os demais não havia mais acomodações. As acomodações, podia-se dizer, pareciam mais um persigal do que pensão de estrada. Dormiram nos carros. Dois deles passaram – noite inteira – bebendo uísque. Uma beleza de madrugada, diferente de todas que tinham vivido.

Todos pensavam que seriam percorridos, até o local da pescaria, em Mato Grosso, no Rio das Mortes, cerca de 800 a 900 quilômetros, e, desses, no máximo 120 de "areião" , lê-se: estrada de pouco uso e que é inundada no período das águas, tornando-se, após as cheias, um verdadeiro areal . Areias-gordas. Mas não eram 120, sim 320 km, quase intransitável. Doze horas. Carros quebrando. Um caos . Os nervos ficaram

à flor da pele. Alguns, de tanto sentimento nefasto, chegaram a grossas e copiosas lágrimas. Na estrada, vez por outra, já noite forte, tinham que diminuir a velocidade dos carros para que algum sucuri atravessasse a rodovia de areia. O medo assolou as mentes de todos, até medo de assalto naqueles ermos e gerais ficou patente nos sentimentos dos pescadores. O promotor chegou a alertar: isto é uma armadilha, nós poderemos ser atacados e roubados. Mas, foi só a impressão e dificuldades. Sem o ruim não existe o bom, uma grande verdade.

Madrugada aprofundada chegaram ao local da pescaria. Sofridos. Cansados. Sem conhecerem o Rio, seria piscoso ? Amanheceu o dia. Descansados, verificaram que o local era aprazível e que o Rio continha enorme quantidade de peixes. A natureza perfeita. Intocável. Linda.

Depois da tempestade, a bonança. Segundo informes, já encheram os freezers de várias espécies de peixes nobres e a felicidade reina no acampamento.

E a volta? O regresso, no interregno da espera da chegada do sono, é o maior conflito nas mentes dos pescadores. O sofrimento da ida foi muito grande, não gostariam de repeti-los. Mas, sendo inevitável, seria necessário acumular energias para a transposição do "deserto". No próximo sábado, os carros estarão na estrada, que não encontrem répteis boídeos na areia, e que nenhum estrague chegando, inteiros, na estrada asfaltada.

Com problemas no início, o final fica mais emocionante. A pescaria mais prazerosa. Um aprendizado para o resto das vidas.

Helenízio Antônio Marciano.
Advogado. Cronista.
Membro da Academia Morrinhense de Letras.

## IDAS E VINDAS

O dia anoitece.
A noite amanhece.
A seca ignora a chuva.
A chuva aplaca a seca.
Do cais parte o pescador.
O pescador volta ao cais.
A partida quer a chegada.
A chegada é o ponto de partida.
O trabalho pede o sono.
O sono revigora o trabalho.
Estudo gera o conhecimento.
O conhecimento exige estudo.
A mesma pessoa que nasce
É a mesma pessoa que morre.
Tudo que começa termina.
Tudo que termina começa.

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

## FAÇO E DESFAÇO

Faço do passo o caminho que traço.
Faço do laço o fio que embaraço.
Faço do aço o monstro devasso.
Faço do abraço o nó que enlaço.
Faço do cansaço a dor que desfaço.
Faço do estilhaço a arma que caço.
Faço do espaço a esperança que entrelaço.
Faço
E desfaço
O traço
Com o passo
Que traço
Onde passo.

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

# CONSTELAÇÃO

Nas férias eu me mandava
Lá pras bandas da Constelação.
Fazenda que me encantava,
Do meu querido tio Sebastião.

De "Bastião Nania" ele era conhecido
Com 150 quilos, bem pesados.
Sua lembrança eu guardo enternecido
E sua presença nos meus olhos marejados.

Tia Elza era uma santa,
Que Deus colocou no meu caminho.
A saudade dela é tanta
Que cresce... Cresce... Devagarinho.

A Constelação ficou guardada
Para sempre na minha imaginação.
Tia Elza, minha madrinha idolatrada,
E, no baio, montado, meu padrinho Sebastião.

Nos protejam meus tios adorados
Para nossas faltas e erros, o perdão,
Como se fôssemos ainda malcriados,
Aqueles meninos, lá nas bandas da Constelação.

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

* Poema em homenagem aos tios Sebastião Fernandes Cunha e Elza Rodrigues Troncoso Cunha.

# Causo

## DESINCAPETAMENTO

Eu tinha um primo de nome Josias. Nóis morava na fazenda Jacu adonde meu pai e o pai dele era meiero do seu Tatitco, dono daquelas terra. O povoado de distança mais perto lá de casa era mais de déiz légua. Desde piqueno, Josias tinha um trem esquisito. Ele vevia dano trimilique e siricutico, caía no chão, revirava os zóio, babava e inté fazia as necessidade pras perna abaixo. Nóis largava ele isparramado no chão cadiquê todo mundo murria de medo daquilo pegá na gente, ô sinão, era um capeta quissi apossava dele. Doença nóis num queria pegá e capeta, Deusulive. Logo que passava o desconforto, ele acordava meio bocó e adispois, ele passava uns tempo acabrunhado, sem fala nada e oiano pru lugá qui não exeste.

Nilo Sérgio Troncoso Chaves

# MULHER

Nilza Diniz Silva.

Que esta mensagem chegue até você, neste dia que lhe é dedicado, como portadora dos sentimentos e do reconhecimento do alto valor de sua excelência.

Não queremos que sejam palavras vãs, que o vento leva facilmente para o esquecimento.

Para reconhecer você, Mulher, seria necessário conhecer as dimensões de sua experiência e ação no recesso do lar, na vida profissional e no campo afetivo. O velho "chavão" de que você é a "rainha" não traduz tudo o que você realiza em seu lar, seus momentos de ansiedade, a sua dedicação, o carinho que você distribui, a força que emana de seu ser para conseguir manter acessa a chama do amor que une os que de você dependem. Suas mãos, sempre em movimento, criam mimos de amor, doçuras encantadas, enquanto você se desdobra em atos de doação, de sacrifícios sem conta para fazer felizes aqueles que você ama.

Na vida profissional, você se encarrega de saber repartir o tempo dedicado ao lar com as tarefas inerentes à profissão que abraçou e que pretende que sejam bem cumpridas. Cada vez mais se impondo nas mais variadas funções, você não teme ser relegada como o foi no passado, onde as oportunidades para a mulher eram bem restritas. Hoje, seu campo de ação é bem maior e você concorre com o homem em igualdade de condições, apesar de ainda se notar, em algumas áreas, uns resquícios de machismo que aos poucos vai desaparecendo.

No campo afetivo você encontra toda a razão de viver, pois a emoção está ligada a você conduzindo o afeto que sabe distribuir, muitas vezes, sem esperar retribuição.

"Emoção significa o estado de ser movido", e é guiada pela emoção que você, muitas vezes, vive grande parte de sua vida. O riso e a lágrima,

manifestações externas da emoção, afloram ao seu rosto em movimentos marcantes, em instantes de alegria ou de grande dor. Mesmo quando você não consegue exteriorizar os sentimentos, eles permanecem vivos em seu íntimo, em sua vida interior tão cheia de mistérios. Quanta decepção você carrega dentro de si, quando não procuram entender seus sentimentos. Você, que tem a faculdade de se doar, de se dedicar ao próximo, esquecendo-se de si mesma, nem sempre é compreendida.

Quantas mulheres são consideradas inferiores, que são tratadas com violência, mas você já está sabendo se impor. Aos poucos, você faz cair por terra às barreiras que são colocadas em seu caminho, impedindo você de se realizar, impedindo você de concretizar seus sonhos. Continue lutando para impor suas ideias, para transformar seus projetos em realizações, mas não deixe que se perca seu lado feminino. Não deixe de ser mulher. Depende de você, só de você, o reconhecimento de seu valor como pessoa humana, como companheira do homem para sua realização plena de vida.

Como ser humano que é a mais perfeita criação de Deus, modelada pelas mãos divinas, recebeu você a suprema graça de criar também com suas mãos os mais belos exemplares de todas as atividades, modelos que enriquecem e enobrecem o mundo que lhe foi dado. A capacidade de criar é um dom que se torna mais importante à medida que é colocado em prol da humanidade. Em qualquer ramo, seja qual for a profissão, quem o desempenha com eficiência, com verdadeiro amor, está elevando ao mais alto grau sua condição de humano. Suas mãos, ao se movimentarem no ato de criar, executam uma verdadeira sinfonia, harmonizando-se como ritmo constante e a beleza do universo.

# A VIDA É BELA

Nilza Diniz Silva.

A vida é bela, mesmo com dores.
Há muita música, perfume e flores.
Tudo que existe na natureza
É hino célico de real beleza
Cantemos juntos os esplendores
Desta terra que é nossa
E os seus fulgores.

O sol é lindo quando aparece
Lá no horizonte e a Terra aquece
Bem de mansinho, no arrebol.
Em tarde plácida se esconde o Sol.
Que maravilha de Sol poente
Como o nobre "Astro Rei"
Inspira a gente.

A grande noite envolve a Terra
Com seus segredos o dia encerra
Sonho e saudade vêm a poesia
É hora calma de nostalgia
Reina o silêncio, bom companheiro.
De uma prece bem sincera
No mundo inteiro.

Luar de prata do céu derrama
A Lua Plena o poder reclama
E pouco a pouco o orvalho frio
Cai sobre as plantas, terno e macio.
De madrugada a passarada
Enche o ar de melodia
É sinfonia.

Ainda temos sempre a pulsar
Um coração feito pra amar
Coração rico de sentimentos
Que se emociona a todo o momento
Amemos tudo com fé e ardor
Dando graças todo o dia
Ao Criador.

Desejando atingir o coração de um jovem inseguro, dedicamos-lhe pequeno poema, Estrela Inatingível, pensando ser esta a melhor maneira, pois, segundo Octavio Paz, "as imagens do poeta tem sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo".

Procura você, uma estrela inatingível.
Não a alcançará
Nunca!
Olhe ao seu redor:
As folhas das árvores brilham;
O sol lança seus raios sobre duas paineiras,
Que se erguem majestosas, ao fundo.
São belas, belíssimas!
Confundem o tom róseo de suas flores
Com os reflexos dourados do sol.
Magnífico espetáculo!
Quer a estrela inatingível e não vê
Que o sol brilha para você
Todo dia!

Nilza Diniz Silva.

O sol é a própria vida do jovem que, desejando algo mais, não entende seu significado. Inseguro e insatisfeito, ele tenta buscar longe o que está perto de si, o que faz parte de sua vida.

# E SE TUDO TERMINAR NA SEPULTURA?

Você já parou para pensar: e se não houver amanhã? E se não houver vidas vindouras? E se não houver vida após a morte? Mesmo que seja na forma de ressurreição, reencarnação ou qualquer outra forma? E se não houver essa coisa de pecado, que "aqui se faz aqui se paga"? E se não houver castigo divino, condenação celestial? Por que vemos a todo instante a maldade imperar, os maus se dando bem, os bons sofrendo, os ricos sorrindo, os pobres chorando? Onde está esta justiça tantas vezes apregoada nos púlpitos dos templos e igrejas ávidas por dízimos sagrados e suados de seus adeptos inaptos, muitas vezes enganados por pastores de matilhas e com*padres*, travestidos de Abraãos e Davis? Onde se encontra "aquela senhora" de olhos vendados e com espada na mão, muitas vezes desferindo golpes desesperados para tentar fazer cumprir uma lei não tão igualitária a todos os cidadãos?

Fui criado em ambientes religiosos e até místicos; às vezes, supersticiosos e "circuncisadores"; às vezes entre simplórios oratórios de terços "bizantinos", mas nunca "sacrificatórios" mas de ofertórios em taças de ouro, de bênçãos que circulam por fitas de cetim e panos que tapam mesas, muitas vezes utilizadas para atividades nada ortodoxas.

Há dias em nossas vidas que a gente se pergunta tudo isso. Há dias que a gente se revolta com todas as injustiças terrenas... Há dias que não compensa sair de casa, da cama... É melhor ficar escondido dentro de nossa covardia, dentro de nossa empáfia e de nosso egoísmo do que tentar aplacar o choro da criança com fome, da família dizimada ou mutilada pela guerra santa dos homens, pela crueldade e animalidade "racional" das pessoas que estupram, que vendem suas filhas ainda crianças para homens sem escrúpulos, que roubam, que matam, perseguem e ainda percebem "mensalões" por relevantes serviços prestados às classes menos favorecidas... E ainda tem gente que diz que não sabe, não viu, não estava presente na ocasião ou estava no andar do meio e não podia saber o que se passava no andar abaixo de seu traseiro ou acima de sua cabeça coroada de assessores notórios e poucos sinceros, pois tentam nos discursos, antecipadamente escritos e

preparados de véspera, enganar, mais uma vez e por sua vez, as pessoas de boa fé, que têm que acreditar ou preferem crer, pois a crença, a fé, a milagreira fé, faz parte de seus sonhos e de suas aspirações e projetos.

Ninguém nasce sabendo. Ninguém nasce bandido. O homem, diz o livro mais vendido e famoso do mundo – apesar de suas modificações e mutações sofridas à conveniência de cada um – foi feito à imagem e semelhança de Deus, não à perfeição de Deus, por isso está sujeito a erros e injustiças... Será por causa desta imperfeição ou se valendo dela, que se cometem as maiores atrocidades e aberrações humanas (humanas?). Isso é justo? Sim? Não?

As respostas, as justificativas, as satisfações a serem dadas se encontram guardadas dentro de cada um de nós e é uma pena que poucos as usem ou as dosem de acordo com sua conveniência, de sua sobrevivência ou de sua aparente vida feliz.

E se não houver amanhã? Com quem vou acertar os meus pensamentos, palavras e obras?

Cartas por favor, vou consultar o tarô e o meu horóscopo e também a minha futuróloga preferida...

Paulo Tárcio Martins.

## GRAMÁTICA DO AMOR

Na nostalgia de uma reticência (...)
Na dúvida de uma interrogação ( ? ),
No descanso de uma vírgula ( , )
Na beleza de uma exclamação ( ! )
Na difícil pronúncia que um trema ( ´´) provoca,
Assim como dois pontos ( : ) sugerem explicação,
Da mesma forma o ponto e vírgula ( ; )denotam continuação,
Com você só terei um ponto final ( . )
Quando não bater mais meu coração...

Recorrerei ao circunflexo ( ^)
Que, de cima, nos dará proteção,
Se for grave (` )o acontecimento,
Se for agudo ( ´ ) o sermão,
Colocaremos colchetes { }
Para os lados da questão
E ainda teremos parênteses ( ),
Para ajudar na solução
E apararemos as aspas ("")
Com a força de uma paixão.
Na verdade você é linda
Em qualquer pontuação.

Paulo Tárcio Martins.

## PARA ONDE É QUE EU VOU?

Em nossa vida, salvo raras exceções, sabemos de onde viemos, principalmente no tocante ao lado genético ou genealógico – de um pai e de uma mãe, unidos por um laço qualquer ou não, criados pelos dois ou não, mas sempre sabemos de onde viemos...– até naquele dia que, vencidos pelas diversas intempéries da vida, esquecemo-nos de onde viemos, de quem viemos e passamos a nos preocupar com o "Para Onde Vamos"?

Graças à diversidade e também graças às graças da vida, cada pessoa é aquinhoada(?) com mais ou com menos problemas ou dificuldades a serem enfrentadas e nem todas às vezes vencidas, mas vamos levando ou deixando a vida nos levar...

Um dia desses, estava eu pensando "para onde ia", e deparei-me com uma pessoa que, certamente, não sabia mesmo qual era o seu destino no final da "viagem".

Para esta pessoa, tanto fazia se era dia ou noite, se chovia ou fazia sol, se tinha lua e estrelas no céu, se havia isso ou aquilo... Para esta pessoa

tudo isso parecia não fazer a mínima diferença... Parecia que tudo já tinha passado... Parecia que ela já tinha "chegado".

O futuro, para ela, se misturou ao passado e ao presente, numa grande confusão que muitos chamam de loucura, de insanidade ou destemperança... O seu mundo era irreal, sem cor, sem cheiro, sem sabor...

Não trazia em sua cabeça de cabelos sujos e desgrenhados, nenhum pensamento...

Não tinha em sua boca, de poucos dentes escuros e doentes, nenhum sorriso, nem que fosse amarelecido por sua face de fomes e covas profundas, embora estivesse coberta por uma barba igualmente suja e sem aparação.

Não tinha em seus braços magros, de pele ressecada e poros obstruídos pelo macuco, nenhum adorno a não ser um saco cheio de não sei o quê, que ela insistia em conduzir esparramado por sua cacunda rota, sustentada por pernas fracas e vencidas pelas longas distâncias percorridas e sem conduzi-la a lugar nenhum...

Seus olhos, que muita coisa já viram, injustas ou não, já lhe negavam a nitidez, mostrando-lhe cores desfocadas e imagens distorcidas de um bicho papão que já não lhe metia medo, em uma constante cerração neblinosa...

Seus ouvidos, que muitos segredos e maracutaias já escutaram, hoje lhe traem com zumbidos e sons incompreensíveis, confundindo-a ainda mais quanto a sua posição periférica...

Muitos já devem saber de quem eu falo, de quem escrevo... O seu nome? Esqueci-me de perguntar e, na verdade, nem sei se ele fala, mas poderíamos chamá-lo de Andarilho José da Silva assim também como os outros tantos que "habitam" as BRs e GOs de nosso Brasil, dormindo ao relento ou em casebres abandonados como eles nas beiras de estradas e postos de combustíveis, que se alimentam (se alimentam?) de sol, de chuva, de poeira, de sereno, de xingamentos, de indiferenças e algumas sobras conseguidas, de vez em quando, na sua saga sem fim e sem começo... Mas são brasileiros e como tais "não desistem nunca"! De caminhar para onde o nariz apontar, sem pressa de chegar, pois ninguém os espera...

Nem no Sul nem no Norte, nem Leste nem no Oeste... A única companheira que todos os dias lhe abre os braços é a morte... mas até essa, às vezes, demora a chegar...

Paulo Tárcio Martins.

# SER VELHO... DÓI?

Minha bisneta de 5 anos corria pra lá e pra cá, incansavelmente, por certo atrás de uma fada que só ela conseguia enxergar...

Eu, por minha vez, observava-a sentado em minha cadeira de balanço, tentando me lembrar de minha infância já tão distante... Mas o máximo que me ocorria eram lampejos e flashes de minha existência infantil... Já não me era fácil recordar assim como também se tornava, a cada dia, mais custoso o andar, o enxergar, o ouvir, o falar...

Então me prestei a viver o presente; a me comparar com aquela criança a correr atrás de sua visão particular e fiquei banzeiro e absorto em meus pensamentos a conversar comigo mesmo: Ah, a infância, a juventude, a vida adulta!... E a velhice...

Ouvi alguém dizer ou li em algum lugar, já não me lembro mais, que "a velhice nunca vem só" e creio que esta "companhia", por mais que a gente seja sadio fisicamente, mentalmente, financeiramente, emocionalmente, ou seja, bom em qualquer outra "mente", por motivos de força maior, persistirão as indesejáveis diferenças para o novo, para o jovem e para... por aí mesmo.

A solidão, a sonolência, o cansaço de não ter nada para fazer, as desilusões e outras dificuldades, tendem a nos jogar numa quietude – quando não morna, muito fria... – e acho que não temos nem a alternativa do 2º ou 3º plano... só aquele plano dito superior, o outro lado da vida, a morada eterna, está sempre à disposição do idoso, como que se ele fosse o alimento essencial para manter este plano na ativa, sempre disposto a nos atender, a qualquer hora e em qualquer lugar e, nós, educadamente, tentando recusar a presteza.

Mas eis que, durante estas minhas divagações e queixas, a minha bisneta se aproxima de mim e, talvez depois de uma longa "conversa" com sua fada, me pede para que eu a pegue no colo... e é lógico que aceitei com escancarada alegria, pois este era um lado de minha vida que ainda valia a pena... e ela, na sua infinita candura, começa a conversar comigo – coisa rara no meu viver – passando sua mãozinha delicada pelo meu rosto sem espaço para mais rugas e me pergunta:

– Vôzão, que são estas ondinhas (ou seriam marolinhas) no seu rosto?

– São rugas, meu bem...

– Rugas? Por que elas estão aí?

– Por causa da minha velhice, da minha idade. O vozão já é muito velho...

– Velho? O que é isso? Doença?

– O vozão estava justamente pensando nisso mas não consegui encontrar uma resposta lógica ou que explicasse esta situação.

– Mas é saúde, vozão?

– É... certamente não é também...

– Então é doença.

– É, digamos que sim. Mas você é muito nova para entender essas coisas. Por enquanto, não se preocupe com isso.

– Eu fiquei preocupada se isso dói, pois estou vendo o senhor cada dia mais triste, mais calado... daí eu pensei... deve ser aqueles calombos no seu rosto. Mas agora sei o nome disso: velhice! Mas o senhor ainda não me respondeu: Ser velho, dói?

E.T. – Mandem as respostas para a minha bisneta que hoje já é vovó...

Paulo Tárcio Martins.

## TODA MULHER TEM...

Toda mulher tem seu charme,
Toda mulher tem sua beleza,
Toda mulher tem seus encantos,
Toda mulher tem sua esperteza.
Toda mulher tem seus talentos,
Toda mulher tem sua pureza,
Toda mulher tem sua alegria,
Toda mulher tem sua tristeza.

Toda mulher tem suas dúvidas,
Toda mulher tem suas certezas,
Toda mulher tem seus carinhos,
Toda mulher tem suas bravezas,
Toda mulher tem seu peso,
Toda mulher tem sua leveza.

Toda mulher tem sua sabedoria,
Toda mulher tem sua paixão,
Toda mulher tem sua calma,
Toda mulher tem sua explosão.
Toda mulher tem seu cantinho,
Toda mulher tem sua solidão,
Toda mulher tem seu horizonte,
Toda mulher tem sua missão,
De encantar seu pedaço de mundo,
Para os homens de bom coração.

O que a mulher não tem?

Paulo Tárcio Martins.

## SUAS CARÊNCIAS

Ah! Como eu conheço você...
Seus defeitos, suas qualidades...
Seus vícios, suas vontades...

Ah! Como eu conheço você...
Seus desamores, suas paixões...
Seu íntimo, suas emoções...

Ah! Como eu conheço você...
Seus encantos, sua teimosia...
Seus momentos, suas alegrias...

Ah! Como eu conheço você...
Seus medos, sua coragem...
Seus méritos, suas bobagens...

Ah! Como eu conheço você...
Seus erros, suas exigências...
Ah! Como eu conheço as suas carências...

Sim, conheço suas carências.
Entre defeitos e qualidades,
Vícios e vontades,
Desamores e paixões,
Seus erros e exigências,
Fazem vir à tona
Um enorme vazio em sua existência...

Ah! Se eu conhecesse você
Como afirmo que conheço...
Poderia dizer, sem carência,
Que te amo e te mereço...

Paulo Tárcio Martins.

## VOCÊ NÃO PODE...

Cobrar liberdade, se não oferecê-la;
Cobrar coerência, se não possuí-la;
Cobrar fidelidade, se não praticá-la;
Cobrar a verdade, se não merecê-la...

Você não Deve...

Exigir amor, sem o cultivar;
Exigir carinho, sem retribuir;
Exigir dedicação, sem mensurar;
Exigir a paz, sem contribuir...

Portanto...

Liberdade, Coerência, Fidelidade,
Amor, Carinho, e Verdade,
Só se conseguem com Dedicação e Paz,
Que sempre resultam em

## FELICIDADE...

Que você oferece...
Que você possui...
Que você pratica...
Que você merece...

"As reticências são os três primeiros passos que a gente dá rumo à nossa imaginação, rumo aos nossos pensamentos, rumo ao que a gente gostaria que acontecesse..."

Paulo Tárcio Martins.

# NADA COMO O TEMPO

O tempo é o senhor da razão; essa afirmação pode ser constatada diariamente por qualquer pessoa que busca no passado uma correlação com o tempo, fatos ou consequências no presente. Digo isso com a experiência de mais de meio século, que é um tempo cronológico significativo, mas geológico insignificante.

Por minha formação acadêmica de historiador e geógrafo, faço sempre análises observando essas linhas de pensamento, aliando o conhecimento empírico ao longo desta minha existência.

Em minha juventude, tinha tempo para vários amigos e visitas às suas casas, eram visitas semanais ou, às vezes, mensais, quando nos deslocávamos nos lombos dos cavalos ou a pé. Outros tempos, bons tempos. Umas dessas visitas era aos amigos que moravam na região do São Pedro, lugar conhecido com "em baixo da serra", inúmeras lembranças tenho daqueles dias. Passados pouco mais de trinta anos, o acaso me levou novamente a "passar" por aquela região.

Encurtar a distância de regresso para minha casa na fazenda Bebedouro, foi o motivo principal que peguei o antigo caminho da região do São Pedro, após voltar de uma compra de mantimentos que havia feito na região do Córrego Fundo e guiado por dois amigos que me acompanhavam nesta empreitada. A primeira, dentre várias coisas que me chamou a atenção foi quando estávamos decidindo que caminho tomar como rota de retorno mais próxima e ouvi as sugestões de um de meus acompanhantes, deveríamos contornar pela serra ou passar pela fazenda Canadá, nome que soou estranho, pois sendo da região, jamais tinha ouvido tal nome; apontaram a direção na encosta da serra mostrando-me a tal fazenda, quando retruquei, mas ali é o morro do Zé Souza. Não, ninguém mais sabe ou usa este nome, agora é fazenda Canadá; as surpresas só estavam começando.

Quando viramos na direção da estrada do São Pedro, a primeira fazenda era a do seu Romário, um senhor de cabelos e barba grisalhos

curtos e bem aparados, sua mulher dona Fia, jamais soube o seu nome, sempre atenciosa com os visitantes. Era um casarão enorme com muitas janelas, um enorme curral se estendia pelo lado esquerdo da casa, onde sempre havia muita movimentação de gado e de peões. Os filhos do casal nunca os conheci, foram para a capital estudar, por lá ficaram e esta opção foi determinante para o que agora os meus olhos contemplavam, algumas árvores frutíferas do antigo quintal, alguns mourões de aroeira que teimam em resistir à passagem do tempo e à ganância do homem.

Absorvido pelas lembranças, tentando fazer uma correlação entre o passado e o presente segui em frente absorto por tais pensamentos. Um pouco adiante, avistamos a fazenda do meu "filósofo" preferido, autor da celebre frase, "Esse mundo é uma moranga." Grande Zé Nanias, suas falas quase sempre com sentido figurado ou do tipo para bom entendedor, meia-palavra basta. Talvez por ser o mais velho de uma prole de treze irmãos sua opinião era sempre requisitada pelos demais em diversos assuntos da família, principalmente após a triste morte de seu pai, momento em que naturalmente assumiu a posição de "esteio" da família. Sua casa parecia estar em contraste com a paisagem, deu-me a visão de uma luta desigual daquela Davi e Golias, resistindo às mudanças do tempo, seus antigos moradores já se foram à chaminé que sempre soltava fumaça estava coberta por ramos de trepadeiras, em sua volta ao invés de plantas e flores, que dona Tonha outrora cultivava espinhos e ervas daninhas sem nenhuma beleza, parecia que ali nem morador tinha.

Seguimos em frente, absorvido pelas imagens do presente e as lembranças do passado e, em minha ilusão momentânea, parecia acreditar que na próxima curva da estrada encontraria aquela paisagem de outrora, tentava identificar o que antes aqui havia e o que existe no momento; nos aproximamo-nos do "corguinho", onde outrora descansávamos da caminhada ou dávamos de beber aos animais em suas águas cristalinas e frias que vinham serpenteando sobre pedras da encosta da serra. Um dia, em nossas travessuras, tentamos chegar a sua nascente,

mas fomos vencidos pelos obstáculos e até mesmo o medo de animais selvagens quando percorremos uma área de mata fechada; sua nascente ficou apenas em nossa imaginação, mas agora a realidade é bem diferente. Somente as pedras e uma passagem construída com manilhas testemunham que ali, vez ou outra, corre água. As matas que existiam na região desapareceram ficando apenas algumas grandes árvores que, certamente, desaparecerão com o tempo, transformando totalmente a paisagem num curto tempo geológico.

Depois de uma pequena colina, avistamos vários pontos reluzentes e, a princípio indecifráveis mas que iam tomando forma na medida em que nos aproximávamos: era a fazenda do seu Leo, o irmão mais novo do Zé Nanias o qual o fez revelar sua celebre frase em um momento de enfrentamento familiar, homem alto e forte de pele muito clara e avermelhada, parecia que o sangue corria não pelas veias, mas entre a pele e a carne. Sujeito de poucas palavras, o autêntico sistemático, talvez, por isso, seus filhos eram arredios e tinham poucos amigos. Os pontos luminosos eram alumínio colocado sobre os mourões do curral para proteger a madeira contra infiltração, que sujeito esperto, pensei, como estará sua fisionomia agora? Fiquei a imaginar, mas o silêncio do lugar, a ausência de animais por perto já demonstrava que ali também não tinha mais moradores, era mais uma das taperas da região.

Mas, tudo bem, continuamos nossa caminhada à próxima fazenda era a do Pitico, pai de meus grandes amigos, Antônio Carlos, Carlos Antônio e Carlan, lugar onde passei e do qual guardo bons momentos, pessoais alegres, dona Maria era uma mãe zelosa e nada deixava faltar pros meninos, principalmente se naquele dia os meninos tivessem executado alguma tarefa designada pelo pai, seja na lavoura ou no curral, eram agraciados com doces e quitandas as mais saborosas. Logo avistei as grandes construções feitas mais recentemente, o lugar tinha sido bem alterado, as matas das encostas foram retiradas e deram lugar às pastagens nas regiões mais íngremes e às lavouras onde era menos acidentado. Fomos recebidos por dois cães que mais pareciam nos saudar do

que nos amedrontar. A casa grande estava fechada, mas porta e janelas abertas na casa do empregado deixava transparecer que ali havia moradores; aproximamos e logo fomos recebidos por homem de aparência jovem mas que parecia ser bem mais velho pelas roupas e os cabelos mal cuidados; contou-nos que depois que dona Maria morreu, seu Pitico mudou para a cidade e ele ou os filhos vêm muito pouco e quando vem raramente ficam para pousar, a sede fica quase sempre fechada. Em seguida, ofereceu-nos um café e água, que prontamente aceitamos. Logo retomamos nosso caminho e as lembranças povoaram minha mente. Como seria ali hoje se algum dos meninos tivesse optado por ali viver e outras tantas conjecturas tracei naquele momento.

Alguns quilômetros à frente, uma encruzilhada que em nada parecia a que dava acesso à fazenda do Manezinho Careca, apenas um mourão resistiu ao tempo, testemunha silenciosa de uma porteira que ao ser aberta, com seu ranger, anunciava a chegada dos visitantes. Agora não mais necessário seria, pois o gado por ali não mais circula, o colonião virou lavoura. Da antiga fazenda nada mais resta.

Descendo mais alguns metros, fui orientado a virar para a esquerda, pois após a fazenda do senhor João Barra não existe mais a estrada que leva às três porteiras; para chegar até lá, é preciso contornar pela fazenda do Luiz Roberto. Após a morte do seu João, houve o rompimento de uma represa que servia de passagem no ribeirão e, por incrível que pareça, o filho do seu João preferiu acabar com a estrada porque segundo dizem não queria contato com as pessoas circulando pela fazenda, o que é bastante compreensivo nos dias de hoje, mas no passado como era bom ver as pessoas passando na estrada ou, até mesmo, passando em nossas casas para um dedo de prosa e, é claro, uma água e um cafezinho.

Terminado o contorno, a paisagem tornou-se conhecida, talvez porque nesta região acompanhei as mudanças que aconteceram e, como as vivenciei periodicamente, o impacto da transformação não foi tão forte como a experiência que acabara de viver. Mais uma vez, as lembranças vieram como um vendaval em minha mente, as conjec-

turas, as suposições, o que seria lá no Romário ou no Pitico se tivessem feito isso ou aquilo, se tivessem tomado tal decisão, foi como se, inconscientemente, quisesse mudar a realidade que tinha há pouco vivenciado.

Estava chegando o anoitecer e, com ele finalmente a fazenda Bebedouro. Naturalmente, afloraram em minha mente algumas lembranças ao mesmo tempo em que observava na paisagem as grandes alterações que foram feitas ao longo dos anos e que, agora, comparando com o que havia observado na região do São Pedro ficava claro enxergá-las. Hoje em dia não passamos mais no vão do Corguinho, ali hoje existe uma grande represa que alimenta constantemente a irrigação de uma grande lavoura, a estrada não mais serpenteia a serra, foi levantada pela terraplanagem de máquinas modernas, as porteiras desapareceram dando lugar aos corredores de cercas de arame liso.

Porém, o que mais me encheu de alegria, após uma curva da estrada, foi avistar o brilho das luzes que vinham da fazenda Bebedouro; desta vez, foi uma alegria única, indescritível, certamente por tudo o que havia visto nesse dia, sabia que ali não iria encontrar mais meu pai e minha mãe, mas encontraria a continuidade de seus sonhos e projetos; meus olhos encheram-se de lágrimas, não de tristeza e melancolia, mas de alegria, por ter dado continuidade a um sonho que fora plantado em 1947, quando meu pai escolheu aquele lugar para criar sua família; foi perceber que pude ter a graça de dar continuidade a esse sonho.

A mediada que aproximávamos, não via somente as luzes, mas os animais que pastavam próximo a casa, as pessoas finalizando as atividades diárias, preparando para o merecido descanso. Olhei para o céu e agradeci a Deus por Ele me ter dado a graça de poder ver e saber que era real o meu reino encantado.

João Orlando Luiz de Oliveira.

# TIANINHA

No final do século passado, comprar terras no Pará tornou-se um negócio atrativo para os pequenos e médios fazendeiros aqui da nossa região. Foram vários que se aventuraram neste empreendimento, multiplicando por dez, vinte ou até mais sua área de terras.

Mas havia seus inconvenientes, pensa num lugar longe e ruim, é pior. Mas quem ia não queria dar o braço a torcer e garantia, quando voltava para os amigos, que fizera um grande negócio; às vezes, em nome da amizade, poderia até abrir mão e ceder o negócio ao amigo.

Nesta febre de Pará, embarcou meu amigo Alceu, caboclo valente, mas de fala mansa e sempre com um sorriso no final de suas frases; na verdade fazer os amigos rir era um dom natural que possuía. Com ele, alguns camaradas arrojados no serviço e de sua confiança, que esperavam com o passar do tempo poderem também adquirir seu cantinho já que as posses eram comuns na região e o preço do alqueire era viável, se soubesse economizar durante certo tempo de trabalho, principalmente se o patrão fosse uma mão boa como era o caso do companheiro Alceu.

Desses camaradas, Juliano e Zezão eram os mais chegados ao seu Alceu; Juliano um tanto quando brincalhão; já o Zezão era um cara sistemático e de poucas palavras, mas era ele merecedor de uma grande admiração do patrão pela disposição no trabalho.

Depois de alguns meses trabalhando nas derrubadas e na formação das invernadas, a fazenda foi tomando forma, os camaradas tinham poucas opções de diversão aos domingos, dia da folga; no início, aproveitavam para revisar as máquinas, jogar um truco ou pescar, já que peixes eram abundantes naquelas bandas. Logo, descobriram uma venda a alguns quilômetros da fazenda que passou a ser o lugar favorito das tardes de domingo.

Conversa vai, conversa vem, surgem os novos amigos. Entre eles, estava seu Jacinto, sujeito alto e magro de barba e cabelo escanchelado, tipo matreiro, sujeito que chegou ali como posseiro há muitos anos, à boca miúda era tido como de pouca sorte, pois a sua prole era só mulher, que tinham

pouca força para a lida bruta da roça e, volta e meia, aparecia um fulano e levava a moça para viver com ele.

Em um destes domingos, Juliano, que já tinha se tornado amigo de Jacinto, foi convidado para dar uma passada lá na sua casa, convite que o mesmo prontamente aceitou. Meio sem jeito, convidou Zezão para lhe fazer companhia e disse estar avexado de chegar lá sozinho; com o passar do tempo ficaram íntimos da família, mas, principalmente, das filhas do Jacinto, parecia que ia dar casamento.

Com o final do ano aproximando, Alceu resolveu passar os festejos com seus pais deixando com Juliano a responsabilidade de tocar a fazenda. Entre alguns entreveros da visita, Alceu acabou ficando mais tempo que o esperado o que causou preocupação aos camaradas, que sentiram um alivio com sua chegada. Alegria, abraços e confraternização.

No outro dia, Juliano coloca seu Alceu a par dos acontecidos da fazenda e também conta a novidade de estar de namoro com uma das filhas de Jacinto, mas, preocupado, conta também que Zezão estava de namoro também. Alceu se espanta do porquê da preocupação. Jacinto, entredentes, confidencia que Tianinha, a tal moça era boazinha, mas era manca de uma perna. Concordou Alceu, já pensando como aconselhar Zezão a desistir de tal namoro, afinal, no seu entendimento, ele deveria arrumar uma namorada sem defeito.

Aquilo perturbou os pensamento de Alceu o resto do dia e a noite toda; de manhã, tomou uma decisão, chamou Zezão:

– Zezão, tem muitos anos que nóis é companheiro, você sabe da estima que eu lhe tenho e por isso que tomei a liberdade de falar com você sobre o seu namoro com a Tianinha; eu acho que era...

Zezão levando a mão no braço de Alceu o interrompe.

– Seu Alceu, eu sei o que qui o senhor vai fala, mais fica sabendo que eu tô gostano dela e eu quero casar com ela e pra adquiri famía e não pra apostá currida.

João Orlando Luiz de Oliveira.

# MEU PATRONO CHICO FLOR

Morrinhense da zona rural, região da Formiga, veio para a cidade para trabalhar como radiotécnico. Filho de pais também da região, manteve em Morrinhos sua residência onde casou-se por duas vezes, tendo nos dois casamentos cinco filhos. De pouca escolaridade, mas muito dedicado ao ofício e pela sua grande vontade de progredir dentro daquilo que mais gostava a radiofonia, montou uma pequena emissora de transmissão, tudo às suas expensas e com todo seu trabalho. Isso, com certeza para baratear, foi feito dentro de sua pequena oficina de consertos de aparelhos de rádios. Ele mesmo era o técnico, o locutor e apresentador dos programas também criados por ele. Ali recebia as duplas sertanejas que buscavam reconhecimento, onde surgiram nomes até de certa fama que chegaram a gravar discos. Dentre os artistas que apresentavam nos programas de Chico Flor podemos destacar nosso confrade José Afonso Barbosa que, juntamente com seu parceiro, abrilhantavam os programas. Como acontece com todo bom comunicador, Chico Flor foi fazendo seu nome e ficando conhecido por toda zona rural, aonde chegava o som de sua Rádio Miniatura. Recebia pedidos de músicas, mandava recados, fazia a intermediação de notícias entre a população da cidade e os moradores das fazendas. Inteligente, sabendo que agradava, fazia um bom serviço de UTILIDADE PÚBLICA, ajudando a localizar objetos perdidos, mandando recados, reclamando a presença de algum parente e coisas do gênero. Aperfeiçoou sua veia de compositor, tendo composto diversas músicas dentro do estilo sertanejo, com letras inteligentes e poéticas. Participou de diversas duplas, cantou as músicas da época e também as suas composições, abrilhantando sempre os eventos dos quais participava, um verdadeiro artista. Também cantores renomados gravaram e cantaram, e ainda cantam suas composições.

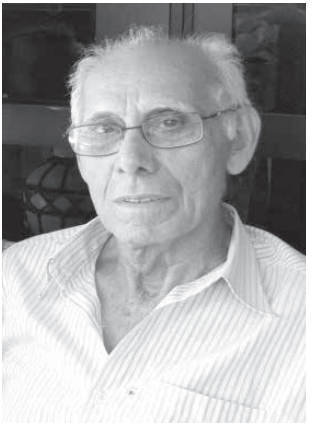
Com o advento da Rádio Morrinhos, emissora de maior porte, mais poderosa, Chico Flor aceitou o progresso, reconheceu-o e afastou-se. En-

tretanto, anos mais tarde, quando a nova emissora foi vendida, os novos proprietários levaram Chico Flor para seus convívios. Ali, dentro de um órgão mais possante, melhor servido por aparelhos modernos, pôde ele melhor desenvolver sua profissão, trabalhando como locutor, apresentador e cantor. Chegou a apresentar grandes programas no gênero sertanejo e sempre com ótimas audiências.

Esse foi um artista que marcou época em nossa cidade e por isso é lembrado ainda hoje com muita admiração, não só por quem o conheceu como também por nós que passamos a conhecer sua história.

Edmo Nunes.

## BIOGRAFIA



EDMO NUNES – Nasceu na zona rural de Uberlândia – MG em 14.02.38. Juntamente com a família mudou-se para Buriti Alegre, cidade situada no sul de Goiás, com apenas seis anos de idade. Daí, por falta de melhores escolas, veio para Morrinhos para estudar no Ginásio Senador, onde cursou o antigo primário e ginasial. Ainda em Morrinhos, fez o curso técnico de contabilidade e concurso para o Banco do Brasil onde serviu até o ano de 1988. Casado com Maria Joana Isidora Nunes, natural de Morrinhos, é pai de cinco filhos, tem 8 netos e dois bisnetos. Foi sempre aficionado pela leitura e também pela escrita, embora tenha iniciado na arte da escritura somente aos setenta anos de idade. Para esta atividade deve muito aos incentivos de sua esposa e da filha Elâine que nunca pouparam argumentos para que surgisse o primeiro livro, Mulheres do Pecado. Depois vieram Destino de um Criminoso e Últimas Bodas, portanto três livros publicados. Em 2016 foi convidado a participar da Academia Morrinhense de Letras, tendo como Patrono o radialista, compositor e poeta Chico Flor.

# Dedo de Prosa

## A desventura de João Cheiroso

**Edmo Nunes**

No início chamava-se Pedregulho do Ouro, quando o metal precioso era encontrado na superfície da terra e lavado ali mesmo na casa das quatro janelas onde havia um bicame com grande fartura de água. Eram duas janelas de cada lado e uma enorme porta ao centro. Depois, com o sumiço do produto, o nome do vilarejo transformou-se em Pedreguio e a casa virou uma tapera.

Pois foi justamente ali que João da Maria Rita, depois da cansar da labuta de diarista, foi morar com sua mãe. Ganhara o direito de ali morar sem pagar aluguel, somente com a incumbência de zelar do imóvel e de impedir que algum depredador se instalasse por lá.

A vila que ainda está de pé para quem quiser ver, ali no meio norte goiano, restos do garimpo, não era mais do que uma rua estreita, coberta de capim dos dois lados e um trieiro no meio. De cada lado, as moradias faziam uma fila torta, ora para dentro com maior afastamento, ora para fora invadindo a passagem.

Não bastasse a proximidade dos lados, os ranchos frente a frente ficavam tão próximos que os vizinhos se comunicavam normalmente sem arredar pé do terreiro. A característica especial do lugarejo era que todos os moradores tinham apelidos e, se não tivessem, alguém do local providenciaria um para o chegante.

Qualquer detalhe servia para a alcunha: profissão, característica física. Assim era que na primeira morada logo depois da casa das quatro janelas morava o Pedro Correia, cuja profissão era trançar tiras de couro de gado bovino para confecção de tralhas de arreio. Em frente morava Dona Maria Benzedeira, mestra em curandeirismo.

Assim, seguindo a viela para o alto, de um lado e de outro, moravam Odilo Serrador, Bento Leiteiro, Durval Carroceiro, Dona Chica Lavadeira, Zequinha Preto, e ia subindo passando pela casa do Zeca Ferrador, onde havia dois mourões fincados que serviam para amarrar os animais que iam receber ferraduras.

Na sequência moravam Juca Tucano, nome por causa do nariz, Nenzinho Tatu, pela estatura, e Vilobaldo, que já chegara ali com o apelido de Vivi. Mas, para os moradores locais, aquilo era pouco. Ele precisava mesmo era de um apelido local – por teras sobrancelhas muito espessas, foi logo chamado de Vivi Pestana.

Daí chegava-se na venda do Nego Tira-Couro, última construção do lado esquerdo de quem subia. Nem é preciso dizer o motivo do apelido. Mas ele nem ligava, queria mesmo era vender caro e ter um bom lucro com suas mercadorias que chegavam no lombo dos burros de Zico Cargueiro ou pela carroça do Durval Carroceiro. Com certeza, por falta do que fazer, ali todos sabiam de tudo.

Pois é, o João da Maria Rita havia mudado de véspera e ainda não tivera a oportunidade de conhecer os vizinhos, já que passara toda a tarde ajudando a mãe a organizar os móveis na nova casa.

De manhã, não estava se sentindo bem. Clamou para a mãe que estava com certa indisposição no "testino" e ela o lembrou que deveria ser a farofa de ovos, torresmo e carne seca que ele comera durante todo o dia da mudança, já que não fora feito almoço nem jantar. Mesmo assim, João resolveu sair para dar uma volta, conhecer melhor o lugarejo, os novos vizinhos. Enfim, bater um papinho. Recomendou à mãe que trancasse a porta da frente, pois já que não conheciam ninguém, melhor era não arriscar que um moleque viesse ali surrupiar algum objeto.

Saiu e a primeira pessoa que viu, é claro, pois era o morador mais próximo, foi Pedro Correia, que estava, como de costume, sentado na frente do rancho trabalhando suas peças.

– Dia, moço! É o novo chegante? Senta que vou mandá busca um cafezinho pro senhor – disse o antigo morador.

– Carece não, tô até com o testino meio atrapaiado com as comilanças de ontem – respondeu o novo vizinho.

João da Maria Rita, após as apresentações de praxe, pediu licença, falando que precisava conhecer o restante da rua. Despediu-se prometendo voltar e caminhou para o alto.

Em frente a Pedro Correia morava Dona Maria Benzedeira, que logo se aproximou e de imediato ficou sabendo o nome do novo morador e tratou logo de passar para a frente. João foi subindo, falando seu nome e conhecendo os moradores, escutando seus apelidos.

Jeroma Fiandeira, Tatão Jiló, vendedor de verduras, Tibúrcio Muleta e outros mais até chegar à última casa, onde estava a venda de Tira-Couro. Conversou um pouco com ele, ficou sabendo como funcionava a venda e estava ali apreciando a vista que o local oferecia, principalmente da casa das quatro janelas, quando sentiu algo estranho na barriga.

Recebeu aquilo como se fosse o primeiro aviso. Não perdeu tempo, despediu-se do novo vizinho e iniciou a descida para casa. Mal dera uns passos e o reboliço dentro de si deu mostras de que seu intestino não estava para brincadeira. Formou-se um bolo que imediatamente tomou a direção da saída numa velocidade espantosa, totalmente sem freio. Teve certeza de que era o segundo e derradeiro aviso.

Apertou o passo e de repente sentiu que aquilo era mais urgente do que imaginara. Aumentou a velocidade e já estava quase correndo quando notou que na porta da casa de João Correa havia uma aglomeração. Não era outra coisa senão os vizinhos reunidos comentando a chegada de João da Maria Rita e entre eles o Narciso Vermelho, caboclo hilário, gozador ao extremo, que olhava para o interlocutor já com um sorriso zombeteiro. João, sabendo que não poderia parar, fez um aceno com a mão ignorando o chamamento do pessoal. Pensou: "Fica para depois". De momento era acudir a barriga. Então, lembrou-se que a porta de sua casa estava trancada e sabendo que as cercas ao lado eram quase que intransponíveis, não viu outra solução senão apelar aos gritos para sua mãe.

– Mãe, abre a porta, é urgente. Demora não!

No mesmo dia ou quase que na mesma hora já contavam que atrás do homem passara uma nuvem de moscas e mosquitos nunca vista nas redondezas e o nome de João da Maria Rita mudou para João Cheiroso.

EDMO NUNES é bancário aposentado

**FALE CONOSCO** Você também quer contar um causo? Envie seu texto para o e-mail campo@opopular.com.br ou para o endereço do POPULAR, Rua Thomas Edison, Qd. 7, Setor Serrinha, CEP 74835-130, Goiânia, GO. As melhores histórias serão publicadas neste espaço.

# A DESVENTURA DE JOÃO CHEIROSO

No início chamava-se Pedregulho do Ouro, quando o metal precioso era encontrado na superfície da terra e lavado ali mesmo na casa das quatro janelas onde tinha um bicame com grande fartura de água. Eram duas janelas de cada lado e uma enorme porta no centro. Depois, com o sumiço do produto o nome do vilarejo transformou-se em Pedreguio e a casa virou uma tapera. Pois foi justamente ali que João da Maria Rita, depois da cansar da labuta de diarista, foi morar juntamente com sua mãe. Ganhara o direito de ali morar sem pagar aluguel somente com a incumbência de zelar do imóvel e impedir que algum depredador se instalasse por lá.

A vila que ainda está de pé para quem quiser ver, ali no meio norte goiano, restos do garimpo, não era mais do que uma rua estreita, coberta de capim dos dois lados e um trieiro no meio. De cada lado, as moradias faziam uma fila desuniforme, torta, ora para dentro com maior afastamento, ora para fora invadindo a passagem. Não bastasse a proximidade dos lados, os ranchos frente a frente ficavam tão próximos que os vizinhos se comunicavam normalmente sem arredar pé de seu terreiro. A característica especial do lugarejo era que todos os moradores tinham apelidos e se não os tivessem era bastante um "bom dia" para que logo alguém do local providenciasse um para o chegante. Qualquer detalhe servia para a alcunha: profissão, cor, defeito físico. Assim era que na primeira morada logo depois da casa das quatro janelas morava o Pedro Correia cuja profissão era trançar tiras de couro de gado bovino para confecção de tralhas de arreio: cabresto, rédea, chicote, etc. De frente morava Dona Maria Benzedeira que era mestra em curandeirismo, quer fosse com chás ou outras artimanhas. Assim, seguindo a viela para o alto, de um lado e de outro, moravam Odilo Serrador, Bento Leiteiro, Durval Carroceiro, Dona Chica Lavadeira, Zequinha Preto e ia subindo passando pela casa do Zeca Ferrador, onde havia dois moirões fincados que serviam para amarrar os animais que iam receber ferraduras. Na sequencia moravam o Juca Tucano, nome por causa do nariz, o Nenzinho Tatu, pela estatura e o Vilobaldo que já chegou ali com o apelido de Vivi. Mas para os moradores locais, era pouco. Precisava mesmo

era de um apelido local e por ter as sobrancelhas muito espessas foi chamado de Vivi Pestana. Daí chegava-se na venda do Nêgo Tira-Couro que era a última construção do lado esquerdo de quem subia. Nem é preciso dizer o porquê do apelido do Nêgo, porém ele nem ligava, queria mesmo era vender caro e ter um bom lucro em suas mercadorias que chegavam ali no lombo dos burros de Zico Cargueiro ou pela carroça do Durval Carroceiro. Com certeza, por falta do que fazer ali todos sabiam de tudo.

Pois é, o João da Maria Rita havia mudado de véspera e ainda não tivera oportunidade de conhecer os vizinhos, já que passara toda a tarde ajudando a mãe a organizar os móveis na nova casa. De manhã, não estava sentido bem. Clamou para sua mãe que estava com certa indisposição no "testino" e ela o lembrou que deveria ser a farofa de ovos, torresmo e carne-seca que ele comera durante todo o dia da mudança, já que não fora feito almoço e nem jantar. Mesmo assim, João resolveu sair para dar uma volta, conhecer melhor o lugarejo, os novos vizinhos, enfim bater um papinho. Recomendou à mãe que trancasse a porta da frente, pois já que não conheciam ninguém, melhor era não arriscar que um moleque viesse ali para surrupiar algum objeto.

Saiu e a primeira pessoa que viu, é claro, pois era o morador mais próximo, foi o Pedro Correia que estava, como de costume, sentado na frente do rancho trabalhando suas peças.

– Dia moço, é o novo chegante? Senta que vou mandá busca um cafezinho pro senhor.

– Carece não, tô até com o testino meio atrapaiado com as comilanças de ontem.

João da Maria Rita, após as apresentações de praxe, dizendo seu nome, escutando como era o do morador, pediu licença dizendo que precisava conhecer o restante da rua, despediu-se, prometendo voltar e caminhou para o alto. De frente com Pedro Correa, morava Dona Maria Benzedeira que logo se aproximou e de imediato ficou sabendo o nome do novo morador, tratou logo de repassar para frente. João foi subindo, falando seu nome e conhecendo os moradores, escutando seus apelidos. Jeroma Fiandeira, Tatão Jiló, vendedor de verduras, Tibúrcio Muleta e outros mais até chegar à última casa onde estava a venda de Tira-Couro.

Conversou um pouco com este, ficou sabendo como funcionava a venda e estava ali apreciando a vista que o local oferecia principalmente da casa das quatro janelas, quando sentiu algo estranho em sua barriga. Recebeu aquilo como se fosse o primeiro aviso. Não perdeu tempo, despediu-se do novo vizinho e iniciou a descida para casa. Mal dera uns passos e o reboliço dentro de si deu mostra de que seu intestino não estava para brincadeira. Formou-se um bolo que subiu barriga acima e imediatamente tomou a direção da saída numa velocidade espantosa, totalmente sem freio. Teve certeza de que era o segundo e derradeiro aviso. Apertou o passo e, de repente, sentiu que era mais urgente do que imaginara a princípio. Aumentou a velocidade e já estava quase correndo quando notou que na porta da casa de João Correa havia uma aglomeração. Não era outra coisa senão os vizinhos reunidos comentando a chegada de João da Maria Rita e entre eles o Narciso Vermelho, caboclo hilário, gozador ao extremo, que olhava para o interlocutor já com um sorriso zombeteiro. João sabendo que não poderia parar fez um aceno com a mão ignorando o chamamento do pessoal. Pensou: "fica para depois". De momento, era acudir a barriga. Então, lembrou-se que a porta de sua casa estava trancada e sabendo que as cercas ao lado eram quase que intransponíveis, não viu outra solução senão que apelar aos gritos para sua mãe.

– Mãe, abre a porta, é urgente. Demora não!

No mesmo dia ou quase que na mesma hora, já contavam que atrás do homem passara uma nuvem de moscas e mosquitos nunca vista nas redondezas e o nome de João da Maria Rita havia mudado para João Cheiroso.

Edmo Nunes.

# BIOGRAFIA DO PATRONO AGENOR BRAGA

Agenor Braga nasceu em Morrinhos – GO, em 10/12/1899, filho de Domingos José Braga e de Otília Alixandrina Braga. Seus pais eram de Minas Gerais, vieram para Morrinhos, onde Domingos adquiriu fazenda e sua esposa Otília exercia o oficio de costureira. Agenor tinha como irmãos: Jorge Braga, Pedro José Braga, Oscar José Braga, Filogônio Braga, Maria Rita Braga, Helena Braga e Maria Braga.

Na adolescência, Agenor foi trabalhar na loja de Abrão Metran. Agenor era católico praticante, exercia suas penitências na Semana Santa participando de todos os ritos da Igreja católica. Sua diversão era ir para sua fazenda nos dias de folga. Devido às experiências adquiridas na Loja de Abrão Metran, abriu sua própria loja – **"A Casa do Povo" –** que funcionava na esquina da Rua Barão do Rio Branco nº 1250 com a Avenida Coronel Pedro Nunes. Nessa loja havia de tudo, armarinhos, tecidos, chapéu Ramenzoni, mantimentos e outros produtos que atendiam a toda população. Sua mãe fazia roupas masculinas a ser vendidas em sua loja. Participava das festas de barraquinhas que havia em Morrinhos. Naquela época, numa dessas festas, seu olhar cruzou-se com o olhar de Edith Maria da Fonseca, filha de José Simões de Almeida Fonseca e Ubaldina Isabel da Fonseca que foi Intendente (Prefeito) de Morrinhos em 1904.

Casou-se com Edith em 10 de novembro de 1922, na presença do Padre Oscar Ferreira da Silva tendo como testemunhas Pedro José Braga e Abel Miguel Amorim. Dessa união tiveram 10 filhos, sendo Zizita Braga Cascão, Maria de Lourdes Braga, Maria Divina Braga, Maria Auxiliadora Braga, Nilton Jorge Braga; Edinor Braga, Domingos Simões Braga e Maria Alice Braga, que está com 87 anos de idade lúcida e altiva.

Maria Alice, com um português corretíssimo e, muito educada nos brindou com valiosas informações de seu pai Agenor, lembrando-o com carinho e muita alegria. Afilhada de D. Fiica, herdou a fineza e elegância de sua madrinha, que ao lembrá-la emocionou-se.

Agenor foi vereador por três legislaturas, pelo partido PSD. Amigo do Dr. Sylvio Gomes de Mello, com quem aprendeu a defender os direitos dos menos favorecidos. Agenor Braga faleceu em Morrinhos no dia 07/07/1960; em sua homenagem foi fundada uma Escola Rural, na região da Arara, fazenda de Teodoro do Vale, com o nome de **Escola Municipal Agenor Braga**, a qual foi demolida em virtude da evasão do meio rural para cidade.

*(Fonte de informações: Maria Alice Braga e Fátima Otília Cascão, filha e neta de Agenor Braga. A elas meu muito obrigado, por permitir fazer a biografia de meu patrono).*

Enio Antônio da Silva

# BIOGRAFIA DO ACADÊMICO:
# ENIO ANTÔNIO DA SILVA – CADEIRA Nº 27

**Enio Antônio da Silva**

Profissão: Funcionário do DETRAN– GO
Proprietário do Jornal O Liberal – Fundado em 1946– 3º Ciclo.
Nascimento: 03 de julho de 1957 – Morrinhos – GO.
Residência: Rua Delfino Curado Qd. F, Lt. 06 – Jardim Santa Terezinha 2
CEP: 75650.000 – Morrinhos/GO
Filiação: Tibúrcio José de Souza
Dionízia Maria de Jesus
Cônjuge: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
Filhos: Ricardo Brom Aki
Aissi Kárita da Silva
André Luiz Costa e Silva
Enio Antônio da Silva Filho

**Formação Acadêmica:**

Licenciatura Plena em Letras – Universidade Estadual de Goiás – Unidade Morrinhos – Habilitação Profissional em dezembro de 1993.

**Vida Publica:**

Iniciou seus estudos no Povoado Jardim da Luz, Município de Morrinhos.
Ainda jovem aprendeu ofício de marcenaria.
Vereador de 1993 a 1997, pelo partido PRN.
Membro da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos,
Membro fundador do Coral Espírita Mensageiros da Paz;
Companheiro Paul Harris– Rotary Club Internacional;

# CENÁRIO

É sempre assim dentro de mim
Só tem a ti...
Mas o que mais me tira a paz
Te dá prazer;
Você me diz que és feliz perto de mim.
Mas teu prazer
Me faz sofrer, é tão ruim.
Quero dizer que este momento eu sofro tanto!
Sua Alegria, tua euforia, me causa pranto.
Meu coração sem ter razão pensa em ti
Mas o que mais me tira a paz
Te dá prazer
Vivendo assim, é tão ruim tudo é contrário.
Será que posso viver assim, nesse Fadário?
Quando eu morrer irás saber neste cenário que suportei junto de ti
O meu "calvário"...

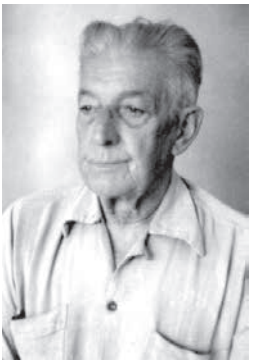
Enio Antônio da Silva.

## JARDIM DA LUZ

Oh! Meu Jardim... sem igual
De ruas de terras vermelhas
De homens e de moças velhas.
De meninas moças e de meninos homens
Porque infância é trabalho.
Oh! Meu Jardim, Jardim da Luz sem igual.
Não tem iluminação nas ruas
Pois a luz é espiritual; os postes são encarnados.
Nem são baixos, nem são altos, são Médiuns.
Tem solteiros, beatos e tem casados.
Tem um Centro de Estudos... (um observatório)
Tem uma mesa que se chama Luneta.
Além do infinito Céu, se vê também o purgatório.
De Chiquinho Januário a Minervino Quintino,
De Dionízia Maria a Fermiano Teodoro.
A benevolência acontece com muita propriedade,
Em meio de gente simples, mas que trabalha a verdade.
Curando o corpo e a alma, sob a espiritualidade.
Crendice? Ou crença? Não sei bem o que é
Eu só sei que o pagamento: "Deus te dê a Divina Recompensa
E renove a sua fé".

Enio Antônio da Silva.

# AO PATRONO ADORMEVIL ROCHA

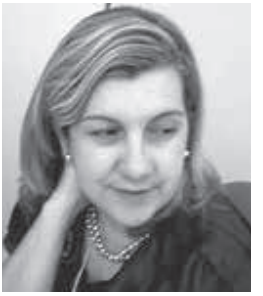


Adormevil Rocha, por muitos e muitos anos foi o fotografo de Morrinhos. Fotografou tudo e todos; era um profissional com alma de amador; muito popular e querido na cidade, dono de um senso de humor notável, sempre sério por fora, mas, acredito, rindo por dentro de tudo e de todos.

Nesta foto podemos ver Adormevil Rocha na Porta do seu Estúdio Fotográfico Kodak, situado na esquina da Rua Rio Grande do Sul com a Rua Pará; onde funcionou também a Acar Goiás.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

# BIOGRAFIA DA ACADÊMICA: FABIANA APARECIDA DE OLIVEIRA COSTA E SILVA – CADEIRA Nº 28



Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva
Funcionária da Oi S/A, egressa da Telegoiás– Telecomunicações de Goiás S/A, desde o ano de 1986.
Nascimento: 22 de setembro de 1966, Morrinhos Goiás.
Residência: Rua Delfino Curado Qd. F, Lt. 06 – Jardim Santa Terezinha 2
CEP: 75650.000 – Morrinhos – GO
Filiação: Alício Costa
Marcelina Alves de Oliveira Costa
Cônjuge: Enio Antônio da Silva
Filhos: André Luiz Costa e Silva
Enio Antônio da Silva Filho

Licenciatura Plena em Geografia – Universidade Estadual de Goiás – Unidade Morrinhos – Habilitação Profissional em dezembro de 1994.
Tecnólogo em Telemarketing – Faculdade de Anhanguera Goiânia – Goiás – Habilitação Profissional em Janeiro de 2004.
Membro do Sagrado Coração de Jesus e Maria, Paróquia Cristo Redentor,
Membro da Associação Feminina de Morrinhos,
Membro da Sociedade Dramática e Literária de Morrinhos,
Membro da Casa da Amizade Morrinhos Cidade dos Pomares,
Companheira Paul Harris– Rotary Club Internacional,

## ANJO LUZ

**E**ntrou em minha vida e a fez
**N**ascer novamente, como um sol a cada manhã.
**I**rradiando seus raios de amor, carinho e compreensão.
**O**nde, às vezes, faltam-nos.

**A**ssim tornam
**N**ossas vidas mais alegres.
**T**odos ficam admirados e satisfeitos em ver e sentir
**O** amor que temos um pelo outro.
**N**ossos Filhos são riquezas,
**I**ncomparáveis a qualquer
**O**uro ou diamante.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva.

## PEDAÇOS DE MIM

**A**ntes você estava apenas
**N**os nossos sonhos.
**D**epois passou a ser
**R**ealidade e muito desejada.
**E**ntrou em nossas vidas sendo

**L**uz, esperança e amor.
**U**ngiu nosso lar com sua graça,
**I**nteligência e com sua alegria.
**Z**eloso com a família, observador e calmo.

**E**stava também em
**N**ossos Sonhos.
**I**nspirou em nós
**O** desejo de ter mais

**F**ilhos.
**I**nteligente, risonho
**L**uz em nossas vidas
**H**armonioso com seu irmão motivo de
**O**rgulho de todos.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva.

## O PRIMOGÊNITO DA 3ª GERAÇÃO

**J**oão significa: Deus cheio de amor!
**O**rigem hebraica, João filho de Isabel e Zacarias.
**A**graciados por Deus, Ele batizou Jesus!
**O** Messias foi anunciado por João.

**F**elicidades trouxe a cada um de nós com sua chegada.
**E**ncheu de esperanças os nossos corações.
**L**evou a sorrisos e lágrimas de alegria.
**I**nteligência, sucesso, saúde e prosperidade são os
**P**edidos que fazemos a Deus por você.
**E** que cresça em graça e sabedoria.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva.

# VOZES

Ouço música...

Ouço vozes que, em sintonia com as notas musicais, compõem um lindo canto.

Fecho os olhos e sinto a leveza da melodia em soprano, tenor baixo e contralto invadirem a minha alma e uma alegria indescritível sinto no meu coração.

Começo a cantarolar, até mesmo sem saber a letra.

As vozes contagiam, trazem alegria, faz sonhar, evangelizam e acalmam.

As vozes e sons que saem do íntimo de cada componente do coro, que nos fazem voltar ao passado e nos levam ao futuro é o canto que encanta; são apreciados por seres de todas as raças que apreciam a música.

Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva.

# BIOGRAFIA DO PATRONO
# JAIR MARTINS DO CARMO

Jair Martins do Carmo é o primogênito de João Antônio do Carmo e Antônia Martins do Carmo; nasceu na cidade mineira de Tupaciguara no dia 15 de dezembro de 1935. Teve outros três irmãos, sendo eles: Jairo Martins do Carmo, Cilene Guimarães de Souza e Antônia Helena Martins do Carmo.

Na década de 50, iniciou sua carreira na Rádio Tupaciguara, posteriormente, transferiu-se para Rádio Ituiutaba. Nesse período, os programas apresentados por Jair Martins obtiveram muita audiência, em razão, do carisma, talento, e, sobretudo, da voz marcante dele; com isso, conquistou a simpatia e o carinho do público.

Em 1965, a carreira de Jair Martins já estava consolidada: um grande comunicador. Tanto que, ele recebeu um convite para trabalhar na Rádio Morrinhos, onde ele apresentou o programa: "Brasa das Dez". Também, foi um dos primeiros empreendedores a organizar e contratar cantores, duplas e conjuntos músicas, de nível Nacional, para "Shows" em praça pública ou, para nossas Festas do "Centenário".

No início dos anos 80, já afastado do rádio, decidiu se mudar para Rondônia a fim de ajudar a irmã, Antônia, a criar seu filho, Eduardo. Chegando lá, optou por trabalhar em algumas campanhas eleitorais. Já nos anos 90, retornou para Morrinhos.

Infelizmente, no dia 11 agosto de 2012, Jair faleceu em decorrência de um acidente vascular cerebral. Ele não teve esposa, nem filho biológico, apenas criou o sobrinho Eduardo como se fosse seu filho. Eduardo Martins do Carmo, hoje, trabalha como advogado e assessor parlamentar.

Fabiana Aparecida Nunes de Tolêdo.

# BIOGRAFIA DA ACADÊMICA: FABIANA APARECIDA NUNES DE TOLÊDO - CADEIRA Nº 29

Fabiana Aparecida Nunes de Tolêdo nasceu em Morrinhos, Goiás aos 22 de junho de 1971, filha de Álvara Alves Rosa e João Matias Nunes e, mãe, de Álvaro de Tolêdo e Silva. Estudou em escolas públicas de Morrinhos. Graduou-se em Letras, pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Morrinhos em 1992 hoje, Universidade Estadual de Goiás. Especializou-se em: 1989/1992 – Planejamento Educacional, pela Universidade Salgado de Oliveira; 1994/1996 – Especialização em Língua Portuguesa, pela UFG, com título de trabalho monográfico: A Produção de Texto em Sala de Aula; 1997/1998 – Especialização em Informática na Educação pela UFG. Bacharel em Direto pela FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba em 2016, defesa de Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação do Prof. Dr. Luís Alberto Thomazelli – Os Fundamentos Axiológicos dos Direitos Humanos na Ordem da Educação Inclusiva nas Instituições Públicas. É servidora efetiva, desde 1993, da Secretaria de Estado da Educação à disposição da Secretária Municipal de Educação, desde 2009, até os dias atuais. É coordenadora, revisora e autora (Área: Língua Portuguesa) das Apostilas do Sistema Pomares de Ensino; Professora na Universidade Estadual de Goiás – Coordenadora de Projeto de Extensão – "Análise Literária: Estilos, Autores e Teoria" ainda pela Universidade Estadual de Goiás. Lecionou as disciplinas: Planejamento, Currículo e Avaliação; Políticas Educacionais; Diversidade, Cidadania e Direito. Atualmente: Orientação Para Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas I; Teoria Literária I e II; Literatura Portuguesa I e II. Foi professora de Literatura e Redação no Colégio Goyaz, de 1998 a 2017 – Ensino Médio. Coordenadora LPPE, Pedagogia, Pontalina. 2006-2010. Ainda na UEG – Campus Morrinhos lecionou Metodologia do Trabalho Científico, Ciências Contábeis; Gestão em Agronegócio; Aquisição da Linguística Oral e Escrita – Especialização em Psicopedagogia Latu Sensu; Português Instrumental. Gestão Pública. Diretora Educacional da UEG, Câmpus Morrinhos. 2000-2005.

PRÊMIOS E TÍTULOS – 2005 Mérito Educacional, Universidade Estadual de Goiás (Primeira Diretora Eleita – Câmpus Morrinhos). Produção Bibliográfica– A importância da Equipe Gestora na Garantia dos Direitos Educacionais (Projeto de Monografia orientado pelo professor Mestre Heitor Pagliaro.)2015; As Garantias Legais para uma Educação Infantil de Qualidade, Influenciando a demanda de Morrinhos – GO. (Artigo apresentado como requisito de avaliação, sob orientação do Professor. Dr. Luís Alberto Thomazelli.)2015. Participação em bancas de trabalhos de conclusão de curso, Monografias de cursos de graduação e especialização da Universidade Estadual de Goiás: Orientadora e Avaliadora.

## AFETOS LITERÁRIOS

Fabiana Aparecida Nunes de Tolêdo.

Todos os meus alunos, tanto secundaristas, quanto acadêmicos, sabem de minha paixão por História e Literatura; sempre me lembro de Miguel de Cervantes ao dizer *"Uma coisa é escrever como poeta, outra como historiador: o poeta pode contar ou cantar coisas não como foram, mas como deveriam ter sido, enquanto o historiador deve relatá-las não como deveriam ter sido, mas como foram sem acrescentar ou subtrair da verdade o que quer que seja*".

Ao perceber a alegoria e a reflexão sobre a experiência social nas obras machadianas, apaixonei-me pelo autor. O modo de ler Machado depende muito de interpretar o sentido da experiência histórica da década de 1870, toda ela marcada por debates para aprovação de leis como a de 28.09.1871 (Lei do Ventre Livre) ou a própria Lei Áurea e, também a mudança de monarquia para república.

As Memórias Póstumas de Brás Cubas tornam-se um testemunho histórico sobre as transformações de ideologia que sustentavam o Poder Senhoril da época – um domínio paternalista, escravocrata e, acima de tudo,

oligárquico (forma de governo em que o poder político está concentrado num pequeno número de pessoas. Essas pessoas podem distinguir-se pela nobreza, a riqueza, os laços familiares, empresas ou poder militar. Estados em que tal acontece são, muitas vezes, controlados por poucas famílias proeminentes que passam a sua influência ao longo de gerações).

No entanto, a personagem não demonstra qualquer inclinação em mudar as estruturas do poder, mas sim garantir a reprodução de seus privilégios *"colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação..."* (MPBC, cap. XXIV). Brás concluirá logo que é possível "trocar de roupa sem mudar de pele".

Neste ponto, ressalto a metonímia existente na obra, ou seja, o defunto-autor, ou o morrer e o renascer de Brás, possa ser uma referência à mudança de regime de governo, monarquia X república, mas o veneno da serpente é o mesmo (lembrando a obra de Veiga "A casca da serpente"); muda-se o governo, diz-se da "novidade" e da "democracia" republicana, mas as práticas de discriminação, violência e exclusão continuaram as mesmas; apenas o formalismo do regime mudou.

E, nisso revela-se toda a sua obra, a hipocrisia social, o verdadeiro espectro que ronda todos os sistemas; e foi exatamente o que descobri quando li "O espelho"; até então, minha única observação era quanto à dúvida que Bentinho criou a respeito da fidelidade de Capitu, mal sabia eu que mais tarde, descobriria: a "dúvida" e a "fidelidade", não se resumiria em Capitu, mas sim em todo ser humano espelhado nas narrativas; sim, pois o homem é esse ser contraditório e, por isso, a dúvida está sempre presente.

A partir do espelho, as duas almas do homem se revelam: a exterior e a interior e, vez em quando uma domina sobre a outra, a não mais nos reconhecermos e, por conseguinte, nos perdemos; até chegarmos ao ponto de Jacobina – não mais vermos nosso próprio reflexo no espelho. Resta-nos em seguida, após toda a vida vivida, "atar as duas pontas" como Bentinho, Brás Cubas, Quincas Borba, Aires e tantos outros personagens machadianos.

Mas, a paixão só se consolidou no ano do centenário do autor, em 2008 (até mesmo por necessidade profissional); precisei embriagar-me de Assis. Até então, ainda o considerava um exibicionista linguístico e lite-

rário, apresentando-nos um desfile de intertextos que somos obrigados a identificar e relacionar suas respectivas analogias. Pior ainda, tinha-o como um alienado preconceituoso, afinal, como era possível um mulato pobre, descendente de escravos, nascido no morro, gago, epilético e autodidata, povoar suas obras com uma elite branca e inútil, como o "emplastro Brás Cubas" ou a "conveniente Virgília"? Nenhum deles sem "ganhar o pão com o suor do próprio rosto...".

Mas, há vinte anos, faltava-me a malícia, a vivência e a interpretação histórica para perceber como sua ironia e cinismo de fato funcionavam. Machado, simplesmente, utilizava-se do veneno da serpente, agindo como antídoto de seu próprio veneno, ou seja, ao retratar uma sociedade burguesa e seus perfis sociais, cada qual mais hipócrita, cada um deles aprisionado em torno de seu próprio nariz, lembremos a alegoria do "nariz" de MPBC "necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz". A alegoria do "nariz" usada por Machado é a representação do próprio centro de um ser político. Assim, o mundo girando em torno do próprio nariz, todo o mais estaria a serviço de nosso desejo e dominação.

São vários ou, predominantemente em seus textos, a sedução pelo poder, e esta descoberta consolidou minha admiração; a bem na verdade, eu afirmo, com propriedade, que quem de fato, apresentou-me a Machado, foi outro grande autor – Moacir Scliar, ao revelar uma releitura do texto "O Alienista", com o livro "O mistério da casa verde". Veio-me então a certeza de que o autor era o "Bruxo do Cosme Velho", revelando tão bem as mazelas da alma humana e, de como pode ser complexo o julgamento entre o "normal" e o "anormal", o "certo" e o "errado"; mas em contrapartida, de como pode ser simples quando se trata de literatura. Afinal, para o leitor atento, a linha tênue entre o real e o fictício não é tão invisível assim, como também não é difícil à luz da arte, entender (a partir da reflexão) o comportamento do homem.

**Tenho certeza de que a literatura juvenil de Scliar revelou-me um Machado mais próximo, e próximo de leitores menos experientes. Encontrei-me com vestibular da UFG "Eu vos abraço, milhões" de Scliar e, por incrível que pareça, a personagem Valdo (protagonista da história), traz na obra o mesmo ponto de vista de minha imaturidade**

**literária. O personagem também o acusa de alienado em uma época de profundas transformações.** Enquanto, na verdade, Machado apenas trazia à tona, por meio do modo de vida de cada um, os modos e conceitos daqueles que detinham o poder, evidenciando seus pecados e seus crimes; figuras imponentes e presunçosas que se perguntavam "por que bonita se coxa"? Por que coxa se bonita? (MPBC), ou então "por que borboletas pretas"? Por que não são todas azuis? (MPBC). Em outras palavras, por que eu devo conviver com seres e elementos desse tipo, por que não conviver eu com elementos e pessoas, todas iguais a mim? Bonitos e elegantes como eu? Pensando como eu?

Mas o mais triste e bonito dessa história é admitirmos que, no fim, somos como as personagens machadianas, incapazes de reconhecermos nossas fraquezas; afinal é mais fácil e menos comprometedor sermos como Brás Cubas e dizer, quem sabe, apenas como ele disse: "Agora que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo..." (MPBC, cap. II).

E aí está a maior hipocrisia do ser humano, admitir quem "se é", só depois de morto. Mas as pessoas são assim e, assim, Machado as espelhou, no surreal da arte, onde o real sempre aparece.

Infelizmente tem que ser assim... melhor seria se cada um admitisse a "dor e a delícia de ser o que é", Caetano Veloso.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Objetivo, Rio de Janeiro, 1999.

CHLHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. Companhia das Letras. São Paulo. 2003.

SCLIAR, Moacir. **Eu vos abraço milhões**. Companhia das Letras. São Paulo. 2010.

**Para falar do meu Patrono José Elias Pereira, pego emprestado o texto que seu filho Carlucio Carneiro Pereira tão carinhosamente redigiu em sua homenagem:**

## JOSÉ ELIAS PEREIRA: MINEIRO DE FORMAÇÃO – MORRINHENSE DE CORAÇÃO.

Num pequeno torrão montanhoso, lá, no município de João Pinheiro, Noroeste de Minas – Minas das Gerais - no pé de uma serra, no início do século XX, em meio ao cerrado, em meio a veredas, portentosos buritis e tropeiros a pisotearem aquelas terras vermelhas da cultura do solo rico, tão decantados por Guimarães Rosa, nascia Zé – Zé do João Elias – Zé Elias – meu pai, José Elias Pereira.

Menino franzino e expedito, nasceu ali, no dia 13 de fevereiro de 1926, a correr por aquele cerrado misturado com a caatinga do Noroeste de Minas, abrindo porteiras para ganhar um níquel – nasceu na riqueza de menino pobre, do sertão diferente – do sertão verdejante abraçado por montes, montanhas e o céu azul!

Cresceu no pagode da roça, ao som da viola do irmão mais velho, Catarino – folião afamado por toda região e vendo seu pai, devoto cristão, com pés nus, atravessar fogueiras na fé inquebrantável do sertanejo corajoso e temente – temente a Deus. Temente a Nossa Senhora – temente à mãe querida que sempre lhe protegeu, no embalo materno do menino que aos 6 anos, ficara órfão da mãe Ana.

Dia doloroso - um parto custoso levou a vida da mãe Ana. Aninha. Ana Luiza de Paiva – vizinhos de roça, a correr naquela tarde já meio escura, e Zé com a mãe já sobre a mesa de madeira tosca, coberta por fino tecido que mostrava, naquele semblante sem vida, os vincos da dor e da força da mulher de vida extremada – da mulher forte, mãe de mais 8 filhos – mostrava, por derradeiras horas, a mãe que viveu na rusticidade

do sertão das Gerais, doando carinho no desamparo dos filhos... Foi-se, a mãe Aninha, tão querida, aos 33 anos, seguindo Cristo - tão cedo e já tão judiada pela vida, essa moça de pele queimada pelo Sol das Minas - das Montanhas Gerais.

Foi crescendo Zé, carreando boi – viajando até São Pedro da Ponte Firme, levando, em carro chiador de bois carreiros, rapaduras pra vendinha do Firmino. De lá, seguia até Lagoa Grande, lá na beira do Rio da Prata – foi vivendo Zeilias, no afago da vida difícil de filho de agregado – o pai, nascido rústico e sertanejo, causava estranheza por saber ler e escrever - coisa difícil por aquelas bandas, de gente nascida lá nos confins do século XIX – João Elias, sozinho de esposa, vencida pela morte prematura, lutava para cuidar de tantos filhos.

Em 1939 surgia, na mesma porteira que o fazia correr para abrir por um níquel, naquela passagem quase obrigatória rumo a Paracatu e João Pinheiro, dentro de um carrão preto, a família salvadora – a família que, por dedo, mão e benção de Deus e de Nossa Senhora, encantou-se por aquele menino franzino e educado, com pele queimada pelo Sol forte de dias árduos.

Zé foi levado, por essa família, com a permissão e a esperança do pai em dias melhores para o filho, (pai que não veria mais, já que no ano seguinte, em 1940, faleceria em Ibiá, onde morava sua filha mais velha), para o que seria o divisor de águas em sua vida. Saíra da pobreza quase extrema, para morar com uma família que estendera a mão a um menino desconhecido – coisas de Nosso Senhor, que não nos abandona, e tem seu tempo e hora.

Emocionante quando o carro entrou em Uberaba, ainda chamada de - "terra do polvilho podre" – carros passando, pessoas em profusão se esbarrando umas nas outras nas ruas cheias de comércio – lojas e prédios numa visão arrebatadora para um menino de 13 anos, acostumado a carros de bois e à rusticidade das veredas e do cerrado de João Pinheiro.

Ali, na Uberaba de 1939, Zé conheceria pela primeira vez – cama, chuveiro, e calçado. Conheceria prato de fina porcelana, garfo, faca e colher – passava a ter a grande e primeira oportunidade de sua vida!

Aprenderia com seu benfeitor, Sr. Afonso - Gerente do Banco do Brasil de Uberaba, e Dona Oscarina, sua esposa, a educação do lar – ali,

aprenderia a por uma mesa para o almoço e jantar – aprenderia as etiquetas sociais tão valorizadas por aquela tradicional família mineira.

Aprenderia a ler e a escrever, condição que o faria escritor mais tarde – aprenderia a lidar com as letras e a colocar as palavras com esmero e com jeitinho carinhoso – seria um poeta sem rima – um prosador natural, sem as sofisticações de um intelectual versado, mas com a capacidade de contar o dia-a-dia como ninguém. Mais tarde, se matricularia na Escola do Comércio do Triângulo, de propriedade do grande escritor de fama internacional, Mário Palmerio – foi aluno de Mário, por quem nutria profunda admiração.

Veria, naquela cidade encantada, a roupa que lhe cobriria o corpo, já pronta, como por encanto, sem ser do fiador e do Tear rustico da roça que tecia o algodão.

Veria, assustado e encantado, pela primeira vez, o cinema – que coisa fantástica para um menino sertanejo de 13 anos – pessoas, em uma tela gigante, a andar de carros e a dar tiros em Westerns cheios de duelos e paixões avassaladoras – era a visão de um outro mundo, a lhe recobrir as retinas – era um mundo novo, aberto e sem fronteiras – era o crescimento iminente de quem tinha a sede do saber e do entender.

Trabalhou em loja do sobrinho de Sr. Afonso – "A Insinuante" – uma camisaria chique em frente ao sobrado da família benfeitora, na sofisticada Rua Artur Machado, no centro de Uberaba – ali vendia-se, além de camisas, finas gravatas. Trabalharia ali, por dois anos. E, por um ano, foi ascensorista no principal hotel da cidade.

Logo seguiria sua vocação, talvez tomada do exemplo do Sr. Afonso – conseguira uma colocação como entregador de avisos do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerias, onde também limpava e encerava o chão, com todo orgulho.

Logo surgiria outra oportunidade. Prestaria concurso para escriturário no Banco de Minas Gerais, onde fora aprovado com distinção – começava ali outra etapa evolutiva. Seria transferido para diversas cidades mineiras, uma de importância significativa para ele – Patos de Minas Gerais, onde já morava parte de sua família de sangue, com quem nunca perdeu contato.

Em dezembro de 1957, aceitou o cargo de contador da Agência do Banco de Minas Gerais, em Morrinhos. Chegou à Atenas de Goiás, em uma manhã quente, no campo de pouso da cidade, cujo agente aéreo era o Sr. Darcy Chaves. Seria a primeira pessoa que conheceria em Morrinhos, de quem se tornaria grande amigo e, mais tarde, irmão de maçonaria.

O gerente do Banco de Minas Gerais em Morrinhos, à época, era o Sr. Eigo Campolina, mineiro como Zeilias, e que se casara com a Sra. América Mendonça, legítima morrinhense. Sr. Eigo, logo fora transferido para Belo Horizonte, e Zéilias assumiria a Gerência.

Em 1960, casa-se com a morrinhense Haydée Carneiro, e desse casamento, nascem dois filhos – este modesto escrivinhador e Marluce Carneiro Pereira.

Em 1969, seria transferido de Morrinhos, para a cidade de Anápolis, e em julho de 1973, para a nossa bela e jovem capital, Goiânia.

Em dezembro 1974, já como Gerente da Caixa Econômica Estadual de Goiás (Caixego), voltaria a Morrinhos.

Aqui, em 1991, após 42 anos de vida bancária, se aposentaria.

Em 2015, no dia 9 de abril, numa manhã triste e trágica para nossa família, aos 89 anos, o menino pobre que nasceu na Fazenda Gameleira, em João Pinheiro, e que chegaria a Gerente de Banco, faria sua última transferência - Sua última viagem, até, claro, sua volta em uma nova e construtiva reencarnação.

Teve uma vida longa e útil, de qualidade superior.

Viveu e exercitou a honestidade a probidade e a integridade, com maestria.

Foi um justo numa terra de expiação e soube ser grande dentro do seu pequeno mundo.

Carlucio Carneiro Pereira
Morrinhos – Goiás

# BIOGRAFIA DO ACADÊMICO
# IVANOR FLORÊNCIO MENDONÇA - CADEIRA Nº 31

Ivanor Florêncio Mendonça

Nascimento: 05 de março de 1956, em Morrinhos, Goiás.

Filho de Durval Florêncio Mendonça e Maria Eterna de Jesus.

"Sinto um orgulho gostoso de ser de Morrinhos, gosto de contar que sou Morrinhense, de falar dos tempos bons na Fazenda Bom Jardim da Barra, do vô Joaquim Moreira, com seus porões "assombrados", dos sons que saiam do assoalho de madeira ao ser pisado. Como não sorrir ao lembrar-se das "peladas" no largo da rodoviária, com o Traíra, Luiz do Cute, Macuco, Zinho, Getúlio, Nilo e tantos outros "moleques" craques de bola, atentados, mas bons amigos. Das homéricas brigas contra a turma do cerrado, ou com o Vanofinho, Baianinho, Pouca Roupa e outros meninos sem nunca ter pensado em qualquer tipo de armas, ou violência desmedidas. Do primeiro baile no Jóquei Clube, dos filmes de Tarzan no cine Hollywood e do sorriso doce da professora Iraté". Tempos bons demais. Minha infância e adolescência na minha cidade foi maravilhosa.

Ivanor Florêncio Mendonça mudou-se para Goiânia, sozinho, aos quatorze anos de idade em 1970. Sendo transferido da loja de Morrinhos para trabalhar na Capital, na Empresa "A Revolução Tecidos".

Em 1973 - Foi selecionado para o curso livre de arte da UFG.

1973- Compra com o Irmão Heitor uma loja de tecidos em Edéia-GO.

1973- Monta seu Ateliê de pintura na chácara do senhor Vicente Coelho em Edéia.

Frequenta o ateliê do artista plástico João Tupy de 1973 a 1975.

1975- é convidado pela diretora do Colégio Estadual de Edéia, Dona Zariffe para ministrar aulas, e se torna professor de Desenho e Educação Artística.

Em 1976 participa da exposição coletiva no Umuarama Hotel, organizada pelo Artista plástico João Tupy.

1976- Separa a sociedade com o irmão Heitor e compra a loja Casa Goyaz, em Palmeiras de Goiás.

1977- Conhece o Primeiro Assentamento de Terra em Viseu, no Pará.

1977- Participa da fundação da cidade de Paragominas.

1977- Adquire uma gleba de Terra em Vila Rica – MT e se torna um dos líderes dos colonos.

1978- Funda em Vila Riva O Partido do "Movimento Democrático Brasileiro" sendo seu Secretário de Organização. Botando como presidente um comerciante e como vice um colono bem querido. O que culminou com a eleição vitoriosa do aliado Líder católico Tadeu Scame, de Santa Terezinha--MT, cidade em que Vila Rica era distrito.

1979- Escolhido numa assembleia de colonos pra ir ao Congresso Nacional denunciar os desmandos dos donos da Colonizadora, que não estavam horando os compromissos firmados. O Deputado Federal Dante de Oliveira comprou a briga em favos dos trabalhadores rurais.

1981- Depois de inúmeras malárias e aventuras, volta pra Goiás a convite do mano Nestor, que havia alugado uma enorme cerâmica em Alvorada do Norte e convida para uma sociedade.

1981/1982/1983 - Premiado do Gremi de Inhumas em três anos consecutivos.

1982- Retorna a Goiânia e cria a Van Gogh estamparia.

1982- Exposição Novos Valores, Palácio da Cultura, Praça universitária.

1984- Casa-se com Maria de Lourdes Pires, numa cerimônia lúdica na fazenda de seus pais no município de Edéia, onde depois do casamento todos foram nadar no córrego que passava no fundo da sede.

1986- Selecionado para o Salão de Artes de Anápolis-GO.

1987- Premiado em 3º lugar no Salão Anapolino de Artes.

1987- Turnê com o artista plástico Sá Nunes com exposição no Centro Cultural de Divinópolis-MG.

1987- Turnê com o artista plástico Sá Nunes com Exposição na Pinacoteca de Campos de Jordão- SP.

1987- Selecionado para o Salão Nacional de Artes, Pernambuco-PE.

1991- Exposição individual na Sala de Cultura de Morrinhos-GO, onde recebeu uma linda homenagem de ex-professores e comunidade cultural, organizado pela amiga e Superintendente de Cultura, Dona Lolita.

1991- Exposição Individual no Museu de Arte de Goiânia.

1991- Exposição Individual, Banco do Brasil, Setor Campinas, Goiânia GO.

1991- Exposição coletiva na MultArte Galeria.

1992- Exposição Coletiva na Faculdade de Educação - Semana das Artes.

1992- Exposição individual, Até que Enfim, inauguração do ateliê, Setor São José, Goiânia-GO.

1993- Exposição individual no Banco do Brasil, Agência Setor Campinas, AV. Anhanguera.

1994- Exposição Imagens, Sons e Palavras, Centro Cultural Partido dos Trabalhadores.

1995- Pinta uma tela da Igreja Matriz de Campinas para a capa do Jornal "Revista de Campinas" em sua primeira edição.

1996- A partir dessa data dedica-se exclusivamente a pintar retratos.

1987- Nasce à filha Mairá, proporcionando a maior alegria de toda a vida do artista.

1988- Nasce o filho Raoní, arrematando todo o sonho bom do poeta.

1998-Exposição coletiva, Artistas do Centro Oeste, Salão Nacional de Brasília- DF.

1999- Cria o Projeto "Varal de Poesia" no bar "Água Doce", no Setor Oeste, num ponto de encontro de intelectuais de Goiânia.

2000- Pinta um grande painel de São Mateus, patrono dos contabilistas, para a inauguração do Conselho Regional de Contabilidade. Obra que adorna o salão de entrada.

2001- É agraciado com o diploma Mérito Rotário União Campineira, pelos relevantes serviços prestados pela cultura goianiense.

2001- É convidado pelo prefeito Pedro Wilson Guimarães pra assumir a diretoria de políticas Culturais da Prefeitura de Goiânia, na Secult, onde

revoluciona a cidade com apoio às Culturas populares, abrangendo quase toda a capital.

2002- Agraciado com o Título de Cidadão Goianiense, pela Câmara Municipal de Goiânia, numa grande festa com todas as linguagens da Cultura goiana. Título cedido pelo vereador Maurício Beraldo.

2003- Exposição individual na Câmara Munic. de Goiânia, junto com encenação de poesias de Ivanor, pelo ator Semio Carlos.

2003- Membro da Comissão Julgadora do XI Festival de Teatro do Estado de Goiás.

2003- Palestrante no Festival Cultural de Anápolis, "Onde a Anta Bebe Água".

2003- Ganha as Eleições internas e assume a presidência da Zonal 137 do Partido os Trabalhadores.

2003- Encenação dos poemas: "Zuza da Rua" e "Eu Quero um Pai", no Festival de Poesia Encenada, Grupo Arte e Fogo, no Martim Cererê - FETEG. Prêmio Poesia Inédita.

2004 - Lançamento do primeiro livro," A Vida é vida Apesar das Pérolas", de Contos, Crônicas e Poemas, na Fundação Jaime Câmara, Goiânia-GO.

2004- Premiado em terceiro lugar, com a poesia, "Morte da Morte que Nasce a Vida", "Grupo Arte e Fogo", no Centro Cultural Martim Cererê.

2005- Ganha uma disputada eleição e se torna o Presidente do Partido dos Trabalhadores da Região Metropolitana de Goiânia.

2005- Faz um grande painel com Colagem e Técnica Mista para a sede do Partido dos Trabalhadores.

2008- Lançamento do segundo livro, "Um Grito no Silêncio", de Contos, Crônicas e Poemas, na Fundação Jaime Câmara, Goiânia-GO.

2009- Com estande de Expositor na 2º Bienal do Livro do Livro de Goiás, leva poesia falada para os visitantes e convidados.

2009- Exposição coletiva AUTORRETRATOS, Museu de Arte de Goiânia.

2010- Primeiro lugar no Festival Juriti, de Poesia e Música, com a poesia, "Cova da Cova que Nasce a Vida". Goiânia-GO, encenado por jovens atores em situação de risco, dirigido por Semio Carlos e Delgado Filho.

2010- A Escola de Samba Lua-Alá faz o Samba Enredo e o tema do carnaval em homenagem a Ivanor Florêncio e seus feitos pela Cultura do Estado de Goiás.

2011- É convidado pelo Prefeito Paulo Garcia pra assumir a Secretaria de Assuntos Sociais e Comunitário da Prefeitura de Goiânia.

2011- Lançamento do terceiro livro, "Enigmas da Mente, Homem versus Homem", no Museu de Arte de Goiânia, uma coletânea.

2011- Convidado de honra para o 1º Festival de Artes de Rio Verde- Goiás.

2011- Lançamento da segunda edição do livro, "Enigmas da Mente, Homem versus Homem", no SESI da Rua 24, Centro, Goiânia-GO.

2012- Exposição individual, Galeria Antônio Sibasolly. Anápolis - GO.

2013- Assume a Secretaria de Cultura do município de Goiânia, numa festa com mais duas mil pessoas presentes no Paço Municipal.

2013- Empata com o professor Nasr Chaul em primeiro lugar como os mais influentes da Políticos da Cultura do Estado de Goiás.

2013- Exposição coletiva, Paisagens, Museu de Arte de Goiânia-GO.

2013- Lançamento do romance "O Troco", junto com a exposição retrospectiva de quadros "40 anos de estrada e de luz".

2014- Exposição individual, retrospectiva dos 40 anos de artes plásticas – Museu de Arte de Goiânia.

2014- Eleito o mais influente em políticas Culturais do estado de Goiás, pela Contato Comunicação.

2015- Homenageado pela Escola de Samba Flora do Vale, com Enredo do Samba do Carnaval/2015, enaltecendo os trabalhos e a vida do artista Ivanor.

2015- Palestrante sobre a relação entre Mídia e Cultura no IFG em Iporá.

2015- Eleito pela Contato Comunicação o mais Influente político da Cultura do Estado de Goiás.

2016- Exposição Retrospectiva – "Estrada de Luz" – Galeria Octo Marques, Parthenon Center – Goiânia-GO.

2016- Fez o roteiro e está filmando um longa metragem "O Pescador e sua Filha Encantada", uma adaptação extraída da trilogia dos três primeiros livros.

2016- Eleito pelo Quarto ano consecutivo O político da Cultura do Estado de Goiás, pela Contato Comunicação.

2016- Exposição de fotografias na Praça Cívica, onde foram retratados os trabalhadores que reconstruíram a praça.

Membro da UBE – Seção Goiás (União Brasileira de escritores)

Vice Presidente da Comissão Goiana de Folclore

Membro da Associação Goiana de Artes Visuais

Fundador da Associação Goiana de Serigrafia

Goiânia, 23 de Outubro o de 2017.

Ivanor Florêncio Mendonça
Secretário Municipal da Cultura

## CARTA AOS LEITORES

Meus caros leitores, amigos amantes das artes, tentarei, neste nosso encontro literário, narrar um pouco do que é a vida de uma artista. Começo falando de Van Gogh, que mudou a concepção das artes plásticas no mundo, ao usar na sua obra cores vibrantes, pinceladas carregadas, dando movimento e vida aos personagens retratados e nas lindas paisagens que encantam nos museus mundo afora. Esse extraordinário artista não conseguiu comercializar nenhuma de suas obras enquanto vivo. O que o levou a morrer prematuramente, vítima do descaso, da incompreensão e da tristeza de ver sua obra não reconhecida pelos críticos e colecionadores. Esses fatos o levaram ao fatídico suicídio.

Na música, o exemplo que mais me impactou foi também a morte prematura de Mozart, gênio da música clássica, que inovou e popularizou a música erudita de sua época, causando desconforto aos conservadores, o que o levou ao isolamento e pobreza e consequente morte, enterrado em uma vala comum de um cemitério público.

Com essas duas referências, esses dois exemplos tristes, afirmo que nada mudou. Quem se envereda por este caminho, sabe das dificuldades que enfrentará, pois nada mudou, repito. Vejo artistas plásticos com obras maravilhosas expostas, em vão, em praças públicas, tentando tirar seu sustento por meio das artes. Convivo com músicos fantásticos que peregrinam em busca de espaços em rádios, TVs e teatros com sua obra debaixo do braço para ser mostrada e comercializada, na maioria das vezes, sem sucesso.

Escritores como eu, que tem seus livros encaixotados e bem guardados no porão, à espera de algum leitor perdido na multidão; são alguns neste universo literário que sonham em viver de sua arte. Atores e atrizes que nos encantam com suas performances, peças teatrais fantásticas e sobrevivem, miraculosamente, não sei como. Minha vida é parelha com artistas que não se cansam de buscar em corredores frios gestores rotos e indiferentes, verbas públicas para a execução de seus projetos culturais... E, mesmo assim, neste labirinto de incertezas, neste campo comercial inóspito, o artista continua sendo artista enfrenta as agruras de estar à frente de seu tempo. Hoje, um quadro de Van Gogh vale a bagatela de cem milhões de dólares. Mozart é referência em música erudita em todo o planeta.

...e nós, artistas, continuamos a fazer arte, continuamos a enfeitar o mundo, a alegrar ouvidos e sensibilizar mentes e brilhar olhos. Que assim seja!

Ivanor Florêncio Mendonça
Artista plástico, escritor, ensaísta, ativista cultural e sonhador.

# FLÁVIO CASCÃO
# PATRONO DA CADEIRA Nº 32

Filho de Alberto Cascão e Zizita Braga Cascão, nasceu em Morrinhos aos dezesseis dias do mês de fevereiro de 1948. O segundo de sete irmãos.

Bem cedo foi estudar no Ateneu D. Bosco de Goiânia, um internato masculino de referência na época, com a filosofia de "*Educar e evangelizar*".

Já jovem, muda-se para Uberlândia para cursar Engenharia Mecânica na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Foi aluno notável e, logo ao diplomar-se, deparou-se com a primeira dificuldade profissional: optar entre as tantas ofertas de emprego que recebeu, pela competência que já demonstrava. Escolhe São Paulo.

Mais tarde segue para Brasília. Casa-se com Maria do Carmo. Desta união são acrescentados três filhos: Ricardo, Fabiana e Lara.

Sua trajetória junto a órgãos públicos de Goiás foi longa e profícua. Na Telegoiás (1982) foi Analista de Sistemas e Assessor de Processamento de Dados.

1983: Assume uma das Diretorias do CRISA.

1985: Retorna à Telegoiás, agora eleito em Assembleia. Tornava-se o mais jovem Presidente da empresa aos 35 anos de idade.

19985/90: Presidente do DERGO.

1993: Membro do Conselho de Administração da Telegoiás, cargo que o ocupou até o fim de seus dias.

Flávio Cascão era muito reconhecido no meio político, pois tinha o perfil de homem devotado à causa pública. Seu lema era: "*Servir sempre e da melhor forma*".

Galgou, velozmente posições de destaque devido à sua eficiência, honestidade, talento, carisma e presença de espírito. Um líder forjado na têmpera dos bons princípios.

Pessoa "múltipla" e participativa, foi ator, figurando em peças de Dª Zilda Diniz e em atividades cívico-literárias. Era pintor. Retratava a criação, preferência pela natureza, pela gente… pela vida!

Gostava de esportes e literatura.

A 30 de agosto de 1994 cala-se a voz de um líder que, resignadamente, aceitou a doença que lhe tomou os pulmões. Sem jamais perder a fé que professava, Flávio Cascão foi exemplo de perseverança e coragem.

Foi enterrado em Morrinhos – cidade natal, na presença de familiares, parentes, inúmeros amigos e conterrâneos.

Viveu com dignidade, honradez. Deixou uma imensa saudade!

Sua trajetória de bons préstimos à coletividade foi motivo para que seu nome figurasse em logradouros públicos como uma importante Avenida em Morrinhos.

Leni de Andrade Oliveira Meireles.

# LENI DE ANDRADE OLIVEIRA MEIRELES

Nascimento: 29 de maio de 1957, na cidade de Franca-SP.
Filha de Xisto Antônio de Oliveira (escritor) e Célia de Andrade Oliveira.
Casada ,desde 1981, com o Cirurgião Dentista Dr. Melchiades Meireles.
Mãe de quatro filhos: Rubens, André, Celina e Paula. Esta casada com Alexandre R. Borges e mãe do pequeno Miguel.
Tem publicação de artigos de cunho bibliográficos, religiosos, culturais e históricos em jornais locais, periódicos e revistas.
No campo das Artes destaca-se: pinturas, esculturas, indumentárias, trabalhos em metais, arte-sacra e restauração.
Gosta de cantar e tocar violão. Seu hobby: viajar, ler, ouvir música. O maior prazer: a convivência com a família.

**Formação Acadêmica**

- Licenciatura plena em Educação Artística (União das Faculdades Francanas – UNIFRAN – 1978)
- Licenciatura plena em Comunicação Visual (União das Faculdades Francanas – UNIFRAN – 1979)
- Bacharel em Serviço Social (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de História e Serviço Social de Franca, – 1982) – Oradora da Turma.
- Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino, Licenciatura plena em Educação Artística (Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – 2004).

**Atividades Exercidas**

Foi membro de:

- Voluntárias de Goiás
- Rotary Club de Morrinhos – Casa da Amizade – Secretária (em 1983 foi eleito o melhor Boletim Mensal pelo Governador Distrital)
- Associação Morrinhense de Artes – AMART
- Pastoral Vocacional, da Família e Sobriedade.
- Conselho de Cultura de Morrinhos
- Professora de Inglês e Artes
- Participou da comissão para implantação do Museu Histórico de Morrinhos, sendo sua primeira Presidente.
- Recebeu a Comenda de Honra ao Mérito "Profª. Maria Barbosa Reis".

## AUTORRETRATO: EU POR MIM

Leni de Andrade Oliveira Meireles.

Leni! Nome pequeno para a pequena franzina nascida numa manhã de maio. Franzina no físico, mas só aparentemente porque atravessei a vida sem entender uma doença grave. Serelepe, sempre tive pressa. Pressa para nascer, para entender o mistério das letras, para ser independente.

Leni!!! Como em toda família patriarcal, onde a vontade do pai te, prevalência, foi ele a escolher o nome de todas as filhas, inclusive da terceira.

Que sorte! Estava na "mira" de ser Dorly! Só não aconteceu isto porque este era também o nome de um sabonete, o quer não combinaria bem, podendo virar apelido ou comparações indesejáveis.

Leni! Nome pequeno para a pequena franzina nascida numa manhã de maio. Franzina no Tive tudo o que pude desejar sem exageros: carinho e atenção, vida farta em movimento, viagens, informações.

Ai que delícia! Viajei muito. Viajei também através dos livros e escritas na juventude, das cartas às primas, colegas e também as primorosamente ornadas para o meu amor, marido e eterno companheiro. Estas ainda hoje guardadas envoltas em fitas de cetim. Aos acordes de "Música ao Longe", às vezes fui Clarissa sonhadora; às vezes, Polianna brincando o "jogo do contente", ou caminhando junto à "Irmã do Simplício", livro que ganhei ao concluir o quarto ano primário, por distinção e mérito do primeiro lugar. A personalidade forte de quem sabe o que quer se delineou nos campos do estudo.

Alma de artista experimentei aos cinco anos o primeiro lugar no concurso de canto na Rádio Hertz, de Franca-SP. E o prêmio? Vários quadradinhos de sabão. Adorei! Nunca os vi tão pequenos em quadros regulares e coloridos de marrom como miniatura dos da minha casa. Pela segunda vez, houve literalmente sabão em minha vida... Felizmente, a responsabilidade me salvou de outros "sabões" e escorregões que porventura pudessem me marcar...

Gostava do novo, mas não do incerto. Assim, fui fazendo minha estrada com bases sólidas, constituindo a família dos meus sonhos, amorosamente formada de pai, mãe, filhos.... e neto!

## LINHA DE PREGUIÇOSA

Leni de Andrade Oliveira Meireles.

Cedo foi para colégio interno, mantido à custa de aulas da mãe que trabalhava três períodos: cedo, tarde e noite, debulhando seus talentos de mestra, somando afazeres para o sustento dos filhos. Os homens foram para seminários. A mais nova à mercê da meninice, gozando da tranquilidade no lar. A filha mais velha encaminhada para a escola feminina de religiosas, onde era famosa a instrução em todos os níveis, espirituais, artísticos, poéticos. Só que odiava a rotina das horas, odiava as agulhas, testemunhas das habilidades que não tinha.

Oh decepção! Aula de bordado! Rezava para que a tortura nem iniciada acabasse logo, como se fosse possível adiantar o tempo no relógio. Linhas coloridas faziam a festa nos panos sem graça, todos de cores neutras como neutros eram os dias naquele lugar.

Agulha! Ponto! Arremate! De novo! Acabava-se a linha e… uma voz de censura sempre ordenando: Olha o capricho, menina! Pesponto, ponto cruz, acabava-se a linha e… o suplício continuava! As suas mãos de criança sem a destreza necessária sofriam para passar a linha na agulha. Ponto nó, correntinha, haste, acabava-se a linha…

Esperta como era descobriu a harmonia perfeita da fenda pequena da agulha com a linha bem comprida. Orgulhosa, erguia meio metro de fio até o final do cumprimento do braço esticado. Sorria sozinha!

Mas o ranço que cobria o coração da madre superiora não lhe deu tempo de usufruir deste prazer e lhe desferiram bastantes coques doloridos com os nós dos dedos enquanto gritava encolerizada: Linha de preguiçosa, linha de preguiçosa! Pode desmanchar e refazer!

Assim desfazia os pontos de sua obra enquanto lágrimas sentidas lhe molhavam a face.

Se dons tivesse ainda embrionários para eclodir, neste instante foram abortados, afogados na mágoa da insensibilidade e nos rótulos da suposta incompetência.

Revista da Academia Morrinhense de Letras
Volume 3 – 2017 – Anual

# SEGUNDA PARTE

# ESCRITORES MORRINHENSES

# 1º. CONCURSO DE POESIA "ARARA CANINDÉ" PROMOÇÃO DA AML – ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

## 1º. Lugar

**Autora**: Wemily Gonçalves da Conceição – Escola Dra. Gertrude Lutz - Aluna do 4º. Ano do Ensino Fundamental

### ARARA CANINDÉ

Brasileira e bonita
Assim é você
Arara Canindé
Baila no céu em balé.

Suas cores tão alegres
Esbanjando ao céu
Em liberdade de viver
Ganha meu bem querer.

Com beleza e alegria
Com amor e harmonia
Em voz digo a você
Se não cuida com zelo
E com muita dedicação
Canindé pode fazer
Parte de extinção.

Arara Canindé
Use sua beleza
Com suas cores e destreza
Fenômeno de grandeza
Que enfeita a natureza.

## 2º. Lugar

**Autor**: João Lucas Marques Borges – Escola Cri-Ativa - Aluno do 4º. Ano do Ensino Fundamental

### ARARA CANINDÉ, TROFÉU DA NATUREZA

Sua plumagem é muito admirada
Pois traz em seu corpo
As cores do país estampada.

Azul e amarelo enfeitam nosso céu,
Assim como as cores da bandeira
Que nos representam no papel.

Vemos nela a floresta, o ouro e o céu,
É da natureza,
O mais belo troféu.

## 3º. Lugar

**Autora**: Larissa Araújo Silva – Escola Eudóxio de Figueiredo – Aluna do 4º. Ano do Ensino Fundamental

### UM AMOR PARA LEMBRAR

Arara Canindé
Esse poema é para você
Lembrar que eu a amo
E, por isso, vou cantar.

Lembrar que você é a razão do meu viver

Sempre a vou adorar
Você me encanta sem parar
Eu vou cantar só para você
Eu a amo vou dizer.

Eu voo no seu voo
Me sinto seu par!
E não me canso de voar!!!

## CLODOALDO

Às vezes o diferente
é liberto
mas, nem todo chocolate é doce
pingos
meio amargo
com pimenta
dor viciante.
A velocidade
nos traz prazeres
lembrança vernácula,
Caligrafia resquícios e escrita
"Para não dizer que não falei de flores"
Preguiça oh,
Efêmero.

Joaquim Domingos.

## NOSSA MÃE

Pizza no tabuleiro,
macarronada e
guaraná
lembranças
singelas
dos domingos
na mente
nostálgica
pura
forte
e a todo o momento
recordação
de um símbolo
divino/Maria
cumplicidade...
Meu primeiro amor
exemplo forte
de como se manter
a madrugada acordada
e trabalhar noutro dia "

Mãe!
Deixa-me deitar em seu colo?
Por que choras?
Sua benção
vou dormir...

Joaquim Domingos.

# O GOLPE

Eu golpeio,
Tu golpeias,
Ele golpeia,
Nós golpeamos
E o governo cai.
Na calada da noite
O zumbi na rua sai,
Cambaleando pelos becos,
Vomitando na bandeira,
Agachado na trincheira,
Atira na ordem e o progresso cai.
Assassinos de colarinho,
Todos eles engravatados,
Não suportam o desespero
Por nas urnas não terem ganhado.
Agora como cobra,
Presas finas e venenosas
Querem um bote na rasteira
Derrubar a presidente.

Kleuber Eterno Alves de Oliveira.

## LOUCO

Dentro de meu corpo,
Hoje mora um louco A vagar sozinho
Pela estrada seca
Da imensa dor.
Já exausto deita
Sobre as pedras duras,
Desanimado chora
E a Deus implora
A solução tardia.

Kleuber Eterno Alves de Oliveira.

## CARCAÇA VAZIA

Habitaste-me e eu fui teu,
Borboleta que o casulo deixou
Restando vazio e solidão.
Carcaça pálida e vazia
É o que virou meu coração.
Bateste as asas e sozinho me deixou.
Viste como fico sem lhe ter por direção?
Torno-me um navio onde o porto é a sofreguidão.
Torre de marfim:
Sobre tua sombra repousei minha cabeça,
Sobre tua face inventei o meu sorriso.
Foste à estação de minhas flores
Por ti esqueci todos os amores
Que pudesse embriagar o peito meu.
Tu és agora o motivo de todas as dores
Que deixaste com a partida.
No mundo tudo passa,
Menos a saudade
De um amor que encontrei na vida.

Kleuber Eterno Alves de Oliveira.

## MARCAS DO TEMPO

Pelo caminho eu teço a teia
Que calmamente minha
Deixa vestígios que vivi outrora.
Minhas digitais satiricamente tortas
Acompanham as marcas de meu rosto
Emudecido pelo calor do tempo.
Aqui estou parado feito estátua de argila,
Mas o tempo qual algoz vem se encontrar comigo.
Suas garras de tigre lançam força na minha barriga,
Seu rugido entope meus ouvidos.
Carnificina podre vem tirar minha aurora,
E meus anos que de inocente nunca tive
Pegaram carona no último cometa.
Ah poemas que não li ainda
Enchem meu coração de melancolia.
Quantos anos desperdicei na vida,
Quanta loucura cometi sem rima.
Deixai-me só Que só eu consigo fazer minha poesia.

Kleuber Eterno Alves de Oliveira.

# MARTÍRIO

Gritos de socorro,
Em coro ecoa no vento.
E soa ardentemente.
No eterno e fétido
Império carnívoro.
Que indecentemente
E empunha a lança
Que arranca o fígado
E toda entranha espalha
E mancha o chão que pisas,
Atrapalhando o tráfego.
Tu gritas e eu ouço
E sofro no poço ao lado
Com serpentes de dentes
Afiados que sobem afoitas
E loucas sambam em meu corpo.
Teus gritos qual soco
Arrancam meus dentes.
Ouvindo o desespero
Sempre crente
Que o tormento aumente.
Enalteço a força
Que tua mente demonstra,
Um monstro vences
E ainda mentes ao verme
E algoz inquisidor tirano.
Dita regras desconexas e errantes,
Como um berrante mal tocado arrota.

Kleuber Eterno Alves de Oliveira.

# TEXTOS REFLEXIVOS

## AUTONOMIA

Pe. Alex Nunes, CSS.

O ser humano fundamenta-se em primeiro lugar no desenvolvimento de uma atitude caracterizada pelo esforço de autoconhecimento, auto compreensão, auto interrogação e de autoafirmação que podemos chamar de autonomia. Assim, a capacidade de decidir não seria mais reservada aos especialistas, pois a partir da subjetividade, apoiada na experiência pessoal, homens e mulheres exercitam sua capacidade de julgar e discernir racionalmente o que está em jogo numa realidade concreta.

A autonomia é a "capacidade que o homem possui de ser sua própria lei, não no sentido de um arbitrário da liberdade individual, mas como o reconhecimento, no mais profundo de sua humanidade, daquilo que o constitui: a dívida em relação ao outro e a reciprocidade".

A lei da autonomia é comum a todo homem e o constitui em profundidade. Ela é possibilidade de uma postura reflexiva da bioética diante do diálogo interdisciplinar com as várias realidades que se apresentam. Sendo ela comum a todo homem e possibilidade de reflexão e diálogo, cabe-nos o reconhecimento desta autonomia do outro, que me impede de reduzi-lo aos meus próprios pressupostos. Nesse sentido, o critério de autonomia pode se tornar um instrumento heurístico, uma ajuda à decisão ética. Mas deve ficar claro que a lei da autonomia é uma ajuda, um auxílio e não uma norma.

# BIOÉTICA E ESPIRITUALIDADE

Pe. Alex Nunes, CSS.

Pelas narrativas evangélicas pode-se reconhecer na pessoa de Jesus Cristo um homem com uma visão lúcida em relação às pessoas e aos acontecimentos: observa-se que, em todos os debates de que participa, vai até o fundo do problema, não evitando nenhuma pergunta e apresentando em geral soluções que surpreendem e que às vezes, provocam mesmo oposição entre a sua prática, a Lei e a Sinagoga. Ora esta é uma proposta da bioética: apresentar respostas novas para situação novas, sendo estas últimas apreendidas na totalidade do campo que abrangem.

Esta perspectiva a bioética pode nos abrir a uma realidade que nos constitui, como espaço para o Outro. Acredito poder afirmar, sem medo, que a bioética assumida como caminho de humanização e via de interioridade representa uma chance real que a humanidade e a Igreja têm de fazer uma experiência de fé, pois ela tem afinidades profundas com a dimensão da vida de Jesus e com a espiritualidade cristã.

Não quero com tudo isso cair no erro de transformar a bioética em uma ciência teológica, querendo fazer dela um lugar da teologia moral, mas apresentá-la como caminho comum e espaço em que o ser humano vivendo questões existenciais de limites diante da vida e da morte tenham a oportunidade, a partir de uma situação concreta, de descobrir uma espiritualidade, seja ela por vias cristãs ou não. Enfim, a bioética diante das querelas existenciais da qual se depara, na sua hermenêutica e na sua pedagogia, pode ajudar o ser humano no seu percurso de fé, sem por isso perder o seu estatuto secular.

# CONTEMPLA ESTE MEU CORAÇÃO

Pe. Alex Nunes, CSS.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus não é uma espécie de dissecação anatômica como se da pessoa de Jesus Cristo se pudesse escolher uma parte em detrimento de outra. Ser devoto do Coração de Jesus é ser íntimo de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, tendo como símbolo o seu coração, "por meio do qual se tornam sensíveis os efeitos invisíveis e inefáveis de sua caridade" diz São Gaspar Bertoni. É o mesmo coração que transpassado pela lança jorrou sangue e água, o qual "é impossível venerar sem se referir a seu amor" (São Gaspar Bertoni).

Essa devoção tem implicações profundas para vida cristã, pois chama cada cristão, a partir do binômio "fé e vida" a testemunhar para o mundo com palavras e gestos as mesmas atitudes de Jesus do qual a Escritura diz: "Olharão para aquele que transpassaram" (Jo 19,37). O coração é símbolo do amor, da acolhida, da misericórdia, da alegria, da confiança, da paz, da dor, do sofrimento, é o lugar em que habita a verdade do ser humano e a graça que o santifica. No coração de Jesus está condensado o resumo do amor incondicional que Deus tem pelo ser humano revelado no mistério da sua encarnação e redenção.

O amor e devoção ao coração de Jesus comporta uma atitude de conversão, empenho e dedicação em favor principalmente, de todos os homens e mulheres marcados pelo pecado, pela injustiça, miséria, pobreza que deixam seus corações machucados, entristecidos, abandonados e partidos. A verdadeira devoção ao Sagrado Coração de Jesus nos liberta contra toda sorte de sentimentalismo e superficialidade e nos convoca a estender nossa mão no lado de Jesus e no lado de nossos irmãos e irmãs empobrecidos a fim se socorrê-los nas suas diversas paixões: "Estende tua mão e põe-na no meu lado" (Jo 20,28).

[1] BONETTI, Inácio. A Gramática de Padre Gaspar: Meditações Cotidianas. Goiânia: Ed. UCG; p.379 n. 346.

# FESTA DO DIVINO

Pe. Alex Nunes, CSS.

**Divino é você,** quando abre o seu coração ao Espírito Santo deixando que Deus faça morada em seu coração;

**A Festa do Divino é você**, quando se dispõe, todos os dias, viver a Alegria do Evangelho;

**O Imperador e a Imperatriz** é você, quando impera na sua vida a bondade e o amor;

**A Folia e o Folião** é você, quando sabe sorrir, dançar, cirandar e brincar como criança na relva da tarde;

**A Bandeira é você,** quando conduzido pelo Espírito Santo entra na casa e na vida das pessoas sem distinção levando a paz, a esperança e a alegria;

**As Cores do Divino é você,** quando com suas virtudes e santidade enfeita e colore o mundo e a vida de todos;

**O Sorriso do Divino é você,** quando com sua gargalhada ilumina a vida dos tristes;

**As Lágrimas da Festa do Divino é você,** quando iluminado, você acolhe o choro dos que sofrem secando suas lágrimas com a delicadeza de um beijo;

**As Sonatas e as músicas do Divino é você,** quando sua voz como brisa suave enche o mundo de harmonia e unidade entoando um canto de paz, justiça e amor;

**A Comida de folia é você,** quando sacia de pão e esperança os mais pobres;

**As Prendas do Divino é você,** quando seu coração é imensamente generoso e sensível com os pequeninos;

**Os Fogos e as Luzes do Divino é você,** quando sua vida é luz, candeeiro que ilumina a vida do mundo;

**O Encontro das Bandeiras do Divino é você,** quando sua vida é visita, acolhida e escuta que perdoa e restabelece a paz;

**A Saudade, a Nostalgia e a Tradição do Divino é você,** quando olhando para o passado agradece a Deus pela fé de seus pais; vive com alegria o presente e lança um olhar fixo no futuro, na certeza que Cristo é o mesmo de Ontem, Hoje e Sempre;

**O Viva ao Divino é você,** quando grita aos quatros ventos que o amor vale a pena;

**A Pomba do Divino é você,** ao alçar voos leves e livres rumo a Deus;

**A Fogueira do Divino é você,** quando o seu coração é portador da chama que aquece a vida das pessoas;

**O Capitão do Mastro é você,** quando com coragem você ergue para o mundo a bandeira da paz;

Que a **Festa do Divino** não termine, mas seja constante, até o dia em que plena e definitivamente, seremos levados pelos braços do Espírito, brisa suave e leve, para o céu, onde não haverá mais lágrimas e nem tristeza, pois Deus "enxugará toda a lágrima de nossos olhos." (cf. Ap. 21,4) e assim, viveremos eterna e definitivamente o novenário do Divino: **A Festa da Alegria**.

## CARÁTER, VIRTUDE E ÉTICA NA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

Por Alex Nunes, CSS.

A ética na orientação espiritual está intrinsecamente ligada às virtudes, que permitem, ao orientador ou ao ministro na pastoral, levar a bom termo os deveres inerentes à sua vocação ou profissão. Esses deveres se cumprem no relacionamento diário dentro do contexto da orientação e da pastoral.

Orientadores e ministros têm um desafio maior do que qualquer outro profissional. Os demais profissionais como, por exemplo, o psicólogo ou o médico, tem espaço definido para o encontro com seus clientes ou pacientes e um código de ética já definido pela classe. O orientador e o padre não têm um código e espaço definido. Ministros e orientadores lidam

com seus interlocutores no dia a dia da pastoral e da vida de comunidade. Normalmente, o médico e o psicólogo, em tempo do não exercício da sua atividade profissional, não se encontram o tempo todo com seu pacientes.

Por esse motivo, o exercício das virtudes, do caráter e da ética se faz mais exigente para o orientador e para o ministério pastoral. Para orientadores espirituais e ministros, a ética acontece, a partir do seu modo de agir no exercício de seu ministério. A pastoral depende muito de quem são seus ministros, por isso, a construção de uma ética nesta área se dá pelo caráter e virtudes dos ministros.

O caráter forma as virtudes. As virtudes conservam o caráter pelo hábito e, assim, vai-se delineado a ética deste ministério. Caráter é normalmente definido pelo tipo de pessoa que age a partir de certa forma. O caráter é uma realidade de foro íntimo. É definido pelas motivações, atitudes, intenções e disposições, que relacionadas com as virtudes revela pessoas generosas, dedicadas, enfim com caráter e ética.

No inverso dessas atitudes, teremos pessoas interesseiras, descompromissadas, inautênticas que não conseguem manter-se fiel às suas convicções; por isso, não vive o hábito das virtudes. No ministério pastoral e de orientação, exigem-se pessoas de caráter forte, não vacilantes e virtuosas para que, assim, possam ser reconhecidas como pessoas de princípios éticos e morais. O caráter é aprendido e apreendido a partir de pessoas boas e do testemunho daqueles que formam o ambiente social. O caráter e as virtudes dependem muito do ambiente. É importante que comecemos por viver em lugares em que reinem as boas atitudes de generosidade, respeito, verdade e responsabilidade com o outro.

Por isso, o caráter e a virtude como construtores da ética, só têm fim com a morte. A ética do ministro e do orientador vai sendo construída, a partir de sua história como ser corporal no mundo, que deixa atingir pelas experiências da vida.

Essas experiências vão sendo acumuladas e, este acúmulo vai lapidando e aperfeiçoando o caráter e as virtudes. Caráter, virtude e ética são cumulativos. Eles se revelam no modo de ser e agir do agente de pastoral e do orientador na busca pelo bem, pela verdade e pelo belo, evitando o mal, gerador do mau caráter, dos vícios e da imoralidade.

O ministro e o orientador precisam estar atentos aos seus gestos, palavras e ações para que, no exercício do seu ministério, possam brilhar como exemplo ético a ser seguido nas relações, sejam elas pastorais, de orientação ou sociais. O ministro precisa se conhecer profundamente e estar se confrontando, constantemente, revendo suas atitudes, suas relações, suas amizades, suas intenções, suas motivações, tendo o olhar fixo em Jesus Cristo que "por toda parte, andou fazendo o bem" (At 10, 38) "e tudo tem feito bem" (Mc 7,37).

Os ministros da pastoral ou orientadores não podem se esquecer que, diante da comunidade, o seu trabalho, a sua profissão e o seu ministério são um ministério de poder, que tem forte influência na vida das pessoas e do mundo. Com a clareza que esse poder é um poder ao avesso, pois é um poder revelado no serviço ao próximo.

O poder do ministro é o poder de servir, poder libertador que gera no outro a capacidade de amar. Poder que dá poder aos sem-poder, e renova a esperança dos desesperançados. É poder-autoridade, que não se fundamenta em códigos e leis, mas no testemunho de vida, que exige do ministro um "poder sobre si mesmo", no controle de seus impulsos egoístas. Os ministros que não se conhecem e não se possuem, não têm como ser pastor e orientador de seus irmãos. Esse poder dos ministros é fundamentado no radical da palavra *ethos* que significa: Morada do Ser.

Assim, o ministro e o orientador precisam ser para poder fazer. Ser bom, ser verdadeiro, ser honesto, ser prudente, ser discreto, ser generoso, ser delicado, ser livre, ser humilde, ser sábio, ser amigo, ser realizado, ser alegre, ser cuidadoso, ser silencioso, ser resolvido, ser comedido, ser autêntico, ser responsável, ser compromissado, ser misericordioso, ser confiante, ser esperançoso. Enfim, ser no mundo e na vida do outro o amor, para realizar aquilo que de forma lapidar Santo Agostinho disse nestas desafiadoras palavras: "Ame e faça o que quiseres".

**Referência Bibliográfica:**

GULA. Richard M. **Ética no ministério pastoral**. São Paulo: Loyola, 2001.

# POESIAS

Pe. Alex Nunes, CSS.

## Viagem

A seca secou dentro de mim,
Dentro de mim a seca,
Dentro da seca, dentro de mim.

## Cansaço

Estou cansado da volta, sem ter ido.

## Sede

Tenho sede, e não posso pedir água.
Se peço me ferem com lança fria e cortante.
O acre toma conta dos meus lábios.
Tenho sede, sede do seu amor.

## Crepúsculo

Pareço-me uma bailarina
No corpo cansaço, no rosto tristeza e nas mãos sapatilhas;
E no coração a certeza de não ter dançado o balé.

## Cotidiano

Busco ser feliz, mas ser feliz é tão difícil,
A vida parece ser a mesma de amanhã.
Amanhã vou tecer, cantar, chorar, esperar e amar,
Amar como ontem.

**Luz**

Cada luz, vida;
Cada vida, luz;
Lâmpada, candeeiro;
Sou lampião em noite escura;
Sou noite escura acendendo candeeiro.

**Poesia**

O poeta e a poesia são mistérios

**Vida**

O alinhavo da vida;
O rasgar do coração na espera.

**Pirapora**

O Benjamim vai parti;
Beija-me antes de partir.

**Lua**

Lua acanhada;
Noite humilhada;
Vida espalhada;
Brisa espraiada.

**Casinha acanhada**

Hoje poeticamente me fizeram este convite:
Visite nossa casa acanhada, recuada e tímida.
Ah! Quanta poesia!

## Lado de dentro

Você entrou pelo lado de dentro;
Não quebrou nada;
Nada mexeu;
Devagarinho lá estava você do lado de dentro.

## Ruína

O pensar hoje teve a ousadia de passar por desejo.
Foi ruína total.

## O Amor

O amor está eternamente colocado, proposto, dado.
Ele é transbordante, exagerado, excessivamente presente.

## Solidão

Na permanente solidão, não é solitário o homem.

## Dionísio

Escrevo a vida com tintas. Tinta azul.
Por vezes preta.
Ensina-me Dionísio a escrever a vida com sangue;
Sustentá-la com ossos, e como uma rede de pescador,
Jogada ao mar, entrelaçar tudo de nervos.

## Paraíso

O paraíso é fome de algo.
Coisa eterna, infinita que foi dado no início.
E que será saciado só no final. No final o início.

Amo o que não sou.
Sou o que não amo.
Amo tantas coisas.

Ao sair não leve tudo;
Deixe algo.

A cada abraço;
Um pouco de mim.

Lua de minha disritmia;
Tu vales mais que mil aulas de astronomia.

## Palavras

Palavras, quantas sem escuta!
Sem escuta, quantas palavras?
Palavras, palavras
Onde está a Palavra?
Ouço e não escuto a Palavra;
Escutar a Palavra: eis o desafio.
Início da carne.
Carne dada no início.
E o Verbo se fez Carne.

# O MISTÉRIO DE ITABUA

Itabua é uma pequena cidade do interior. Lá vivia um garoto chamado José.

José tinha mais ou menos 17 anos e era apaixonado pela filha da vizinha, que mudara para lá há poucos meses. Ele estudava na mesma escola dessa menina...

Lá na escola, os outros alunos apelidaram a menina de gótica, esquisita! Pois usava roupas longas e pretas sempre; estando frio ou calor.

Um dia, José decidiu criar coragem e chamar a menina para um encontro no cinema. Mas ela disse para ele que queria escolher o lugar

No outro dia, diz à menina que queria um encontro diferente! E diz que queria ver o nascer da lua cheia, atrás do cemitério.

José fica um pouco apreensivo, mas aceita e marcam para sábado.

No sábado, às 10 horas, os dois se encontram e sentam num banquinho e começam a conversar... Até que a lua cheia começa a nascer, e a menina começa a ficar eufórica e mais eufórica e fica de pé no banco...!

José começa a ficar com medo, até que percebe que a menina está criando pelos no rosto e no braço. E José percebe que a menina está virando um lobisomem e ele corre para o cemitério. Ela corre atrás. Ele entra no cemitério e se esconde atrás de uma sepultura...

A menina, antes de entrar no cemitério, solta um uivo amedrontador que chega a vibrar o chão!

José corre para se esconder em outro lugar e ouve passos do lobisomem...

Quando, de repente, ele lê seu próprio nome José na sepultura e dá um grito!

Acorda no seu quarto e vê que foi tudo um sonho, ou um pesadelo e percebe que ainda é sexta-feira.

José pensa: Será que foi só um pesadelo ou foi um aviso!...

Ray Oliveira.

# DELÍRIOS DE AMOR

O seu sorriso é mais lindo que o brilho do Sol
Mais esplendoroso que o azul do mar
O seu olhar é mais belo que o céu azul.

Eu sei que vou te amar
A cada dia irei te amar
A cada hora, minuto e segundo irei te amar
A cada batida do meu coração irei te amar sempre sem parar

Sempre bel e bonita será por enquanto eu te amar
E sempre, nunca este amor irá acabar.

Só me falta algo
Algo simples a fazer
Que é um dia me declarar a você
E somente você terá e tem o meu amor.

Por um motivo algo simples
Eu te amo!

Ray Oliveira.

Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a Pronto Editora Gráfica/ Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da Pronto Editora Gráfica/ Kelps, no papel: Off-set 75g/m², composto na fonte Minion Pro, corpos 8, 10, 12
Novembro, 2017

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor